

GIL VICENTE

---

# AUTO DA FESTA

---

OBRA DESCONHECIDA

COM UMA EXPLICAÇÃO PREVIA

PELO

CONDE DE SABUGOSA

Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1906



A Jayme Balthazar Reis  
off

v

AUTO DA FESTA

o

Com de S. Sabugosa



GIL VICENTE

---

# AUTO DA FESTA

---

OBRA DESCONHECIDA

COM UMA EXPLICAÇÃO PREVIA

PELO

CONDE DE SABUGOSA

Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1906



OFERTA  
318741

9

21  
61427

H 502580

# SUMMARIO

	Pag.
I	
Prologo . . . . .	7
II	
Impressão produzida por Gil Vicente na sociedade do seu tempo: Reis, Rainhas, Infantes, Côrte, Povo, e n'aquelles mesmo que elle beliscou. Depois que as suas composições se tornaram irrepresentaveis, um movimento de erudição arreigou nos espiritos cultivados, e indirectamente no sentimento popular, o culto de Gil Vicente. Os que o tem estudado . . . . .	9
III	
As edições. As folhas volantes. As que foram impressas em sua vida, e as que se imprimiram depois. Algumas se perderam. Por que motivos. Este auto ficou esquecido n'uma miscellanea, durante seculos, na minha livraria. . . . .	25
IV	
A minha livraria. Embora não tão importante como algumas do seculo xviii, tem obras boas e curiosas. Como se compõe. O que foram os seus manuscriptos. Quaes os que possuo hoje. O meu catalogo elaborado em 1904. Alem de outras curiosidades revelou as folhas das compilações, n'uma das quaes se acha o <i>Auto da Festa</i> . . . . .	35
V	
O que seja o volume em que se contém este Auto. Indicação das vinte e uma obras de que elle se compõe. Coincendencia de se acharem n'este volume cinco peças desconhecidas na bibliographia portugueza. Julguei meu dever dar á estampa o <i>Auto da Festa</i> , acompanhando-o de curta explicação. . . . .	39

## VI

	Pag.
Como a publicação d'este Auto ha de ser acolhida. Estudos portuguezes. Movimento lusophilo. Os estrangeiros que lhe teem dado incremento e impulso. Como o neo-vicentismo ha de contribuir para este Auto ser apreciado . . . . .	49

## VII

A authenticidade d'este Auto. Como se prova : pelo estylo inconfundível ; pela philosophia que encerra ; pelo scepticismo ; pelo confrônto de alguns trechos d'este com os de outras composições de Gil Vicente. Referencias do auctor a si proprio. As que são feitas n'este Auto. Arte com que varia n'este Auto a linguagem de cada personagem conforme a sua condição. A rubrica n'esta edição que supponho coeva do auctor . . . . .	53
---	----

## VIII

Quando foi composto e representado este Auto? Entre 1532 e 1535. Inclino-me a 1535. Demonstração. A indicação biographica é preciosa por afastar a hypothese de o poeta ter nascido em 1475. Supponho que não foi representado a D. João III, mas sim a um particular nobre que é : o <i>dono da casa</i> . Demonstração. . . . .	65
---	----

## IX

Quem seja o dono da casa. Conjecturo ser o Conde de Vimioso. Motivos d'esta supposição . . . . .	71
--	----

## X

A importancia d'este Auto entre as obras do poeta. A natureza da sua linguagem. Duvidas sobre alguns vocabulos . . . . .	83
--	----

---

Transcripção do <i>Auto da Festa</i> . . . . .	95
<i>Auto da Festa</i> (fac-simile) . . . . .	129

## EXPLICAÇÃO PRÉVIA

### I

#### Prologo

Eu não sou n'este Auto senão a figura que no theatro antigo vinha á bocca da scena declamar o prologo, explicar a acção, expor n'um prefacio o argumento da peça dramatica, levar ao conhecimento dos espectadores circumstancias de que o auctor desejava informal-os antes dos personagens fallarem, preparar o animo do auditorio para melhor apreciar as bellezas da obra.

Serei aquelle que, no theatro grego e no latino, ou seja em Euripides e Aristophanes, ou em Plauto no seu *Amphytrião*, dava ao publico o antegosto das peças, e lhe facultava, com o conhecimento do enredo, a capacidade de tranquillamente e sem surpresas, avaliar a qualidade litteraria do poema.

Serei o *representador*, o *festeiro*, o *mordomo* do *Auto de El-Rei Seleuco* que no côrro de Estacio da Fonseca, enteadado do reposteiro de El-Rei D. João III, n'aquella noite em que, celebrando as nupcias de uma pessoa de familia, figurava ter sido encarregado por Camões, o proprio auctor, de recitar o curioso prologo em que diz para os espectadores: «Vossas mercês é necessario que se cheguem uns aos outros, para darem logar aos outros senhores que hão de vir».

Serei o licenciado da *Comedia de Rubena*, o frade da *Mofina Mendes*, a figura do auctor no *Templo de Apollo* e

no *Triumpho do Inverno*, e serei ainda o licenciado do *Auto da Lusitania* que vem dizer:

Gil Vicente, o autor,  
Me fez seu embaixador.

Serei tambem o pae de Lediça que exclama:

Para que cumpridamente  
Aito novo inventemos,  
Vejamos um excellente  
Que presenta Gil Vicente,  
E per hi nos regeremos.

Citados estes versos, que tão appropriadamente podem servir de epigraphe ao presente prologo, vejamos o que seja este, por assim dizer, *aito novo que presenta Gil Vicente*.

Novo, ou quasi novo sim, porque era ignorado e desconhecido este Auto do fundador do theatro portuguez, que adeante vae.

E se entro a fallar antes que os outros personagens que n'elle figuram, é para explicar os motivos por que dou á estampa esta preciosidade, que seria inestimavel já só por si, se, ao valor que lhe dá a raridade bibliographica, não viesse juntar-se o merecimento intrinseco de revelar tantas das qualidades typicas da musa jovial do alto poeta.

## II

Impressão produzida por Gil Vicente na sociedade do seu tempo: Reis, Rainhas, Infantes, Córte, Povo, e n'aquelles mesmo que elle beliscou. Depois que as suas composições se tornaram irrepresentaveis, um movimento de erudição arreigou nos espiritos cultivados, e indirectamente no sentimento popular, o culto de Gil Vicente. Os que o teem estudado.

A musa de Gil Vicente, aquella musa que porventura passou ainda tamanina, e quasi muda, nos serões do Paço, em tempos de D. João II, onde poetas palacianos, trovadores cortesãos e damas apreciadoras da *gaia sciencia* ver-sejavam á porfia, trocando apodos, villancetes e *cousas de folgar*, e que encheu os dois reinados, de D. Manoel e D. João III, com o seu pluriforme engenho, essa musa tem o condão de ser a todos interessante, e de dar aos espiritos das successivas gerações, que se teem seguido até agora, aquella impressão de arte, aquella vibração do senso esthetico latente em todos nós, e que só os genios sabem provocar.

Essa musa, cheia de graça e vivacidade, sagaz no conhecimento do coração humano, gaiata e leve na forma do *mal dizer*, satyrica no flagellar dos defeitos e vicios, perspicaz na observação da sociedade que a rodeia, essa musa rica de sal, elegante no estylo e harmoniosa no versificar, soube, desde que appareceu, captivar a attenção dos que a escutavam e dos que teem lido as obras do poeta, por mais diversos que sejam os temperamentos d'esses leitores.

N'aquella sociedade tão culta dos principios do seculo XVI, Gil Vicente impressiona e attrae as attensões de todos.

Interessa o espirito da Infanta D. Beatriz, mãe de El-Rei D. Manoel, que no dizer de alguns <sup>1</sup> foi quem encomendou ao poeta aquelle Auto pastoril chamado da *Visitação*, que elle recitou, na noite de 7 ou 8 <sup>2</sup> de junho de 1502, no quarto onde a Rainha D. Maria, segunda mulher de D. Manoel, tivera, dois dias antes, o primeiro filho, que veio a ser D. João III.

Foi elle *persona grata* á Rainha D. Leonor, viuva de D. João II, a irmã de El-Rei D. Manoel, que sempre mostrou grande predilecção pelo poeta, tendo-lhe encomendado muitas das suas peças, assistido a bastantes d'ellas, e trazendo-o muita vez na sua côrte, como se vê do processo de Vasco Abul <sup>3</sup>.

Consolou a *catholica e santa Rainha D. Maria*, na sua propria camara, estando enferma do mal de que falleceu, representando-lhe a *Barca do Inferno* <sup>4</sup>.

Seduziu as duas individualidades tão diversas de D. Manoel e D. João III, o primeiro dos quaes, ou tivesse sido ou não seu discipulo de rhetorica <sup>5</sup>, o encarregou successivamente de compor e representar autos na sua côrte, e o segundo que já desde Príncipe assistia com agrado ás suas representações, entrando até em algumas d'ellas <sup>6</sup>, e encarregando-o de colleccionar as suas obras, trabalho que mais tarde foi effectuado pelo filho Luiz Vicente e pela filha Paula Vicente, a *Tangedora*, a quem deu o privilegio para a publicação das obras de seu pae.

Encantou a Infanta D. Beatriz, filha do Rei D. Manoel, para cuja despedida compoz a tragicomedia *Côrtés de Jupiter*, que foi representada nos Paços da Ribeira em

<sup>1</sup> Brito Rebello, *Gil Vicente*, pag. 26.

<sup>2</sup> Vide a interessante nota do Sr. Sousa Monteiro a pag. 245 do *Boletim* da 2.ª classe da Academia Real das Sciencias, vol. 1, 1898-1902.

<sup>3</sup> *Cancioneiro de Resende*, III, 523 e sgs.

<sup>4</sup> *Auto da Barca do Inferno*, rubrica da edição *princeps*, que differe das outras, como depois veremos.

<sup>5</sup> Como insiste em crer o Sr. Theophilo Braga.

<sup>6</sup> *Comedia do Viuvo*. *Obras*, tomo II, pag. 99.

1521<sup>1</sup>. N'esta peça, que trezentos e dezasete annos depois havia de inspirar a formosa comedia de Garrett, figura o poeta que a infanta portugueza, partindo por mar para ir casar com o Duque de Saboya, é seguida pelo povo, pela côrte, e

por toda a geralidade  
dos nobres, por esse mar

que, transformados em animaes marinhos e todos feitos pescados, vão seguindo até Cascaes o galeão que

Leva a linda desposada  
para que ella

Não caminhe esta jornada  
Com saudade suspirando.

Encantou tambem a irmã — a *sacra* e *preclarissima* *sagrada* e *soberana* Imperatriz D. Isabel. Comquanto «enfermo de febres» *Gilete* não a deixou partir sem a saudar sentidamente na tragicomedia do *Templo de Apollo*.

Foi enlevo de D. Sebastião ainda criança, como se vê

<sup>1</sup> Posto que a rubrica das *Obras* fixe a data de 1519 para a representação da tragicomedia, o que é certo é que Garcia de Resende, testemunha presencial da festa, dá-a como realizada em um domingo 4 de agosto de 1521. Foi n'esse dia que El-Rei, Rainha, Infantes, e a Infanta Duquesa na volta da Sé, para onde se haviam dirigido ás quatro horas da tarde com o acompanhamento que o pittoresco chronista descreve, — «Deceram no Paço e em hũa muy grãde salla armada toda de muy rica tapeçaria douro, e muito bem alcatifada, dorcel, cadeiras, e almofadas de mui rico brocado se começou hũ grande serã em que El Rey nosso Senhor dãçou có a Senhora Infante Duquesa sua filha, a Raynha nossa Senhora com a Infante Dona Isabel, o Principe Nosso Senhor, e o senhor Infante Dom Luys com damas que tomárão. E assim dançarã todos os galantes que hiam a Saboya, e muytos outros senhores, e galantes, que durou muyto. E as danças acabadas se começou hũa muyto boa, e muyto bem feyta comedia de muytas figuras muyto bem ataviadas, e muyto naturaes feyta, e representada ao casamêto e partida da Señora Infante cousa muyto bem ordenada, e bem a proposito, e com ella acabada se acabou o seram».

Garcia de Resende, «Hida da Infanta D. Beatriz pera Saboia», na *Chronica de D. João II*, pag. 143, *mihi*.

da dedicatória de Luiz Vicente <sup>1</sup> quando lhe diz: «E porque sei que já agora nessa tenra idade de Vossa Alteza gosta muito d'ellas, e as lê e folga de ouvir representadas».

Recreou a mystica Rainha D. Catharina que sempre assistia ás representações das suas peças, como por exemplo ao *Triumpho do Inverno*, que representou em Lisboa na occasião d'esta Senhora ter um filho, e ao auto da *Historia de Deus*, que se deu em Almeirim *para seu prazer*.

Tambem os Infantes irmãos de D. João III: D. Henrique, D. Affonso e D. Luiz, eram grandes apreciadores dos autos, sendo até a este ultimo attribuida uma das peças da escola vicentina que corre na tradição com o nome de *Auto de D. Luis de los Turcos* <sup>2</sup>.

Lisongeava acariciando o amor proprio, ou feria sublinhando os defeitos de muitas das individualidades, e das classes perante as quaes representava. E as suas phrases eram, ou douradas abelhas carregadas de mel do Hymeto que adoçavam a vaidade dos ouvintes amimados, ou perfurantes vespas que ferroavam a epiderme dos visados pela sua veia sarcastica.

Panegyrista, os seus versos e as suas rubricas exaltam as qualidades: já do Rei D. João II, a quem chama, com intenção decerto elogiosa, Juan Domado <sup>3</sup> com o seu ca-

<sup>1</sup> *Obras*, Appendix, pag. xxxvii.

<sup>2</sup> Tambem tem sido attribuido ao filho do poeta, e tambem a seu neto Gil Vicente de Almeida. Theophilo Braga, *Eschola de Gil Vicente*, pag. 227. E porventura apenas teria por assumpto a parte que o Infante portuguez tomou na expedição a Tunis.

<sup>3</sup> Não tem sido explicado este cryptonymo supposto de D. João II. Na rubrica da edição *princeps*, lê-se: «Juan Domado, dizia por El-Rei D. João II».

Se me é licito aventar uma supposição, lembrarei que o adjectivo *damado* tinha no tempo de Gil Vicente a significação de «querido, amante», como se vê da «Taboa Glossaria» das *Obras*, a pag. 395 do tomo III. Ora usando-se em algumas palavras indistinctamente o *a* e o *o*, como *som* ou *sam* em vez de *sou*, é admissivel que *Domado* significasse o mesmo que *Damado* = *amado*, *querido*. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, a quem submetti a hypothese, não se inclina a esta interpretação. «Confesso, diz a erudita escriptora, que essa tentativa

jado de flores, já de D. Manoel; «*Rei que o mundo mandou*», e já de D. João III, de quem *quer louvar as excellencias* na epistola dedicatória das suas obras.

Galanteador, elle diz, n'um epithalamico lyrismo pela bocca de Jupiter <sup>1</sup>, á Infanta Beatriz que partia para se casar em Saboya:

Ide, ventos, á mui bella  
 Lua Diana fermosa,  
 Dizei que a mais bella qu'ella  
 Está pera ir á vela  
 D'estes reinos poderosa.

E á Infanta D. Isabel diz que, acompanhando-a:

Irá como superiora  
 Estrella clara d'aurora  
 N'uma galé sem batel,  
 Com seis remos de marfim,  
 E o céo todo por vela;  
 E levará á toa ali  
 Todo o mundo após de si.

E ainda depois diz a outra:

Madama Dona Maria  
 Irá sobre cherubins  
 N'uma roupa d'alegria  
 Por aia Santa Luzia  
 E por guardas Seraphins.

---

etymologica não me convence. *Damado*, ou antes *adamado* (de *dama* = effeminado, porque só conheço esta ultima forma), não é alcunha que sirva bem para caracterizar D. João II. E a transformação para *domado* mal se teria realizado n'uma palavra tão pouco usada como esse adjectivo. Creio que mais vale dizer que o problema está por resolver».

Acatando a opinião auctorizada da illustre escriptora, não me pareceu comtudo descabido apresentar o tentamen de explicação do enigmatico cryptonimo de D. João II, Rei a quem decerto não quadrava o epitheto de *effeminado*, mas que embora *temido* foi tambem *querido*, significação que parece ter tido o adjectivo *damado*, segundo os auctores do Glossario.

<sup>1</sup> *Obras*, II, pag. 399 e sgs.

E chama ao Infante D. Luiz *esclarecido* e ao Infante D. Fernando *bello, formoso, bem assombrado*.

Na ladainha que Branca Gil declama na farça do *Velho da Horta*<sup>1</sup>, e em que são invocados os nomes de muita gente que andava na côrte, e dos quaes alguns se achavam ali presentes, elle dá a cada qual um epitheto mais ou menos carinhoso, segundo as suas qualidades ou a sympathia que lhe merecia.

Martim Affonso de Mello, *é tão namorado*; Gonçalo da Silva, *é porfioso em amador*; Tristão da Cunha, *confessor*; o commendador-mór de Avis, *mui inflammado*; e pede ao

Santo Barão de Alvito  
Seraphim do Deus Cupido

que

Console o velho afflicto.

E ás senhoras dá tambem epithetos:

D. Maria Anriques, *é preciosa*; D. Joanna de Mendonça, *formosa, preciosa, lustrosa e ufana*; D. Joanna Manoel, *angelica e humana*.

..... D. Catharina  
de Figueiredo a Real  
Por Vossa graça especial  
Que os mais altos inclina  
etc.

Depois, talvez já com malicia e n'umas indirectas que não nos é permittido aclarar:

..... D. Beatriz  
da Silva que sois aquella  
mais *estrella* que *donzella*

..... Dona Violante  
de Lima, de grande estima  
Mui subida, muito acima  
d'estimar nenhum galante.

<sup>1</sup> *Obras*, III, pag. 79 e sgs.

D. Maria de Ataide é *fresca rosa*; e D. Anna de Eça, *sem par*.

Às vezes, porem, a sua musa galhofeira não poupa re-  
moques e não deixa de ser impertinente, como nas *Côrtes*  
*de Jupiter* que em plena representação se dirige a alguns  
presentes e diz:

Sabeis vós quem irá bem  
Em figura de balêa?  
Gil Vaz da Cunha; porem  
Encalhará em Belem  
E dirá eis-me n'arêa.  
Dona Isabel sua mulher  
Faremos raia n'hum salto  
E cantará ao pratel  
«Eu m'era Dona Isabel,  
Agora raia do alto».

A Pero do Porto chama *figura de Çafio*; a Tristão da  
Cunha, *Congro da Pederneira*; e a Garcia de Resende, com  
mais ou menos intenção, *peixe tamboril*<sup>1</sup>.

A si proprio, no Auto que adeante damos, elle chama  
*barrigudo*.

Se das personalidades passarmos a collectividades e a  
classes, muitas das quaes se achavam representadas nos  
auditorios deante de quem representava, espanta nos a  
audacia zombeteira, a ironia petulante, a troça chocarreira,  
a critica maliciosa com que a sua musa desenvolta vibrava  
um piparote ao ventre dos clérigos e dos conegos da Sé,  
ao nariz dos medicos do seu tempo, ou á vara austera dos  
juizes.

Não se molestavam porem os apodados, nem tentavam  
abafar a inspiração do poeta, pois, ou não lhes doia a fer-

---

<sup>1</sup> O Sr. Theophilo Braga suppõe que fosse em despique de elle lhe  
ter dito na sua *Miscellanea*:

Posto que Joam del Encina  
O pastoril começou.

roada, ou por aquelle phenomeno tão natural da condição humana não applicavam a si proprios o epigramma, — não *punham a carapuça* —, e até mesmo (o que não é menos humano) estimariam porventura ver apontados nos outros os defeitos de que se julgavam isentos.

Mas alguns eram beliscados directamente.

E de allusões a baldas certas de muitos e muitos que andavam na côrte estão cheias as suas farças, o que de certo produziria grande bulício na bisbilhotice mundana da epoca.

Imagine-se o effeito produzido pela pergunta feita pelo moço do Paço, Duarte, em plena representação do *Clerigo da Beira*<sup>1</sup>:

Qual he o mor namorado  
de Portugal e Castella?

CEZILIA. He o Conde de Penella,  
Mas anda dissimulado  
Por amor de sua estrella.

Está-se a ver a cara do Conde.

E no *Auto das Fadas*, quando a Feiticeira diz<sup>2</sup>:

Vem, a modo de dizer,  
Gonçalo da Silva a mi,  
e diz-me que é fóra de si  
pola Francisca da Guerra  
.....  
E se vier Gaspar de Brito  
Por Catherina Limão  
.....  
E lá o Martim de Sousa  
Que morre pola Primentel  
etc., etc., etc.

E os reis e a côrte applaudiam e continuavam a encomendar novas peças theatraes.

<sup>1</sup> *Obras*, III, pag. 255.

<sup>2</sup> *Obras*, III, pag. 95.

Apenas uma classe, já mais ao deante, se sentiu ameaçada com as vaias e sarcasmos do Poeta — a classe ecclesiastica —, que notava quanto eram acceitas as chufas dirigidas aos seus representantes como no *Clerigo da Beira, farça de folgar*, em que na vespera do Natal o clerigo vae á caça dos coelhos com seu filho Francisco, que com elle reza as matinas e lhe diz <sup>1</sup>:

FRANCISCO. Vós haveis de celebrar  
Missa de festa em pessôa  
E não fazeis a corôa  
Antes que vamos caçar?

CLERIGO. Tua mãe m'a trosquiará,  
Não cures tu de conselhos,  
Cacemos nós dos coelhos  
Que isso á noite se fará.

São innumeradas, nas obras de Gil Vicente, as passagens referentes á devassidão do clero, *Auto da Feira, Barca do Inferno*, etc.

Por isso tambem innumeradas são os cortes e emendas que a censura impõe logo na segunda edição <sup>2</sup>, e as correcções nos diversos indices.

Ha obras condemnadas em globo. Ha trechos completamente supprimidos ou amputados, outros ha emendados, como por exemplo na *Rubena*, na ladainha do *Velho da Horta*, e muitos na *Barca do Inferno*, entre os quaes a falla de Brizida Vaz, quando diz:

Peço-vo-lo de gíolhos  
Cuidais que trago piolhos  
Anjo de Deus minha rosa?  
Eu sou Brizida a preciosa  
Que dava as moças a mólhos,  
A que criava as meninas  
Pera os conegos da Sé <sup>3</sup>.

<sup>1</sup> *Obras*, III, pag. 228.

<sup>2</sup> Theophilo Braga, *Gil Vicente*, pag. 398 e sgs.

<sup>3</sup> *Obras*, I, pag. 232.

A censura emendou:

A que criava as mininas  
Para os de boa relé <sup>1</sup>.

E como esta são a cada passo as emendas.

Não é, porem, esse o objecto do nosso estudo, mas sim fazer notar como é sensível a impressão produzida por Gil Vicente no seu tempo e posteriormente.

Lá de fora traz-nos a tradição a lenda de que Erasmo, o philologo de Rotterdam, aprendeu o portuguez expressamente para ler o nosso poeta, que elle comparava a Plauto <sup>2</sup>.

E é certo que em Bruxellas no anno de 1532 (ou, como outros querem, de 1531), em casa do Embaixador portuguez D. Pedro de Mascarenhas, e por occasião das festas que elle deu para celebrar na côrte de Carlos V, que então residia n'aquella cidade, o nascimento do Infante D. Manoel, uma selecta sociedade applaudira a tragicomedia da *Lusitania*, que Gil Vicente compuzera para aquelle acontecimento em Portugal <sup>3</sup>. Esta festa é descripta por André de

<sup>1</sup> Na minha edição.

<sup>2</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos tentou de balde apurar nas obras de Erasmo (em especial na sua immensa correspondencia) as origens d'essa tradição interessante. «Talvez, diz ella, que Erasmo enunciasse apenas em conversa com Damião de Goes, ou outro visitante portuguez, ou então em carta a André de Resende, a pena de não saber ou a vontade de ainda aprender portuguez e castelhano a fim de poder apreciar melhor o genio de Gil Vicente».

<sup>3</sup> O Sr. Sousa Viterbo, no interessante artigo intitulado «Gil Vicente: dois traços para a sua biographia», publicado no *Archivo Historico Portuguez*, vol. 1, n.º 7, artigo que nos dá curiosas noticias, faz notar que Resende não declara o nome da comedia que se representou em casa de D. Pedro Mascarenhas, e accrescenta: «Seria pois o *Auto da Lusitania*, segundo crêem os prefaciadores ou prefaciador da edição de Hamburgo guiados pela rubrica das obras do proprio poeta. Tenho, todavia, accrescenta o Sr. Sousa Viterbo, algumas duvidas a este respeito. A *Historia da Reforma* diz-nos que a comedia desde principio a fim era uma serie de criticas contra Roma e contra o Papa e que para cumulo da affronta um dos actores trajava as vestes e insignias de cardeal, o que tornava mais irrisoria a scena e desafiava mais escandalo-

Resende n'um formoso poema latino, em que exalta o Gil auctor et actor.

A esta apparatusa cerimonia tambem allude o Dr. Frederico Bezold na *Historia da Reforma Religiosa em Allemanha*, obra em cuja versão hespanhola se lê:

«El embajador portugués habia hecho representar en ei invierno de 1531, en Bruselas, ante el y los caballeros mas distinguidos de la côrte imperial, una comedia que segun su nombre, debia celebrar el amor, pero que desde el principio al fin no era mas que una serie de criticas contra Roma y el Papa. Para esta representacion uno de los actores se habia proporcionado un birrete verdadero de carde-

samente o riso. Ora no *Auto da Lusitania*, a não ser que lhe tivessem feito profundas modificações ou cortes, não se observam estas invectivas... Parece-me por conseguinte que outra seria a comedia, talvez o *Auto da Feira* ou o *Auto da Barca do Inferno*, em que se fazem desbragadas allusões e censuras á classe sacerdotal e á côrte pontificia».

Concordando com as considerações apresentadas pelo erudito escriptor lembro a hypothese que conciliará as duas versões: a de ter havido duas representações em casa de D. Pedro Mascarenhas — uma para celebrar o nascimento do Infante, com o *Auto da Lusitania*, descrita por André de Resende; outra com alguma das outras comedias, e referida na *Historia da Reforma* do Dr. Bezold. A este respeito observa-me em carta particular D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos: «O auto ao qual Resende se refere tão explicita e entusiasticamente, sempre é, ao menos a meu ver, o da *Lusitania* uma vez que não existem indicações sobre outras representações em casa do embaixador. Em todo o caso entre as comedias conhecidas de Gil Vicente não ha nenhuma que pelo titulo signifique como thema o *Amor*, e apesar d'isso seja uma serie ininterrupta de criticas, desbragadas a Roma, ao Papa, ou á classe ecclesiastica. As que ha na *Fragoa de Amor*, são poucas. Na *Não de Amores*, creio que não ha nenhuma».

A affirmação do erudito historiador da Reforma deve dizer respeito a qualquer inscenação da *Barca da Gloria* ou do *Paraiso* visto como só nesta ultima parte da importante dramatização das Danças Macabras da Idade Media figura um cardeal. Não sei se nessa obra de devoção considerada hieratica, e representada em capellas e mosteiros, o emprego de legitimas vestes e insignias sacerdotaes, seria condemnado como heretico, no tempo de Leão X ou do Papa Julio III.

Na edição critica das *Barcas* (que preparo de ha muito) espero poder dizer mais alguma cousa».

nal e al verselo puesto todos rieron tanto que el mundo parecia deshecho en jubilo... , etc.».

Vê-se bem como o Embaixador portuguez, e a brilhante côrte de Carlos V, apreciou o nosso poeta, e como riu com as criticas vibradas por Gil Vicente contra Roma e contra o Papa.

O seu *Auto da Fé* foi por vezes representado em Hespanha. E no tempo de Calderon foi-o em uma das procissões de *Corpus Christi*.

Emquanto á sua linguagem e á pureza da sua phrase são ellas motivos de elogios por parte de João de Barros e Manoel Severim de Faria.

E a sua exuberante individualidade gera uma pleiade de imitadores e sequazes— Afonso Alvares, Antonio Prestes, Brás de Resende, Balthazar Dias, Ribeiro Chiado, o Infante D. Luiz, o proprio Camões, e muitos outros que os extensos repertorios apontam, e que enchem com os seus autos, mais ou menos felizes, a scena portugueza até nossos dias.

As representações nas salas, nas camaras e nas capellas dos Paços Reaes da Alcaçova e da Ribeira de Lisboa, Evora, Coimbra, Almeirim, etc., onde Gil Vicente declamava as suas peças, para as quaes compunha elle proprio tambem a musica das folias e cantigas que n'ellas introduzia, seguiram-se as dos côrros, dos pateos-das-comedias, e modernamente as dos theatros em que os innumerados poetas da escola vicentina, inspirados no fecundo manancial do seu genio, conservaram consciente ou inconscientemente no povo portuguez o culto do seu maior poeta dramatico.

E depois que, pelas exigencias da scenica moderna, as suas composições se tornaram irrepresentaveis, um movimento de trabalhos de erudição veio arreigar nos espiritos cultivados, e indirectamente no sentimento do povo, esse culto que poz Gil Vicente no pedestal tão alto da gloria incontestada.

Sem fallar nos artigos dos dictionarios e catalogos, taes como de Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana*, Inno-

cencio Francisco da Silva no seu *Diccionario Bibliographico*, Ricardo Pinto e Mattos no seu *Manual Bibliographico Portuguez*, Costa e Silva no seu *Ensaio*, D. João da Annunciada na sua *Historia da Litteratura*, e ainda as referencias nos catalogos de Salvá, Leirado, Galhardo, etc., avulta a obra dos que teem estudado o poeta sob o aspecto do seu valor litterario, social, ethnographico, philologico, e *folk-lorico*. Entre esses é de justiça nomear em primeiro logar os Srs. Barreto Feio e Gomes Monteiro, que, alem da patriotica iniciativa de publicarem em 1834 as obras do poeta até então reservadas para os raros possuidores dos poucos exemplares existentes das primeiras edições, precederam esta de um prologo, que é um trabalho apreciavel para a epoca e para as condições de afastamento dos elementos de estudo em que foi escripto. Destaca-se depois o Sr. Theophilo Braga que, fazendo a *Historia do Theatro Portuguez*, dedica em 1870 um volume a Gil Vicente e ao theatro nacional no seculo xvi. Mais tarde, em dois volumes intitulados — *Gil Vicente e as origens do theatro nacional* — *Escola de Gil Vicente e o desenvolvimento do theatro nacional* — estuda desenvolvidamente o poeta, a sua personalidade e a sua influencia na litteratura portugueza.

Em seguida, nas suas *Ementas Historicas* o general Brito Rebello, resumindo um trabalho de mais largo folego que iniciara na *Revista de Educação e Ensino*, em 1897, e em que é estudada com os elementos mais escrupulosamente procurados a vida de Gil Vicente no pouco que d'ella se sabe, a obra do poeta, e a dupla individualidade do poeta e do ourives que tem servido de motivo a tão grandes discussões, fornece-nos com segura critica preciosas indicações para a biographia do poeta, indicações que trouxeram nova luz ao assumpto. E já hoje ninguem poderá fallar em Gil Vicente sem se referir e se guiar pelo trabalho do erudito escriptor.

De innumerous estudos especiaes tem sido o poeta motivo, taes como os de Camillo Castello Branco no volume II da *Historia e Sentimentalismo*, do Sr. Leite de Vasconcellos

sobre a *linguagem popular em Gil Vicente*, do Sr. Gonçalves Vianna sobre *os lusismos no castelhano de Gil Vicente*, do Sr. Sousa Viterbo sobre Gil Vicente na India e Gil Vicente em Bruxellas, do fallecido Visconde de Ouguella n'um volume todo dedicado ao poeta, do Sr. Vasconcellos Abreu sobre a influencia indirecta da litteratura da India no auto de Mofina Mendes, do Sr. Visconde de Sanches de Baêna que apresentou o celebre schema genealogico tão discutido e criticado; alem dos muitos artigos e folhetos enumerados no *Diccionario* de Innocencio, e ainda das diversas manifestações, a que deu occasião o centenario celebrado em 1902, taes como as interessantes communições do Sr. Sousa Monteiro, que entendia que o centenario não se devia realizar em 1902 mas sim em 1905 ou 1908, do Sr. Malheiro Dias, n'um discurso pronunciado na Camara dos Deputados, do Sr. Lopes de Mendonça, no voto emitido na Academia Real das Sciencias, do Sr. Eduardo Schwalbach, numa memoria apresentada á Academia, em nome de Urbano de Castro<sup>1</sup>, etc. No estrangeiro temos alem dos historiadores allemães da litteratura portugueza — entre os quaes se destaca D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos em Groeber, *Grundriss der Romanischen Philologie* (vol. II-b, Strassburg 1894, e nas *Encyclopedias* de Brockhaus e Meyer (Leipzig) —, a Moritz Rapp que publicou em 1846 um estudo especial, e em 1868 a traducção de varias farças, obras de devoção, e comedias do nosso poeta. Temos tambem o francez Ducarme, e mais tarde Jeanroy, que analysou com notavel saber as partes lyricas dos Autos. E temos finalmente Edgar Prestage, (que já tão assignala-

<sup>1</sup> São altamente interessantes e instructivas as actas das sessões da Academia Real das Sciencias de Lisboa, de 10 de abril, 24 de abril, 8 de maio e 19 de junho de 1902, na primeira das quaes foi apresentado o officio do Sr. Eduardo Schwalbach convidando a Academia, em nome do Conselho da Arte Dramatica, a associar-se á homenagem que este ia prestar a Gil Vicente, convite que deu origem a eruditas ponderações por parte dos Srs. Sousa Monteiro, Lopes de Mendonça, Hintze Ribeiro, Christovam Ayres, Consiglieri Pedroso, Silveira da Motta, etc. Vide *Boletim* da 2.<sup>a</sup> classe, pag. 241 e sgs.

dos serviços tem prestado a Portugal com as suas excellentes traducções em inglez de muitas obras da nossa litteratura), que publicou na *Manchester Quarterly*, Julho a Outubro de 1807, «The Portuguese Drama in the sixteenth century: — Gil Vicente».

Trez obras litterarias entre muitas inspirou a personalidade do poeta — *O Auto de Gil Vicente*, de Garrett, que tomando para base a representação das Côrtes de Jupiter na despedida da Infanta D. Beatriz artisticamente explora os suppostos amores da Infanta com o poeta Bernardim Ribeiro — *A Mocidade de Gil Vicente*, de Julio de Castilho, livro tão portuguez, e em que, sem pretensão a fazer historia, dá um exactamente rigoroso conhecimento da nossa vida e costumes nos seculos xv e xvi, e o Prologo, em formosos versos portuguezes de lei, com que José de Sousa Monteiro precedeu o *Auto da Alma* <sup>1</sup>.

Veio este aranzel a pêlo não para apparentar erudição que não possuo, ou para ostentar conhecimentos bibliographicos de que não tenho cabedal, mas para demonstrar, como já disse, a impressão profunda gravada na alma nacional pela prestigiosa individualidade de Gil Vicente.

E que a sua obra, alem da grandeza do pensamento, é uma mina inexgotavel, um museu precioso de ethnologia portugueza. N'ella se encontra o assumpto cavalheiresco, e o verso lyrico, a situação comica, e a sentimental, a critica dos costumes, e o estudo vivido de caracteres, um extenso repertorio de anexins, de superstições, de jogos, uma curiosa relação de trajés contemporaneos, modalidades de linguagem e formas de dizer, quadros da vida burguesa, paisagens da nossa terra, com o luxo da sua natureza e a exuberancia da sua verdura, povoada de pastores que respiram o puro ar das serras, e traduzem a ingenuidade campestre nos seus jogos, nas suas danças, nas suas cantigas, em *cantares guaiados e serranilhas* do lyrismo tradicional; e a

---

<sup>1</sup> Este Prologo foi recitado pelo actor Ferreira da Silva antes da representação do *Auto da Alma*, no theatro de D. Maria II, na noite de 7 de junho de 1902.

extensa galeria dos typos que figuram n'este theatro: Deuses, Allegorias, Diabos, Frades, Clerigos, Parvos, Rasções, Velhos, Fidalgos pobres, Escudeiros, Maridos infelizes, Alcoviteiras, Physicos, Ciganos, e tantos mais que tornam as obras do poeta o mais rico bazar de curiosidades litterarias, o mais interessante *bric-à-brac* (seja dito sem profanação) de cousas varias dos seculos xv e começo do xvi.

### III

As edições. As folhas volantes. As que foram impressas em sua vida, e as que se imprimiram depois. Algumas se perderam. Por que motivos. Este auto ficou esquecido n'uma miscellanea, durante seculos, na minha livraria.

As obras de Gil Vicente foram apparecendo conforme as exigencias de quem as encomendava, ou conforme a oportunidade das circumstancias para que eram feitas: festas religiosas, nascimentos e casamentos de principes, ou simples regalo da Côrte.

Postas em scena, e representadas pelo proprio auctor, foram depois impressas algumas em folhas volantes ainda em vida de Gil Vicente, *empremidas pelo meudo* como parece ser o *Auto da Festa*, que adeante damos á estampa. Fizeram-se depois varias edições das obras completas como vamos ver.

A *primeira*<sup>1</sup> é a de 1562.

Retirara-se o poeta depois da representação da *Floresta de Enganos*, que se realizara em Evora em 1536, e na rubrica final da qual diz: «... e com sua musica se acabou esta comedia que é a derradeira d'este segundo livro, e a derradeira que fez Gil Vicente em seus dias», e, quer mor-

---

<sup>1</sup> No *Catalogo bibliografico e biografico del teatro antiguo español desde sus origens hasta mediados del siglo XVII*, por Barrera e Leirado, s. v. Gil Vicente, pag. 475, diz-se erradamente: «Obras de Gil Vicente, 1557. Edición dudosa que se cita e supone hecha por su hijo Luis Vicente».

resse pouco depois, quer ainda vivesse até 1540 como supõem alguns auctores, ou mesmo até perto de 1557 como outros presumem deu começo, logo que se retirou, á compilação das suas obras, como se vê da carta dedicatória que dirigiu a D. João III e em que diz: ... «estava sem proposito de imprimir minhas obras se V. A. m'o não mandára... Por cujo serviço trabalhei a copillação d'ellas com muita pena de minha velhice e gloria de minha vontade que foi sempre mais desejosa servir V. A. que cubiciosa de outro nenhum descanso»<sup>1</sup>.

Vê-se por aqui que elle, velho mas desejoso de servir o Rei, trabalhara na ordenação das suas obras, tarefa que a morte interrompeu. D'esse trabalho ficou a classificação que deu ás suas composições—(Obras de devação, Comedias, Tragicomedias, Farças, e Obras meudas)—e as preciosas rubricas que tanto nos elucidam acêrca da chronologia, motivos da sua composição, etc. Alguns teem attribuido estas notas a seu filho, o que não é presumivel pelo menos no total, pois seria elle de muito tenra idade ou ainda não existiria ao tempo que se passaram os successos a que ellas se referem. Algumas haverá, entretanto, nas partes que Luiz Vicente juntou á collecção incompleta do pae e que provavelmente são os livros iv e v, escriptas na epoca da preparação para o prelo, como aquella do livro v que diz: *o qual rae tão carecido d'estas obras meudas porque as mais que o auctor fez d'esta calidade se perderam.*

O que é facto é que seu filho Luiz Vicente e sua filha Paula, a *Tangedora*, que fez parte da Côrte da Infanta D. Maria<sup>2</sup>, e que alguns auctores dizem ter ajudado seu

<sup>1</sup> «Na primeira compilação das obras de Gil Vicente não se encontra o prologo-dedicatória que o auctor dirigiu a El-Rei D. João III e precedia a tragicomedia *D. Duárdos* na primeira edição avulsa, d'onde passou para a segunda e mutilada composição de 1586, e que é o melhor merecimento d'ella». Brito Rebello, *Gil Vicente*, pag. 64.

<sup>2</sup> No valioso livro intitulado *Infanta D. Maria de Portugal e as suas damas*, a pag. 43, dá D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos interessantes informações acêrca de Paula Vicente, a filha do genial poeta comico.

Pae na composição de muitas peças <sup>1</sup>, ter ella propria composto um livro de comedias, e ter com notavel talento historionico representado algumas d'ellas, entraram a trabalhar em ordenar as suas obras que effectivamente foram impressas em 1562 em Lisboa na Imprensa de João Alvares.

No alvará de privilegio que a Rainha Regente em nome de D. Sebastião mandou passar em 3 de setembro de 1561, diz: «Eu El-Rei faço saber aos que este alvará virem que Paula Vicente moça da camara da muito minha amada e prezada Tia, me disse que ella queria fazer imprimir um livro e cancionero de todas as obras de Gil Vicente seu Pae, assi as que até ora andáráo emprimidas como outras que o ainda não foram... etc.»

E no prologo que o filho Luíz Vicente dirigiu a D. Sebastião, diz elle: «... por serem cousas algũas d'ellas feitas por serviço de Deus, e todas em serviço de Vossos Avós e de que elles muito gostarãõ era rezãõ que se imprimissem...»

E porque sua tenção era que se imprimissem suas obras, escreveu por sua mão e ajuntou em um livro muito grande parte d'ellas, e ajuntara todas se a morte o não consumissem. A este livro ajuntei as *mais obras que faltavam e de que pude ter noticia*.

Esta primeira edição intitula-se: *Compilaçam de | todas as obras de Gil Vicente a qual se | reparte em cinco livros*, etc.

É hoje muito rara. Existem d'ella que se saiba: um exemplar na Real Bibliotheca de Mafra; um na Bibliotheca Publica pertencente á livraria que foi de D. Francisco Manuel (este exemplar acha-se truncado); um que foi possuido por Manuel Osorio Negrão e outro pelo Dr. João Vieira Pinto <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Não entramos na discussão sobre este e varios outros pontos da vida do poeta e da sua familia, pontos debatidos por Theophilo Braga, Brito Rebello, Sanches de Baena, Camillo Castello Branco, etc., por nos arredarem do assumpto que tratamos.

<sup>2</sup> *Manual bibliographico portuguez de livros raros classicos e curiosos*, por Ricardo Pinto de Matos, s. v. Gil Vicente, pag. 299.

Este exemplar encontra-se agora na livraria de Fernando Palha com o n.º 1:212.

Existe tambem um exemplar na Torre do Tombo de que falla Innocencio, *apud* Figanière, e que se julgava desaparecido em 1857, mas que ali se encontra sem nunca ter de lá saído, o que depois se verificou.

Em Hespanha existiu um pertencente a D. Pascual de Gayangos e é referido por Galhardo <sup>1</sup>.

Deve existir ainda decerto tambem o exemplar da Bibliotheca da Universidade de Goettingen, que se imagina ter sido levado para ali por algum judeu emigrado, e que serviu ao Sr. Barreto Feio e Gomes Monteiro para a sua edição. Este exemplar tambem se acha truncado.

A *segunda* edição é de 1586. Foi impressa por André Lobato. Tem o mesmo titulo que a precedente mas com a observação: «Vão emendados pelo Santo Officio como se manda no cathalogo d'este Reino». Tem numerosos cortes e emendas. É quasi tão rara como a primeira.

Ha exemplares que teem a data de 1585 e differem em varios pontos do texto, o que já tem levado alguns bibliographos a admittir a hypothese gratuita de outra edição. Existem os dois exemplares na Bibliotheca Nacional.

A impressão é em typo igual ao do *Auto da Festa* que damos em *fac-simile* n'este volume, e algumas das vinhetas são semelhantes ás d'esta folha volante, o que mostra que em cincoenta annos a arte typographica não progredira muito em Portugal.

A *terceira* edição é a de Hamburgo, de 1834. É reprodução quasi exacta da de 1562.

Existia como dissemos um exemplar d'esta na bibliotheca de Goettingen. Bouterwek, na sua historia da litteratura portugueza, dera noticia d'elle, e Barreto Feio, que estava emigrado de Portugal e que trabalhava em estudos litterarios, dirigiu-se a Goettingen e, por intervenção do es-

<sup>1</sup> «El exemplar de esta rarissima edicion que tivemos á la vista perteniente a D. Pascual Gayangos está bastante mutilado por el Santo Officio, etc.». *Ensayo de una bibliotheca española de libros raros e curiosos*, por D. Bartholomeo José Gallardo, tomo iv, pag. 1566.

tudante portuguez Menezes Drummond, conseguiu poder copiar n'um mez o precioso livro. Associou n'esta empresa José Gomes Monteiro, e juntou o seu nome ao bem elaborado ensaio com que precedeu a edição de 1834 <sup>1</sup>.

O Sr. Leite de Vasconcellos diz que esta edição contém inexactidões e falhas, e que, quem quizer servir-se d'ella para trabalhos linguisticos, precisa proceder com circumspecção. Cotejando alguns textos da farça *Juiç da Beira* encontra na edição *princeps* por exemplo: *canseyra*, *passeyro*, *açucara-das*, e na de Hamburgo: *canceira*, *páceiro*, *assucaradas*.

E demonstra que não são indifferentes este e outros erros de transcripção <sup>2</sup>.

Esta edição tambem é rara por ter havido um incendio no deposito.

Finalmente a *quarta* edição, a de 1852, é uma reproducção da edição de Hamburgo e faz parte da collecção intitulada *Bibliotheca Portugueza*. N'esta edição foram supprimidas as lacunas da edição de Hamburgo, causadas pelas mutilações que os editores encontraram no exemplar de Goettingen. Contém, porem, segundo a verificação do Sr. Leite de Vasconcellos, os mesmos erros que a edição de Hamburgo.

Alem d'estas edições ha um sem numero de obras avulsas, folhas volantes, impressas umas ainda em vida do poeta <sup>3</sup>, outras posteriormente, algumas em Hespanha, e algumas até, ou na integra ou em parte, figurando com diversos titulos e attribuidas a outros auctores.

Das avulsas conhecidas existem, dadas á estampa nos ultimos annos de actividade litteraria de Gil Vicente, algumas edições mais ou menos raras.

<sup>1</sup> Theophilo Braga, *Gil Vicente*, pag. 442 e sgs.

<sup>2</sup> Leite de Vasconcellos, *Gil Vicente e a linguagem popular. Appen-dice sobre o valor philologico da Edição de Hamburgo*, pag. 9.

<sup>3</sup> Fernão de Oliveira, escrevendo em 1536, diz na sua *Grammatica*, cap. xiv, quando se occupa do valor da letra *H*: «ainda que me não parece este bõ riso portuguez posto que *asi o escreva Gil Vicente nos seus Autos*». O que denota correrem já então impressas algumas comedias do poeta.

A estas pertence porventura a primeira edição não datada do *Auto da Moralidade*, considerada como primitiva redacção do *Auto da Barca do Inferno*, a qual foi depois traduzida pelo proprio auctor em castelhano, e notavelmente augmentada e modificada em diversas edições. Na de 1539 leva o titulo de *Tragicomedia Allegórica del Paraíso e del Inferno*<sup>1</sup>, impressa em Burgos em casa de Juan de la Junta. Saiu anonyma. Do *Práto de Maria Parda*, parece ter havido uma edição anterior a 1530.

Das folhas volantes que foram impressas após a morte do poeta ha muitas edições, que constam dos repertorios contidos nos diversos catalogos bibliographicos portuguezes e hespanhoes e que naturalmente tambem circulariam no estrangeiro.

Barbosa Machado, na sua *Bibliotheca Lusitana*, diz que antes e depois da morte do poeta saíram dispersas: *Amadis de Gaula*, *Barca do Inferno*, *D. Duardos*, *Juíz da Beira*, *Triumpho do Inferno* (sic), *Pranto de Maria Parda*, *Auto da Donzella da Torre* ou do *Fidalgo Portuguez*<sup>2</sup>.

Todas as citadas vieram a entrar nas obras de Gil Vi-

<sup>1</sup> Moratin nas *Origens del teatro español* dá noticia d'este auto e diz que achou uma nota dizendo: «Compusola en lengua portugueza, y luego el mismo auctor la trasladó a la lengua de Castilla, aumentandola». Gallardo extractou d'esta edição de Burgos alguns dos accrescentamentos. Theophilo Braga, *Gil Vicente*, pag. 418.

<sup>2</sup> No *Catalogo da Bibliotheca de Salvá*, tomo 1, pag. 555, lê-se: «*Auto da Donzella da Torre* chamado do *Fidalgo Portuguez*. (Sigue una laminita de madera que representa dos hombres, una torre y un arbol). Auto feito por Gil Vicente da Torre no qual se representa que andando hū fidalgo perdido num deserto achou hū donzella fechada numa torre, a qual tirou cō hūa corda que tomou a hū Pastor, e depois vem um castelhano que a tinha fechada e foy após o Fidalgo e ficou o castelhano vencido. Em Lisboa, por Antonio Alvarez, anno de 1652. 8 hojas, signatura. En el reverso de la ultima hoja hai varias figuritas grabadas en madera. Rarissimo. Los personajes hablan en castellano menos el Fidalgo que lo hace en portugues. No puedo dar com esta composicion de Gil Vicente en la edicion de sus obras hecha en Hamburgo, apesar de suponer Barrera que esta pieza se halla en ella. Sin embargo de intitular-se auto es una verdadera Farsa. Barbosa Machado describe un exemplar impreso en el año de 1643».

cente, excepto esta ultima que parece poder attribuir-se ao neto do poeta — Gil Vicente de Almeida — e não a seu glorioso avô; como tambem se lhe deve attribuir, embora anonymo, o *Auto de Dom André*, que alguns já teem supposto ser de Gil Vicente <sup>1</sup>.

Igualmente não entra n'essas obras a *Caça dos Segredos*, que decerto existiu, pois é citada pelo proprio auctor na sua carta ao Conde de Vimioso:

Agora trago antre os dedos  
 Hũa farça mui fermosa:  
 Chamo-a: *A caça dos segredos*  
 De que ficareis muito ledos  
 E minha dita ouciosa.

Muitas outras não entraram na edição *princeps*, ou por terem-se extraviado os manuscriptos, ou desaparecido as folhas volantes, que os cegos exploravam vendendo-as pelas ruas de Lisboa. Não é o caso para estranhar, se em nossos dias escriptores ha, como Camillo Castello Branco, Castilho, Joaquim de Vasconcellos, Gabriel Pereira e outros, de quem não é facil reunir todas as obras. As de Gil Vicente não as conheceram seus filhos na totalidade, e por isso não foram incluídas nas obras completas, tendo o cuidado Luiz Vicente de o annunciar no seu prologo a D. Sebastião quando lhe diz que: «A este livro ajuntei as mais obras que faltavam, *de que pude ter noticia*»; e mais fri-santemente na rubrica do livro v a que já nos referimos: «Vae muito carecido das obras meudas porque as mais das *que o autor fez d'esta calidade se perderam*».

Posto que o *Auto da Festa*, de que nos occupamos, não possa ser rigorosamente classificado como *obra meuda*, o que é certo é que nem de todos os autos o filho de Gil Vicente teve noticia, e este foi um d'elles. Que esta edição é

<sup>1</sup> Por 1625 publicava o mesmo impressor Antonio Alvares o *Auto de Dom André*, taxado em 10 réis. No exemplar que se guarda entre as raridades da Bibliotheca Nacional, lê-se no fim em letra do seculo xviii e no índice manuscripto da collecção facticia: «*Autor Gil Vicente*» e depois «*De Gil Vicente de Almeida*». Theophilo Braga, *Eschola de Gil Vicente*, pag. 228.

anterior á morte do poeta é indício o facto de não ter a indicação da *licença*, pois como se sabe desde 1539 não se publicou em Portugal livro algum que deixasse de ser examinado pelos revedores da Inquisição. E parece mesmo que já em 1537, como se deduz do privilegio concedido a Balthazar Dias, os Autos eram submettidos á censura. Este não o foi, o que indica ser anterior a este anno <sup>1</sup>.

Vejam os agora quando appareceu e como se perdeu. A sua impressão data dos ultimos annos de actividade litteraria do poeta. Facil é o demonstral-o se attendermos a que logo no frontispicio se diz: «*Auto novamente feito e representado...*»

Ora como o adverbio *novamente* tem aqui a significação de *recentemente*, *ha pouco tempo*, deduz-se que pouco antes da impressão elle fôra composto e representado. E como do seguinte dialogo do texto que adeante vem reproduzido se infere que o poeta tinha ao compôl-o mais de sessenta annos, facil é verificar que fôo composto nos ultimos tempos da sua vida.

RASCÃO. Deveis-vos de casar.

VELHA. Olhai, filho, eu vos direi:  
já me a mim mandou rogar  
muitas vezes Gil Vicente  
que faz os autos a el Rei,  
porem eu não sou contente,  
antes me assi estarei.

RASCÃO. Porquê?

VELHA. Não me contenta.

RASCÃO. Pois he elle bem sesudo!

VELHA. He logo mui barregudo,  
e mais *passa dos sessenta*.

Estes versos encerram a assignatura e a data do Auto.

<sup>1</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos opina, num livro em preparação sobre Francisco de Moraes e o Palmeirim, que embora em 1537 a censura começasse a vigorar officialmente em Portugal nem todos os livros eram a principio submettidos á «Santa Mesa». Não creio porem que a edição do *Auto da Festa* fosse dos que entre 1537 e 1551 escaparam á censura.

Isto é: Gil Vicente, o auctor, elle proprio, declara que quando o fez e representou já tinha mais de sessenta annos. Ou elle tenha nascido em 1470, como querem alguns e é mais verosimil (como adeante veremos), ou em 1475, como affirmam outros, os sessenta devia têl-os completado em 1531 ou 1536, o que fixa a data d'este Auto dentro d'estes limites. Mais adeante diremos porque o suppomos representado em 1535. Por emquanto basta-nos fixar que foi a penultima ou antepenultima das suas peças, visto que já tinha mais de sessenta annos, e que em 1536 se retirou da scena.

Retirado ou morto, decerto a sua nomeada afrouxou e os seus autos, embora não esquecidos (pois vemos que D. João III, a Rainha D. Catharina e mesmo D. Sebastião os prezavam), pelo menos um pouco fora da moda, foram algumas edições perdendo-se no sorvedouro das cousas que passam. Assim esta se perdeu tambem. Alem d'isso, como alguns auctores notam, o clero, a quem não era sympathica a sua memoria, pelo muito que fôra d'elle maltratado, correu quanto poude, para que a acção do tempo inutilizasse muitas, e algumas por completo, das obras de Gil Vicente.

Mas no torvelinho em que, volantes, essas folhas redemoinharam para desaparecer, houve mãos providenciaes que salvaram pelo menos esta.

Um curioso e perspicaz bibliophilo guardou cuidadosamente este exemplar, e juntando-o a outras raridades quinhestistas, que mais adeante descreveremos, encadernou-as n'um volume a que poz o nome de *Cruzidades*.

N'esse volume, que faz parte de uma serie de miscellaneas que possuo, e enfeixado com amor, dormiu durante alguns seculos o somno do esquecimento este *Auto da Festa*.

A elle poderia o poeta, como na sua epistola dedicatoria a D. João III, perguntar:

— «Livro meu, que esperas tu?»

E o Auto poderia ter respondido:

— «Alguem que minguido de dotes, mas rico de intenções, me trará outra vez perante a admiração dos que prezam as boas cousas portuguezas».



## IV

A minha livraria. Embora não tão importante como algumas do seculo XVIII, tem obras boas e curiosas. Como se compõe. O que foram os seus manuscriptos. Quaes os que possuo hoje. O meu catalogo elaborado em 1904. Alem de outras curiosidades revelou as folhas das compilações n'uma das quaes se acha o *Auto da Festa*.

A minha livraria, embora não possa hobrear com as suas congeneres; nem com as reaes, desde D. Duarte e D. Affonso V a D. João V; nem com as dos conventos, desde a de Lervão ás de Alcobaça e Necessidades; embora não possa competir mesmo com as particulares do seculo XVII, taes como de Severim de Faria, chantre da Sé de Evora; a dos Condes de Villa Maior e de Tarouca (que ainda hoje se conserva com a sua riqueza de impressos e manuscriptos, graças ao cuidado dos seus proprietarios, os actuaes Condes de Tarouca <sup>1</sup>); a do Cardeal Arcebispo de Lisboa, D. Luiz de Sousa, que contava 30:000 volumes e passou por sua morte para a Casa de Lafões; a dos Condes da Ericeira, que no sumptuoso palacio ali á Annunciada era, com o seu museu e medalheiro, considerada um monumento, e que infelizmente o incendio devorou; a do Conde de Vimieiro, tão rica em manuscriptos originaes e raros relativos á historia de Portugal; a dos Marquezes de Abrantes, que tambem possuia

---

<sup>1</sup> Vide *Comunicação* do Sr. Theophilo Braga á Academia Real das Sciencias em sessão de 13 de janeiro de 1898, e *Noticias de alguns manuscriptos existentes na livraria dos Condes de Tarouca*, por o Sr. José d'Arriaga, publicadas no *Boletim* da 2.<sup>a</sup> classe da Academia, vol. 1, pag. 2 e seguintes.

um bom medalheiro; a dos Arcebispos de Braga, á qual deram grande incremento os Arcebispos D. José de Bragança e D. Frei Caetano Brandão; e a do Bispo do Porto, começada por D. João de Azevedo e consideravelmente augmentada por D. João Rafael de Mendonça, da Casa de Val de Reis; e ainda na provincia a dos Viscondes de Balsemão, estabelecida no seu palácio da Praça dos Ferradores, no Porto; a minha livraria, repito, tem comtudo o seu valor, e o seu logar estimado na historia das bibliothecas do nosso paiz.

Já copiosa nos fins do seculo xvii, tomou maior vulto com a contribuição do Conde de S. Lourenço, o *grande memorião*, na phrase de Tolentino, o erudito prisioneiro do Forte da Junqueira, que ali escreveu, nos dezoito annos de carcere, as suas *Memorias para a Educação de um Principe*, e que no segundo meado do seculo xviii opulentou esta livraria com valiosas acquisições. E ainda hoje, algo diminuida pela acção do tempo e da fortuna, encerra exemplares de livros e muitos manuscritos que são de valia.

D'estes, muitos mais possuia, mas os mais notaveis estão hoje no Archivo da Torre do Tombo, para onde foram pela forma como conta Pinho Leal, a pag. 305 do vol. viii do *Portugal Antigo e Moderno*.

São 897 documentos em seis volumes, nos quaes figuram 64 cartas de D. João de Castro e autographos do Conde da Castanheira, D. Jeronymo Osorio, João de Barros, etc. Uma de André de Resende a D. João de Castro, datada de 1547, sobre diversos assumptos e especialmente acêrca do estado da imprensa em Portugal; outra de Antonio Pinhoeiro ao Conde da Castanheira, analysando diversos negocios de Estado e principalmente o modo por que se escrevia a historia de Portugal; um estudo de Diogo do Couto sobre o Governo de D. Estevam da Gama, etc. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Do volume sob o n.º 1 parece fora de duvida ter sido compilador o primeiro Conde de Castanheira, D. Antonio de Athayde, que tanta influencia teve no reinado de D. João III; e se é certo que nos volumes restantes tambem ha differentes notas que poderiam attribuir a com-

Alem d'estes existem ainda hoje na minha livraria valiosos manuscritos, uns em volumes encadernados e devidamente catalogados, que são documentos para a historia dos Governos do Brasil e da India, para a historia das sciencias militares, e muitas curiosidades litterarias, taes como o vol. II, inedito, do *Pinto Renascido*, de Thomás Pinto Brandão, etc., outros em caixas e maços que encerram pergaminhos, correspondencias e notas, e todos os documentos do archivo e cartorio da Casa, o que a seu tempo espero catalogar devidamente.

Pelo que respeita aos impressos, o que hoje existe consta de um catalogo elaborado e coordenado em 1904 pelo Sr. Luiz Carlos Rebello Trindade, Conservador da Bibliotheca Nacional, e do qual, por correr impresso, não farei mais extensa resenha.

Entre esses numerosos volumes, a que quero com affeição, uns pela raridade das edições; outros porque encerram curiosas notas lançadas á margem pelos que os leram, estudaram e cotejaram; outros por terem sido companheiros e amigos de entes queridos que partiram para a longa viagem de que se não volta mais; outros ainda que revelam as tendencias de quem os colligiu ou com o espirito voltado para as glorias da guerra ou para as narrações da historia, ou para as mysticas contemplações da cidade de Deus, ou para as cogitações da philosophia, ou para os problemas do governo politico das sociedades, ou para as regiões serenas da poesia e das letras, das artes, etc.; entre essas multiplas manifestações da actividade do engenho humano, existem uns volumes de compilações variadas, a

---

pilação a D. Alvaro de Castro, filho do grande D. João de Castro, a quem dizem respeito a maior parte dos volumes, e ao Bispo D. Francisco de Castro, neto d'aquelle Vice-Rei da India, todavia a circumstancia do referido Conde de Castanheira ter casado com uma senhora da Casa da Feira, cujos vinculos vieram em parte para a Casa de Sabugosa, levam-nos a crer que todos os volumes foram compilados pelo dito Conde. *Noticia dos Manuscritos da Livraria da Casa de S. Lourenço*, coordenada e redigida por José Maria Antonio Nogueira, Lisboa 1871.

que a bibliographia dava o nome de *miscellaneas* ou *curiosidades varias*, e que até em França chegaram a tomar nomes especiaes conforme o assumpto.

Alguns dos que possuo referem-se a acontecimentos politicos, taes como á restauração de 1640, invasão franceza, etc.; outros encerram folhetos das mais diversas naturezas que o capricho dos compiladores ou do acaso reuniram; e ainda outros são colligidos conforme a analogia do assumpto de que tratam.

Um, entre os mais, é para mim precioso por conter, alem de outras raridades, cinco inestimaveis joias que estavam perdidas do thesouro da litteratura portugueza: *O Auto do Nascimento de Sam João*, por Fernão Mendes; *O Auto da Natural Invenção*, de Ribeiro Chiado; *Autos de San Vicente e de Sanctiago*, de Affonso Alvares; e o *Auto da Festa*, de Gil Vicente, ignorado por completo.

## V

O que seja o volume em que se contém este Auto. Indicação das vinte e uma obras de que elle se compõe. Coincidencia de se acharem n'este volume cinco peças desconhecidas na bibliographia portugueza. Julguei meu dever dar á estampa o *Auto da Festa*, acompanhando-o de curta explicação.

É um volume in-4.<sup>o</sup>, encadernado em bezerro e tendo na lombada, a ouro, a indicação seguinte: «Varias crvsid. Tom — III».

É portanto o terceiro na serie d'estas miscellaneas e contém 21 folhetos, todos impressos nos fins do seculo xvi e principios do seculo xvii.

Alguns teem a data da impressão.

Outros, como o *Auto da Festa*, que é o 17.<sup>o</sup> da serie, não teem marcada a data. Mas as vinhetas de que são acompanhados, algumas das quaes se reproduzem em edições d'aquella epoca, e até uma que é conhecida por figurar na chamada primeira edição dos *Lusiadas*, indicam que foram dados á estampa entre 153... e 1605.

Não julgo inutil nomear summariamente cada uma d'estas folhas volantes, que por serem volantes desappareceram no redomoinho em que o tempo leva as mais preciosas reliquias do passado.

Abre o volume um escudo das armas reaes, gravura posterior ás peças do livro que provavelmente foi posta aqui em 1651, data em que supponho ter sido encadernado o volume, por haver outro que o foi n'esta data.

I. A primeira obra é o *Arto da Fee*, de Gil Vicente, o qual foi representado em Almeirim nas matinas do Natal em 1510.

Tem uma vinheta curiosa que representa um Presepio, e no fim uma custodia segura por dois anjos. Foi impresso com licença do Santo Officio.

II. O segundo é de um esquecido poeta da escola de Gil Vicente, Fernão Mendes. Não apparece nos catalogos, nem nos dictionarios, nem nas indicações bibliographicas. E o Sr. Theophilo Braga, n'uma carta particular que me dirigiu ao tempo em que imprimi o catalogo da minha livraria, dizia-me: «Percorri-o (o catalogo) com grande interesse e tive extraordinarias surpresas, como no que toca a autos populares. Lá vi authenticada a existencia do *Auto da Natural Invenção*, de Antonio Ribeiro Chiado, que eu considerava como perdido; lá encontro mais um *desconhecido poeta da escola vicentina — Fernão Mendes*. Todos os autos já conhecidos ali apresentam datas de edições ignoradas, com que já ampliei o meu repertorio, que vem no fim da *Eschola de Gil Vicente*»<sup>1</sup>.

Este folheto diz no frontispicio: AVTO do nascimento de SAM IOAM, E VISITAÇAM DE SANCTA ISABEL. Novamente feyto por Fernão Mendez: Interlocutores Primeyramente hum pregador, Zacharias, Anjo, Golgata, Rabinel, Sancta Isabel, Nossa Senhora, Joseph, Leuita, Dinarte, Ylario, Constanço, Benito, Giom, e Sam Joam. Impresso com licença da Santa Inquisição por Antonio Alvarez. Anno MCCCCCV.

Tem tres pequenas vinhetas no frontispicio e acaba com a do Presepio do *Auto da Fé*.

Este auto é desconhecido, como diz a carta do Sr. Theophilo Braga, e não figura, nem o seu auctor, em nenhum dictionario, catalogo ou repertorio. Opportunamente o darei á estampa e publicarei.

III. Segue-se-lhe a Glosa — Peregrina compuesta por Luys de Aranda vezino de la ciudad de Vbeda. Va repartida en cinco Canticos. Foi impressa em Sevilla em casa de Juan de Leon junto a las siete Rebueltas em 1604.

IV. AVTO de Deos padre — IVSTIÇA e Misericordia —. As figuras são as seguintes: Deos Padre, Misericordia, Justiça, Anjo, Joseph, Isayas, Zacharias, Adam, Agrepina, Eretea, Bras Llorente Gregorio, Pascoal, Sebilla, Tibornia, Anjo, nossa Senhora. Impresso com licença por Antonio Alvarez. Anno de 1602. Tem uma vinheta no começo, e acaba pelo: — Romance de Alvaro Luna, com uma vinheta representando D. Alvaro (?).

Saiu anonymo.

O Sr. Theophilo Braga suppõe que este auto seja do *famoso autor* que compoz o *Auto da geração humana* <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Carta particular de 7 de outubro de 1904.

<sup>2</sup> Theophilo Braga, *Eschola de Gil Vicente*, pag. 157.

V. É o AVTO de Santa Caterina, obra nouamente feita da vida da Bêaenturada Sancta Caterina Virgem e Martyr, filha del Rey Costo de Alexandria etc. Feyta por Baltasar Dias. Impresso com licença. Visto e Emendado Pollo Reverendo Padre Mestre Frey Bertolameu Ferreyra em Lisboa por Antonio Alvarez impressor anno 1592.

É a primeira edição. Tem uma vinheta figurando a Santa.

VI. AVTO de S. Barbora. Obra da vida da bêaenturada S. Barbora. Virgẽ e Martyr filha de Dioscoro Gẽtio, etc.

No frontispicio uma gravura representando a Santa. No fim outra vinheta que tambem representa a Santa nua, levada por anjos entre nuvens.

Esta gravura apresenta vestigios de obreias com que o pudico e respeitoso possuidor d'esta obra em tempo occultou ás vistas profanas a nudez da virginal princesa. Escreveu elle em letra garrafal no alto da pagina — *o corpo de Santa Barbora* —, para indicar o que tinha ingenuamente escondido debaixo da folha de papel, que servia de folha de parra!

Foi mais severo no seu pudor que o Santo Officio que por baixo da gravura exarou:—Impresso com licença. Visto e emendado pelo Reuerendo padre Mestre Frey Bertholameu Ferreira em Lisboa por Antonio Alvarez, impressor, 1591.

É a primeira edição; saiu anonyma. É seu auctor Affonso Alvarez.

VII. Obras en alabança de la Santa Crvz. Compuesta por el Alferes Joan de Torres Portugal. Dirigido al Padre Fray Antonio de Montarroyo, de la Orden del bienaenturado San Augustin, en el convento de Lima en el Peru. En Lisboa. Impresso por Pedro Crasbeeck 1605.

VIII. Obra Nova mente feyta da muyto dolorosa morte e payção de Nosso Senhor Jesv Christo etc. Feyta por um deuoto padre chamado Francisco Vaz natural de Guimarães. Impressa em Evora por Manoel de Lyra. Com licença. Ano de MDLXXXIII.

Tem no frontispicio uma vinheta com um Christo crucificado, e no decurso da obra tem pequenas vinhetas representando scenas da Paixão de Christo.

IX. AVTO do dia do Ivizo, no qual se contém as figuras seguintes: S. João Euangelista, Christo, nossa Senhora, S. Pedro, S. Miguel, Serafim Lucifer, Satanas, David, Abraham Vrias, Caim, Abel, Samsam, Dalila, hum Vilam, hum Escrivam, hum Carniceyro, hũa regateyra, hũ Mulleyro.

Tem no frontispicio seis pequenas vinhetas representando: o Sol, o Padre Eterno, a Lua, um bobo, a Morte ferindo um bispo, uma figura de homem.

Na penultima folha face: uma vinheta representando uma forta-

leza junta a um rio, e no primeiro plano personagens diversas. No verso da ultima folha uma vinheta.

Saiu anonymo. Julgo ser esta a primeira edição. Para a data do Auto, diz o Sr. Theophilo Braga, pode inferir-se que foi composto em tempo em que o successo de Azamor ainda impressionava a imaginação popular <sup>1</sup>.

X. O auto que se segue, he intitulado Breue Summario da Hystoria de Deos: Feyto por Gil Vicente. Foy representado ao muy alto e muy poderoso Rey Dõ João o terceyro deste nome em Portugal e aa Sereñissima Raynha Dona Caterina, em Almeirim.

Dentro do frontispicio, com portada igual á da chamada primeira edição dos Lusiadas, tem uma vinheta representando o Padre Eterno entre nuvens. No fim uma vinheta representando uma Deusa da mythologia. Impresso com licença. Por Antonio Alvarez. Anno MDXCVIII.

XI. AVTO de S. Antonio. Auto do Bemaventurado Senhor Sancto Antonio. Feyto por Affonso Aluarez a pedimento dos muy honrados e virtuosos Conegos de San Vicente. Muy contemplatiuo e em partes muy gracioso tirado de sua mesma vida. Impresso com licença por Antonio Alvarez. Anno MDXCVIII.

Tem no frontispicio uma vinheta com a imagem do Santo.

XII. AVTO de San Vicente. Auto do Bemaventurado Senhor San Vicente: em o qual brevemente se contem o seu martyrio e a disputa que teue com Daciano Rey dos Gentios. Agora novamente feito por Afonso Alvarez.

Tem duas vinhetas no começo. Tres figuras relativas á vida do Santo. Um diabo, um anjo e uma senhora. Não tem data de impressão. Julgava-se perdido.

XIII. AVTO de Sanctiago. Avto do Bemaventurado Sanctiago: feyto por Afonso Alvarez, no qual entram as figuras seguintes, s. Hum Mouro, hum Captivo, Sanctiago, hum Romeyro, hum Diabo, em habito de Hermitão, hum Anjo, hum Pastor, hũa Serrana, hum Hermitão de Nossa Senhora. Impresso com licença por Antonio Alvarez. Anno MDXCVIII.

Tem no principio uma vinheta representando o Santo a cavallo esmagando o dragão. No verso d'esta folha oito vinhetas representando personagens do auto. No fim tres vinhetas. A primeira, na face da ultima folha, figura uma barca em meio de um naufragio, implorando os tripulantes o auxilio da Virgem. Outra, no verso, repete a figura que

<sup>1</sup> Theophilo Braga, *Eschola de Gil Vicente*, pag. 162.

se vê no *Auto de Deus Padre*. A segunda representa uma sala de abobada com algumas figuras.

Estes dois ultimos autos consideravam-se perdidos. Não me despeço da ideia de dar os dois á estampa depois de publicado o de Fernão Mendes.

XIV. Avto de Santo Aleixo. Feyto por Baltezar Dias.

No principio uma vinheta representando o Santo a dormir debaixo da escada em casa de seus paes, onde ficou 17 annos desconhecido, por esmola. Sem data. Julgo ser a primeira edição. É anterior á de 1613 que serviu de referencia para o *Index Expurgatorio* de 1624, pois não accusa as amputações e emendas ali prescriptas, e o texto não tem a mesma paginação que era indicada na edição de 1516.

XV. LA Vida y mverte del padre meestre Fray IVAN BERNAL de la orden de nuestra señora de las Mercedes, etc.

Murió en Sevilla, Miercoles veynte y un dias del mes de Noviembre año de mil y seiscentos y uno. Impressa com licença da Sancta Inquisição, por Antonio Alvarez. Anno MCCCCCIII.

Tem uma vinheta que figura um bispo abençoando um principe, que tem junto a si um escudo com as trez flores de liz.

No fim tem outra vinheta.

XVI. Avto da Natural Invençam. Auto feito por Antonio Ribeyro Chiado, Chamado, Natural inuenção. Representado ao muyto alto Rey Don Joam Terceyro. Interlocutores. O Dono da Casa. Almeйда seu moço. Mateus Daraujo, Inacio Pacheco matantes. O Autor do Auto. Hum negro. Hum representador, Hum ratinho. Duarte seu primo, e dous Vilões, e hum Escudeyro com seu moço, e hum seu primo e hũa velha.

Tem tres vinhetas figurando alguns dos interlocutores. É d'este auto que o Sr. Theophilo Braga, no seu livro a *Eschola de Gil Vicente*, diz a pag. 99: «... seria isto entre 1546 e 1554 conforme a data das comedias de Camões e Jorge Ferreira que o citam. E é plausivel este periodo, porque só dentro d'elle é que podia dar-se o facto de representar o Chiado deante de D. João III o seu *Auto da Natural Invenção*, como affirma Barbosa Machado e tambem o repete Cunha Rivara em frente dos seus manuscritos: — Foi representado na presença de El-Rei D. João III e consta que se imprimiu».

Andava pois perdido e pela impressão do meu catalogo ficou authenticada a sua existencia. Está sobre elle fazendo um estudo o Sr. Alberto Pimentel auctor do livro intitulado: *Obras do poeta Chiado*, que me manifestou desejo de completar assim com ella os seus estudos, ao que gostosamente accedi.

XVII. É este o *Auto da Festa* que vae ao deante estampado.

XVIII. AVTO da Cananea. Este avto que adiante se segue fez o author por rogo da muyto virtuosa e nobre Senhora Dona Violante, Dona Abbadessa do muyto louuado e Sancto convento do Mosteiro de Odiuuelas: a qual senhora lhe pedio que por deuação lhe fizesse um auto sobre o euangelho da Cananea. Primeyramente entrão tres pastoras, a primeyra per nome Siluestra, Ley da Natureza, a segunda Ley de escriptura per nome Hebraea, a terceyra ley da Graça per nome Veredina. Foi representado na era do Senhor de mil quinhentos e quatro annos. (?) Impresso com licença da Sacta Inquisição por Antonio Alvarez. Anno MCCCCCIII.

Tem tres vinhetas representando as tres pastoras: Siluestra, Hebraea, Veredina.

Ignoro o motivo da existencia do ponto de interrogação entre parenthesis no logar acima indicado, signal typographico que se repete em outras obras d'este volume. Em outras impressões d'esta epocha encontrei ja o referido signal, tambem entre parenthesis, parecendo empregado como adorno typographico. A seguir a este auto, e sem formar folheto á parte, encontra-se em trez paginas finaes o seguinte: «O auto que adiante se segue foy representado á muy caridosa e deuota senhora a Raynha Dona Lianor na Igreja das Caldas na prossição de Corpus Christi sobre a charidade que o bemaventurado Sam Martinho fez ao pobre quando partio a capa. Era de mil quinhentos e quatro (?)».

XIX. Glosa sobre la Obra que hizo Don George Manrique a la muerte del Maestro de Sanctiago Don Rodrigo Manrique su padre dirigida a la muy alta e muy esclarecida Christianissima Princesa Dona Leonor Reyna de Francia. Con otro Romance y su Glosa. Impresso com licença da Sancta Inquisição por Antonio Alvarez. Anno MCCCCCIII.

Tem tres vinhetas, representando: um rei, um cavalleiro e no centro a morte ferindo dois homens. No fim tem outra vinhetta que poderá ser um retrato.

XX. Romance hecho quando El Emperador Carlo Quinto entró en Francia por la parte de Flandres con grande exercito en el Año de 1545. Impresso com licença da Sacta Inquisição por Antonio Alvarez. Anno MCCCCCIII.

Tem no frontispicio um retrato que se diz ser de D. Alvaro de Bazan Marquez de Santa Cruz.

Este retrato foi muitas vezes tomado como sendo de D. Sebastião. Para esclarecimento veja-se a gravura respectiva no catalogo de Salvá.

Tem nõ fim em vinhetta as armas de Portugal.

XXI. Barca primeira. Avto de moralidade, compvesto por Gil Vicente, por contemplação da Serenissima e muyto Catholica Raynha Dona Lianor: e representada por seu mandado ao poderoso Principe

Dom Manuel primeiro de Portugal d'este nome. Começa a declaração e argumento da Obra. Primeiramente no presente auto se figura que no ponto que acabamos despirar chegamos supitamente a hum rio o qual per força auemos de passar, em hum de dous batees que naquelle ponto estão, hum destes passa para o Parayso, e outro pera o Inferno os quaes batees tem cada hum seu arraez na proa: o do Parayso hũ Anjo e o do Inferno hum arraez infernal e hũ companheyro. O primeyro interlocutor he hum fidalgo q̄ chega cõ um page q̄ lhe leva hum rabo muy comprido e hũa cadeyra despaldas. E começa o arraez do inferno desta maneyra ante que o fidalgo venha. Com licença.

Neste frontispicio ha uma vinheta representando os dois bateis. No fim do auto ha outra vinheta representando uma barca cheia de martyres que um algoz está a degolar.

É extremamente curiosa a edição d'este auto, que apresenta differenças profundas comparando-a com o *Auto da Barca do Inferno* que vem nas Obras de Devação editadas pelo filho de Gil Vicente.

Não só differe na explicação do argumento como na rubrica da representação, pois na edição das *Obras* se diz: «Esta perfiguração se escreve n'este primeiro livro nas obras de devação porque a segunda e terceira parte forão representadas na capella mas esta primeira foi representada de camara pera consolação da muito catholica e sancta Rainha Dona Maria estando enferma do mal de que falleceu na era do Senhor de 1517 <sup>1</sup>.

As differenças dos textos tambem são grandes. E seria curioso co-  
tejal-os se não entendesse descabido n'este logar esse estudo <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> O auto foi abreviado para representação de camara deante da Rainha D. Maria em 1517, e esta segunda elaboração abreviada é que se incorporou na edição *princeps* de 1562, sendo a mais conhecida actualmente. Theophilo Braga, *Gil Vicente e as origens do theatro nacional*, pag. 417.

<sup>2</sup> «Existem differenças profundas de texto entre muitas das composições avulsas e aquellas que foram incorporadas nas obras completas. Seria importantissimo o estudo comprovativo d'essas lições, mas as folhas volantes são extremamente raras, mesmo as edições vulgares dos seculos xvii e xviii, e tanto que os artigos bibliographicos de Barbosa Machado e Innocencio Francisco da Silva são deploravelmente deficientes. Em sua vida publicou Gil Vicente alguns autos, como se nota no alvará de privilegio concedido a sua filha Paula Vicente, e nos exemplares descriptos pelos bibliographos Gallardo, Moratin, Wolf, Leyrado, e pelos relacionados em catalogos de amadores. Pelo confronto d'essas lições com o texto da edição systematica é que se reconhece que Gil Vicente reelaborou a sua obra; o auto da *Barca do Inferno* foi originalmente escripto em portuguez, mas o poeta tradu-

Se assim o alarguei com a citação de todas as folhas volantes que se acham reunidas n'este precioso volume não foi por mero capricho ou por serem, como são, curiosas de per si, mas porque tendo-se conhecimento dos folhetos que se encontram reunidos ao *Auto da Festa*, e sabendo-se as datas das impressões de alguns d'elles e os nomes dos impressores, e sobretudo sabendo com que raro tino o colleccionador juntou n'esta miscellanea peças bibliographicas *unicas*, ou de obras que se consideravam perdidas, ou de edições rarissimas, facilmente se comprehende a existencia entre elles de um auto ignorado de Gil Vicente, que até agora escapara ao conhecimento de bibliophilos, de criticos, de investigadores, e de todos os que se teem occupado das obras do poeta.

Muitas das peças que compõem este volume pertencem á categoria d'aquellas folhas que andavam perdidas, como o *Auto do Nascimento de S. João*, por Fernão Mendes, que não se conhecia; os *Autos de Sanctiago e de San Vicente*, de Affonso Alvares, que se julgavam perdidos; o *Auto da Natural Invenção*, de Antonio Ribeiro Chiado, que tambem se julgava perdido; a edição do auto da *Barca do Inferno*, que por ser bastante rara é muito pouco conhecida; e o *Auto da Festa*, cuja existencia se ignorava.

Com a publicação do meu catalogo, que dava noticia de cada um dos folhetos das muitas miscellaneas, os eruditos, os estudiosos, os curiosos, tiveram ensejo de se encontrarem com tão valiosas surpresas.

Foi então que o Sr. Theophilo Braga me escreveu a carta que atrás ficou transcripta, em que apontava a authenticacão do auto do Chiado.

---

ziu-o em castelhano ampliando-o. Antes do texto das obras completas intitulava-se *Auto da Moralidade*, e na traducção castelhana chamava-se *Tragicomedia allegorica*, sendo reproduzida anonymamente fora de Portugal... Em folha volante circularam pela Europa certos autos de Gil Vicente... Em folha volante existem impressos uns *arregos* do *Arraes da Barca do Inferno* que tambem não foram incluidos na edição principal». Theophilo Braga, *Gil Vicente e as origens do theatro nacional*, pag. 392.

Foi então que o Sr. Alberto Pimentel manifestou desejo de fazer sobre elle um estudo, ao que promptamente annui.

Foi então tambem que o distincto alumno do Curso Superior de Lettras, e capellão do regimento de cavallaria n.º 4, o Reverendo Pinto, manifestou igualmente desejo de fazer a sua dissertação para o exame de 4.º anno sobre este Auto que não se encontrava em nenhuma das edições, ao que tambem gostosamente accedi.

Entendi, porem, que era meu dever dar á estampa uma edição *fac-simile* do Auto, tal como elle foi impresso primitivamente, para que todos os que se interessam por as letras portuguezas pudessem assim compulsar a obra de Gil Vicente, sem ficarem com duvidas sobre a interpretação do copista.

E como poderia parecer estranho que a reproducção do Auto viesse a publico desacompanhada de uma explicação sobre o seu apparecimento, entendi tambem ser da minha obrigação dar aos leitores a noticia, que acompanhando a boa nova os esclarecesse sobre a origem d'ella.

Fica-lhes o recurso de, se acharem enfadonha ou escusada esta explicação prévia, irem de vez ler o Auto, que esse, lhes asseguro, não os aborrece, pois tem todas as qualidades que collocaram na galeria dos genios o iniciador do Theatro Portuguez.



## VI

Como a publicação d'este Auto ha de ser acolhida. Estudos portuguezes. Movimento lusophilo. Os estrangeiros que lhe teem dado incremento e impulso. Como o neo-vicecentismo ha de contribuir para este Auto ser apreciado.

Se em Inglaterra, em França, na Allemanha, ou Hespanha, alguém annunciasse que as obras de Shakespeare, de Molière, de Goethe ou de Lope de Vega, se encontravam accrescentadas com uma peça, um acto, uma scena, um simples trecho até aqui ignorado, seria n'esses paizes grande o alvoroço. E em todo o mundo do pensamento se repercutiria o echo d'esse acontecimento.

A publicação d'este Auto terá porventura uma repercussão mais limitada. Não porque, em categoria, o genio de Gil Vicente seja inferior ao dos outros, ou a sua individualidade tenha menos importancia. É certo porem que as circumstancias em que o seu genio desabrochou, e o meio em que a sua actividade intellectual se exerceu, abafam e amortecem por vezes as fulgurações que a cada passo brilham nas suas obras. É verdade tambem que a sua negligencia na forma, a rudeza na execução, e a infantilidade dos meios que empregava n'esta epoca da puericia da moderna arte dramatica não deixam em geral apreciar devidamente as altas qualidades do seu talento.

Accresce ainda que o ter escripto em duas linguas menos conhecidas do vulgo não leva as suas composições á grande maioria dos que lêem; a scenação rudimentar que deu aos seus autos, comedias e tragicomedias torna-as menos accessiveis ao gosto do publico actual; e a sua perso-

nalidade tão intensamente peninsular, o *quid* que o faz tão nosso, tornam-n'o menos universal.

Ainda assim grande deve ser o numero dos que hão de acolher com verdadeiro alvoroço a publicação d'este Auto, pois em todos os paizes chamados latinos, e não menos nos da raça germanica, os estudos sobre litteratura portugueza e sobre os cancioneiros teem tomado um incremento tal que o circulo dos que se interessam pela leitura dos nossos monumentos litterarios tem-se alargado consideravelmente.

Sem fallar nos especialistas em litteratura castelhana desde Bouterweck, Clarus, Sismondi, Ticknor, Schack até Garcia Perez e o eminente Menendez Pelayo, que tiveram de occupar-se necessariamente das obras inteiramente hespanholas, ou bilingues de auctores portuguezes, lembrarei os trabalhos de Diez, Varnhagen, Wolf, Mussafia, os de Monaci, Molteni, Lang, P. Wagner, F. Hansen, Oscar Nobiling, e em particular as publicações de William Storck e D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos que teem concorrido para estabelecer um vivo interesse e curiosa attenção pelo movimento evolutivo da lingua portugueza, da nossa poesia, das nossas tradições litterarias.

A essa pleiade de estrangeiros que teem votado a sua intelligencia ás cousas portuguezas, sobresaie a individualidade proeminente d'esta ultima, já hoje portugueza por adopção e a quem Portugal deve tantissimo pelo conhecimento que á Allemanha, e a todos os paizes onde se lê, tem levado da nossa litteratura, com os seus numerosos e eruditos estudos tanto nas encyclopedias geraes e especiaes (como a de Groeber) e nas revistas allemãs, hespanholas, portuguezas, quanto pela publicação de duas obras monumentaes que fazem honra a um paiz, — a edição critica das obras de Sá de Miranda e a do Cancioneiro da Ajuda. Com este trabalho monumental lançou a illustre escriptora as bases da historia da nossa litteratura medieval, como A. Herculano lançara as da nossa historia politica e social, como o Sr. Gama Barros as da historia da administração, e como o Sr. Theophilo Braga a da historia geral da nossa litteratura, e a das origens do theatro portuguez.

A atmospherá criada na Europa culta e no Brasil por esse grupo de lusophilos contribuiu efficazmente para ser seguido com sympathia o movimento neo-vicentino, que se manifestou com a celebração do quarto centenario, a que atrás nos referimos, e decerto favorecerá o acolhimento da publicação d'este Auto, que vem trazer ao thesouro da litteratura uma perdida joia, e não das menos valiosas.

Antes de começarmos a sua leitura vejamos qual seja a sua authenticidade, a sua importancia nas obras do poeta, a razão do seu titulo, a epoca da sua representação, a natureza da sua linguagem, as duvidas sobre alguns vocabulos.



## VII

A authenticidade d'este Auto. Como se prova: pelo estylo inconfundivel; pela philosophia que encerra; pelo scepticismo; pelo confronto de alguns trechos d'este com os de outras composições de Gil Vicente. Referencias do auctor a si proprio. As que são feitas n'este Auto. Arte com que varia n'este Auto a linguagem de cada personagem conforme a sua condição. A rubrica n'esta edição que supponho coeva do auctor.

A authenticidade d'este Auto tem a proval-a, acima de tudo, a força do talento com que está escripto, a *griffe du lion* que nos empolga ao lel-o, a graça no dizer que nenhum disipulo seu soube imitar, o *quid* inconfundivel que, mesmo sem a indicação da rubrica, revelaria, aos menos habituados á leitura do poeta, o seu modo de ser especial. Accresce ainda, alem do acerado dos sarcasmos, aquelle septicismo *sui generis*, que em tantas das suas obras apparece, e com que n'este Auto mais uma vez traduz a sua desdenhosa descrença na justiça, na integridade, e na sinceridade humanas. Começa logo a Verdade, uma das figuras do Auto, de um symbolismo tão vicentino, por declarar:

Quem nunca cuidou que em Portugal  
a Verdade andasse tão abatida,  
e a mentira honrada, e com todos cabida  
por muito melhor e mais principal.

.....

E mais adeante:

Oh grão crueldade  
que os tempos de agora tem tal calidade,  
que todos no paço já trazem por lei  
que todo aquelle que fallar verdade  
he logo botado da graça del Rei.

.....

Estas afirmações da Verdade repetem-se mais tarde :

A justiça não parece,  
A verdade he desterrada,  
E a mentira honrada,  
.....

A meu pae ouvi dizer  
(nego hũa autoridade,  
nunca me ha de esquecer):  
quem quiser ter de comer  
que nunca falle verdade,  
se não sempre á vontade  
do senhor com quem viver.  
.....

Que os homens verdadeiros  
não são tidos nũa palha;  
os que são mexeriqueiros  
mentirosos lisongeiros,  
esses vencem a batalha.

Teem estes versos analogia de pensamento e mesmo de factura com os do auto da *Lusitania*, onde os quatro personagens Dinato, Berzebu, Todo-o-Mundo e Ninguem dizem :

TODO-O-MUNDO. Folgo muito d'enganar  
E mentir nasceo comigo.  
NINGUEM. Eu sempre verdade digo  
Sem nunca me desviar.  
BERZEBU. Ora escreve lá, compadre,  
Não sejas tu perguiçoso.  
DINATO. Quê ?  
BERZEBU. Que Todo-o-Mundo he mentiroso  
E ninguem falla verdade.  
NINGUEM. Que mais buscas ?  
TODO-O-MUNDO. Lisonjar.  
NINGUEM. Eu som todo desengano.  
BERZEBU. Escreve, ande lá mano.  
DINATO. Que me mandas assentar ?  
BERZEBU. Põe ahi mui declarado.  
Não te fique no tinteiro :  
Todo-o-Mundo he lisonjeiro  
E Ninguem desenganado.

A philosophia que resalta d'este trecho tão de Gil Vicente, e que, como a do seu personagem Todo-o-Mundo, é

lisonjeira para com o espectador (que inconscientemente assimila a mordacidade do auctor, julgando-se no seu fôro intimo um observador astuto do coração humano, o que sempre afaga o amor proprio com que cada um se julga sagaz e penetrante), repete-se ainda por vezes na obra do poeta, que tão bem conhecia a psychologia das collectividades para que escrevia, e perante as quaes representava.

E a preocupação de que a verdade é pouco estimada, embora seja venerada, encontra-se em muitos dos seus escriptos, como por exemplo no *Auto das Fadas*, em que a terceira fada diz:

As novas que temos nas ondas do mar  
São que na terra ha pouca verdade :  
E pois de verdades ha má novidade  
Por novidades as haveis de tomar.

A Verdade como personagem não entra em nenhuma das outras farças em que Gil Vicente se comprazia em introduzir figuras symbolicas e allegorias, taes como a Fama, a Fé, a Fortaleza no auto da *Fama*, e as do auto da *Lusitania*, mas tornando-a n'este *Auto da Festa* a figura principal, em volta da qual se desenvolvem as scenas caracteristicas da peça, aprecia-a pela mesma forma com que em outros pontos das suas obras criva de ironias a sociedade, que em these tanto exalta a verdade e na vida real tão pouco a pratica.

Com iguaes ironias e não menor scepticismo encara n'esta peça, como em muitas outras, a ideia da justiça, tão hypocritamente respeitada no mundo e tão geralmente violada. Já na *Fragoa de Amor* a Justiça entra em figura de uma velha corcovada, e torta, e é peitada com gallinhas, perdizes, passaras, e bolsas de dinheiro. E não poupa aos juizes do seu tempo os mais acerados apodos, ferindo-os na sua equidade, no seu saber, na sua moralidade e na sua virtude.

N'este *Auto da Festa* logo a primeira scena nos dá uma graciosa ideia da confiança de Gil Vicente nos applicadores da justiça, que elle ou cobre de ridiculo, ou increpa de venaes. Eil-a:

Está sentada a Verdade. Entra um Villão e diz :

Digo que Deos vos mantenha,  
nego todos como estais  
como creo que desejais.

Eu são de cima da Beira,  
lá de junto do Fundão;  
venho com hũa appelação,  
bofas com farta canseira.

Qu'o <sup>1</sup> juiz da minha aldeia  
sendo grande meu amigo,  
foi tomar birra comigo  
por me chimpár na cadea.

Então diz que anda dizendo  
a todo o que ouvir lhe quer  
que me vio estar jazendo  
con sua mesma molher.

Mas eu, má morte me mate,  
e pela benção sagrada  
de minha mãe que he finada  
se eu sei parte nem arte  
de tão grão balcarriada.

Verdade he que hum domingo  
fui eu e peguei nella,  
ella foi pegou comigo,  
e assi como vos digo,  
tomei grã prazer com ella.

Mas perol <sup>2</sup> d'aquella feita  
nenhum desprazer lhe fiz,  
e ella mesma assi o diz,  
por tanto não aproveita.  
o que ella <sup>3</sup> contra mi diz.

Porque ella nunca bradou  
nem dixе-me «tirai-vos d'í»,  
mas antes muito folgou  
e grande prazer tomou  
segundo nella senti.

<sup>1</sup> «Co» no original.

<sup>2</sup> Será talvez «pero».

<sup>3</sup> Deve ser: «elle».

Ora pois que assi he  
nego isto foi d'este geito,  
elle quer comigo preito,  
dizei-me por vossa fé  
qual de nós tem o direito.

Em fim a concrusão he esta:  
pois cuida que sabe muito,  
ella <sup>1</sup> ficará por besta  
e sua mulher por aquesta  
e eu livre e absoluto.

Ora pois vos hei contado  
tudo o que venho fazer,  
queria de vós saber  
para ser bem despachado  
que remedio hei de ter.

VERDADE. Se tu diante lhe deitas  
duas duzias de perdizes  
e outras semelhantes penitas <sup>2</sup>  
farás que as varas direitas  
se tornem em cousas fritas.

— Porque he tanta a cobiça  
nos que agora tem mando  
que em al não andam cuidando,  
e a coitada da justiça  
anda da sorte que eu ando.

VILLÃO. Ora bem e quem sois vós?  
assi estais tão prosperada.

VERDADE. Eu são a filha de Deos <sup>3</sup>  
que ando cá entre vós  
muito pouco estimada.

<sup>1</sup> Deve ser: «elle».

<sup>2</sup> Será talvez «peitas». Poderá tambem porventura ser *penitas* um deminutivo de *pennas*, querendo assim o auctor indicar — outras *aves* semelhantes a perdizes.

<sup>3</sup> Deve accentuar-se o *ó*, «Deós», á hespanhola. Rimas meio-portuguezas meio-castelhanas são muito frequentes nas obras bilingues de Gil Vicente. Com respeito a *Deós* — *vós*, etc., vide *Obras*, vol. II, pag. 393, e vol. III, pag. 129, 137 e 145.

VILLÃO. E bem, como vos chamais ?  
 VERDADE. A mim chamam-me a Verdade.  
 VILLÃO. Vae-me dando na vontade  
 que isso que vós fallais  
 que he tudo falsidade.

Esta scena, tão repassada de um scepticismo e de uma ironia que não a tem melhor o theatro de Molière, encontra um paralelo n'outra da farça do *Juíz da Beira*. E esse paralelo bastaria para authenticar esta de que nos vamos occupando, pois não podiam deixar de ter saído da mesma penna.

O Juiz de si proprio diz <sup>1</sup>:

Pero Marques sam da Beira  
 e Juiz mexericado ;  
 Derão-me lá hum julgado  
 Por cajo de Inez Pereira,  
 com que embora sam casado.

e d'elle diz o Porteiro :

Quem quizer hoje este dia  
 ver mau pezar de seu feito,  
 Não tarde hũa ave-maria.  
 Tal juiz em tal logar  
 Parece cousa de riso.  
 .....

e adeante :

PERO. Como he bom este Porteiro  
 PORTEIRO. Como é parvo este juiz !

Pois este juiz preside á audiencia quando vem a ella Anna Dias, a quem diz o Porteiro :

ANNA. He feito crime ou que he ?  
 Não sei s'he crime ou se que :  
 Minha filha é violada  
 E houverão-ma forçada  
 Vou-me ao Juiz.

PORTEIRO. Esse he  
 Mas tanto val como nada.

<sup>1</sup> *Obras*, III, pag. 161 e sgs.

- ANNA. Querello-me, senhor Juiz  
Do filho de Pero Amado  
Que o achei emburilhado  
Com a minha Beatriz.
- PERO. E onde?
- ANNA. No seu cerrado.
- PERO. E que ia ella lá catar?
- ANNA. Forão ambos a mundar.  
E o trigo era creçudo  
E foi-se a ella.
- PERO. Coma sesudo  
Pois que tinha bõ logar.
- ANNA. Olhai vós como elle gosta!  
Juiz, fazei-me direito.
- PERO. Digo que pois já he feito,  
Venha elle com sua resposta,  
Ou lhe faça bom proveito,  
E venha a moça citada.
- ANNA. E a cachopa é prenhada  
.....
- PERO. Se ella mesmo não folgára  
Chamára ella áqued'elrei.  
.....

São flagrantés as semelhanças entre as duas passagens; e as allusões a processos de justiça repetem-se n'esta e em varias peças.

As outras figuras que n'este *Auto da Festa* entram, encontram-se tambem em muitas das suas obras. Alem do villão, que vem de fora da terra e que apparece no *Clerigo da Beira*, *Templo d'Apollo*, *Romagem de Aggravados*, etc., temos as duas ciganas que já conheciamos na comedia d'este nome, o parvo, typo tão vicentino, que até um é representado em uma vinheta da edição de 1586, e a velha que encontramos, victima do amor senil, fazendo parilha ao protagonista do *Velho da Horta*, a quem a moça diz:

- E essa tosse?  
Amores de sobre posse  
Serão os da vossa idade  
O tempo vos tirou a posse.
- VELHO. Mais amo que se moço fosse  
Com a metade.  
.....

N'este *Auto da Festa* é a velha que diz ao Rascão, a quem tenta seduzir:

VELHA. Pois inda não vedes nada  
 porque eu ando hoje de forno;  
 se me visseis demudada<sup>1</sup>,  
 sou mais alva que a geadá,  
 pareço feita em torno.

Eu me enfeitarei um dia,  
 veremos quem a mi vence.

RASCÃO. Sabeis vos que me parece?  
 Deveis de ser muito fria.

VELHA. Huy! mais quente que a brasa;  
 antes vos faço saber  
 que, se não fosse o comer,  
 não faria lume em casa  
 nem me faria mister.

Em paralelo se pode pôr também a velha do *Triumpho do Inverno*, que atravessa aquella serra nevada para casar:

Com hum mancebo solteiro  
 Filho do Priol d'Aveiro.

e que responde aos que d'ella zombam:

Inda eu sou mulher bem tesa  
 E cahir não é maravilha  
 Porque empecei na fraldilha.

E também se poderá comparar com a velha do *Clerigo da Beira*, que acredita com desvanecimento no prognostico de Cezilia que lhe annuncia:

Pois que vós isso dizeis,  
 E não me perguntais nada  
 Antes de hum anno e hum mez  
 Vós haveis de ser casada  
 C'hum criado do Marquez.

---

<sup>1</sup> Seria talvez: «desnudada» = «núa».

Continuando n'esta ordem de ideias, para da semelhança de textos <sup>1</sup>, homogeneidade de typos, e comparação dos modos de dizer tirar a confirmação da authenticidade d'este auto, basta-nos correr os versos logo a seguir a estes, em que Gil Vicente, pela boca da Velha, se refere a si proprio claramente. Diz ella:

VELHA. Olhai, filho, eu vos direi :  
já me a mim mandou rogar  
 *muitas vezes Gil Vicente*  
 *que faz os autos a el Rei,*  
porem eu não sou contente,  
antes me assi estarei.

RASCÃO. Porque?

VELHA. Não me contenta.

RASCÃO. Pois he elle bem sesudo!

VELHA. He logo mui barregudo,  
e mais passa dos sessenta.

Trez vezes nas suas obras se refere Gil Vicente abertamente (pois não curamos agora das referencias indirectas que os commentadores teem encontrado) a si proprio pelo seu nome, e como fazedor de autos ou de ensaladas. No *Auto Pastoril Portuguez*, no auto da *Lusitania* e no auto dos *Fisicos*.

No primeiro pela seguinte forma <sup>2</sup>:

E hum Gil... hum Gil... hum Gil...  
(Que má retentiva hei!)  
Hum Gil... já não direi  
Hum que não tem um ceutil  
*Que faz os autos a elRey.*

É inutil frisar como este ultimo verso é identico ao do *Auto da Festa*, que elle compoz bastantes annos depois.

<sup>1</sup> Adeante terei occasião de apresentar a curiosa concordancia entre dois trechos bastante extensos do *Auto da Festa* e do *Templo de Apollo*, e de fazer notar as variantes introduzidas pelo poeta.

<sup>2</sup> *Obras*, 1, pag. 129.

No auto da *Lusitania*<sup>1</sup> diz o pae de Lediça:

Aito novo inventemos  
 Vejamos um excellente  
 Que presenta Gil Vicente.

E o licenciado mais adeante:

Gil Vicente o autor  
 Me fez seu embaixador.

Finalmente, nos *Fisicos*<sup>2</sup> diz o Padre Confessor:

Voyme á la huerta de amores  
 Y traeré una ensalada  
*Por Gil Vicente guisada*  
 Y diz que otra de mas flores  
 Para Páscoa tien sembrada.

Dos trechos d'estas tres obras que ahi ficam transcriptos se vê como ha uma perfeita identidade na forma como falla de si na qualidade de auctor de autos, e que é a mesma que apparece no *da Festa*.

Alem da comparação das passagens no texto, outros indicios são caracteristicos. Assim, por exemplo, a perfeita arte com que varia a linguagem dos personagens conforme a condição social a que pertencem. Neste caso é a Verdade que começa por fallar n'um metro diverso do das outras personagens, e empregando expressões cultas, ao passo que o Villão emprega plebeismos que já o eram no tempo do poeta.

A sua conhecida predilecção pela Beira, apontada pelo Sr. Leite de Vasconcellos<sup>3</sup>, é tambem confirmada pela forma como o villão Joanafonso se queixa do Parvo:

Isto deve ser rascão  
 ou eu sei pouco da feira,  
 porque tem tão má nação;  
 que nunca fazem senão  
 zombar da gente da Beira.

<sup>1</sup> *Obras*, III, pag. 273 e sgs.

<sup>2</sup> *Obras*, III, pag. 323.

<sup>3</sup> Leite de Vasconcellos, *Gil Vicente e a linguagem popular*, pag. 7.

É inútil estar a multiplicar citações, e continuar a cotejar textos. A these não necessita de maior demonstração. Ao leitor perspicaz, e lido nas obras do poeta, um simples trecho d'este Auto lhe tirará todas as apprehensões, que porventura tivesse, acêrca da sua authenticidade, se não lh'as tivesse varrido logo de principio a rubrica que diz: «*Auto novamente feyto e representado por Gil Vicente*».

Esta rubrica, que é clara com respeito ao nome do auctor, traz logo ao espirito uma pergunta a que responde o capitulo seguinte.



## VIII

Quando foi composto e representado? Entre 1532 e 1535. Inclino-me a 1535. Demonstração. A indicação biographica é preciosa por afastar a hypothese de o poeta ter nascido em 1475. Supponho que não foi representado a D. João III, mas sim a um particular nobre que é o: *dono da casa*. Demonstração.

Quando foi composto e representado este Auto?

Elle proprio encerra em si a indicação, senão do *anno* exacto pelo menos do periodo de quatro annos dentro do qual poderia tel-o sido, — 1531 a 1535 —, e com probabilidade n'este ultimo anno.

Demonstremos.

A ultima peça que Gil Vicente compoz e representou foi a *Floresta de Enganos*, em 1536.

É a propria rubrica final que o diz: *e a derradeira que fez Gil Vicente em seus dias* <sup>1</sup>.

Cotejando-a com a phrase que o poeta põe na bocca da velha:

He logo mui barregudo,  
e mais passa dos sessenta.

infere-se que em 1535, ultimo Natal em que o poeta podia ter representado, já passava dos sessenta, o que afasta como pouco provavel a hypothese de o poeta ter nascido em 1475, como diz Barbosa Machado.

Admittindo, portanto, a data mais geralmente acceita de 1470 para a do seu nascimento, segue-se que só podia ter

---

<sup>1</sup> *Obras*, vol. II, pag. 180.

*mais de sessenta* depois de 1530. No Natal de 1531 não é provavel que representasse visto ter sido o anno do terramoto, *esta tormenta da terra que ora passou*, como elle diz na carta a D. João III em que lhe declara que se considera *vizinho da morte*.

Se porem é certo, como ensina o Sr. Brito Rebello, que a rubrica do auto da *Lusitania* está errada, este auto, feito para o nascimento do Principe D. Manoel, foi decerto representado depois de novembro de 1531, e não é crível que houvesse no mesmo fim de anno dois autos novos.

Em 1533 foram representados trez autos conhecidos — *Romagem dos Aggravados, Dom Duardos, Amadis de Gaula*. Não é provavel que tivesse havido outro.

No Natal de 1534 é representado o auto de *Mofina Mendes*.

Resta pois o Natal de 1532 (se n'esse fim de anno não foi representado o auto da *Lusitania*, como affirma a rubrica) e o Natal de 1535.

Embora o Sr. Theophilo Braga<sup>1</sup> seja levado a crer que n'este anno de 1535 nenhuma obra assignala a actividade de Gil Vicente, pois que El-Rei D. João III andava impressionado com a scisão da Igreja de Inglaterra, com a morte do Infante D. Fernando, sua mulher e filhos, e com a desobediencia do Infante D. Luiz indo sem sua auctorização á expedição de Tunis com Carlos V (e só do Paço ordinariamente vinha o impulso para a producção de autos de festa ou farças de folgar), inclino-me mais a que fosse n'este anno de 1535, em que o auctor *mais* passava dos sessenta, e em que não ha noticia de nenhuma producção litteraria sua — do que em 1532 que compuzesse e representasse o Auto.

E o facto de El-Rei andar n'esse anno de 1535 pouco disposto a festas não é motivo para que o poeta ficasse inactivo, pois embora effectivamente quasi toda a sua obra seja feita por encommendas de Reis, Rainhas e Princezas,

---

<sup>1</sup> *Gil Vicente*, pag. 62.

e representada nos Paços, é comtudo certo que algumas excepções ha, como por exemplo o auto da *Cananea*, que foi feito *por rogo da muyto virtuosa e nobre Senhora Dona Violante Dona Abbadessa do muito louvado e santo Convento de Odivellas*, e outras representações que se realizaram no Convento de Santos-o-Velho.

Eu tenho apprehensões de que o *Auto da Festa* não tivesse sido representado perante D. João III.

E foi talvez a circumstancia de não ter nascido na atmosphera ruidosa da Côrte e de o original não ter sido guardado nas *arcas da camara*, que mais depressa o lançaria no esquecimento.

Fundo a minha supposição em que, não só a rubrica não accusa a representação deante do Rei, ou por motivo palaciano, como tambem, por mais de uma vez, as figuras se dirigirem ao *dono da casa*, sem que nada indique que essa maneira de dizer, aliás pouco conciliavel com a etiqueta, signifique que o *dono da casa* é o Rei.

Ainda poderia entender-se que os primeiros quatro versos pronunciados pela Verdade fossem dirigidos a El-Rei, embora o pudessem ser a um fidalgo, como effectivamente se vae ver que o são :

Esteis muito embora, senhor, mui honrado,  
esteis muito embora assi como estais,  
e Deos vos faça tão prosperado  
quanto eu sei que vós desejais.

e ainda tambem os do final do monologo, que diz :

E tendo sabido que vós, meu senhor,  
me tendes amizade,  
etc.

mas o que já não pode ser dirigido ao Rei é, ao deante, a falla da Cigana Graciana ao *dono da casa*. Diz ella :

Da-me, señor generoso,  
muy virtuoso,  
dá por Dios a esta criatura;  
dezir-te-he la buena ventura,  
c'as de ser muy poderoso;

mucho, mucho me contenta  
tu planeta ;  
as de ser muy venerado,  
mucho, mucho prosperado,  
y señor de mucha renta.

Y tambien tienes la vida  
muy comprida ;  
mucho bien as de tener,  
luenga vida as de tener.  
Dios te la tiene prometida,

tienes presencia honrada ;  
ea pues que estás mirando,  
haz, que vaya consolada  
d'esta tu noble pozada,  
y mira, señor, qual ando.

Não é plausível que a cigana dirigindo-se a um rei, sendo esse rei o successor de D. Manoel, e promettendo ler-lhe a *buena dicha*, lhe diga que elle *ha de* ser poderoso, e *ha de* ser venerado, e senhor de *muitos bens e rendas*, e que faça com que ella saia contente d'aquella *noble pozada*, no que não podia referir-se ao Paço real.

Mas ainda ha mais. Quando adeante o Villão vem dar conta á Verdade do resultado da demanda, falla aos que estão no Paço de forma como se elles n'esse momento lá não estejam :

Vós outros *que andais no paço*  
nunca vos falta desgosto,  
e eu assi como são tosco  
segundo a vida que faço  
não trocaria comvosco.

E logo na scena seguinte, o que é ainda mais frisante, Fernando, o pastor, dirigindo-se ao *dono da casa* diz :

Esteis muito na boa hora  
e tendes muita saude  
porque dizem lá por fora,  
que em *vossa mercê* mora  
grande soma de virtude.

E faço-vos a saber  
 que estou muito aparelhado  
 a fazer vosso mandado  
 como bem podereis ver  
 quando por vós for chamado.

MECIA. Também eu, senhor, desejo  
 com mui limpia e sã vontade  
 dar-vos minha liberdade  
 e servir sem nenhum pejo  
 a vossa muita bondade.

CATERINA. Eu também, *nobre senhor*,  
*posto que vos não conheça*,  
 por respeito do autor  
 vos servirei com amor  
 até que a vida faleça.

Temos que attender primeiramente n'este trecho ao tratamento dado por Fernando ao *dono da casa*, a quem elle diz *Vossa Mercê*.

N'este tempo aos Reis dava-se já o tratamento de Majestade, e ainda o de Alteza, mas já nunca *Vossa Mercê*<sup>1</sup>.

E é assim que ás Pessoas Reaes se dirige Gil Vicente em muitas das suas peças, taes como *Divisa da Cidade de Coimbra*:—*Vossas Majestades*, a *Sacra Imperatriç*, a *Alla Duqueza*, *Dona Beatriç*, etc.

No *Dom Duardos*, que começa :

Famosissimo Señor  
*Vuesa Sacra Magestad*

<sup>1</sup> «Aos nossos primeiros Reis dizia-se simplesmente *Vós*. El-Rei D. João I já ouvira *Vossa Mercê*. El-Rei D. Duarte, *Mercê* e também *Senhoria*. El-Rei D. Affonso V, *Senhoria* e já *Alteza* algumas vezes. El-Rei D. Manoel, *Senhoria* e só alguns annos depois de reinar recebeu *Alteza*. El-Rei D. Sebastião já recebeu *Majestade*, titulo que se consolidou sob os Philippes». Julio de Castilho, *Mocidade de Gil Vicente*, notas, pag. 283.

D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos diz algures não ser difficil provar que o tratamento de *Vossa Majestade* foi introduzido por latinistas como A. de Resende.

(dirigindo-se o protagonista a um Imperador). Na *Nau de Amores*<sup>1</sup>, em que a figura de Lisboa diz:

Oh alto podroso en grande grandeza  
 Meu Rei precioso  
 Por minha mofina se foi *Vossa Alteza*.

E no *Auto das Fadas*:

Saiba *Vossa Majestade*  
 Quem é Genebra Pereira<sup>2</sup>

E nunca vemos Gil Vicente tratar os Reis por *Vossa Mercê*, tratamento que n'esse tempo se dava aos nobres como tambem se lhe dava o de *Vossa Senhoria*, que Gil Vicente emprega na carta ao Conde de Vimioso.

Accresce que Catherina, dirigindo-se tambem ao *dono da casa*, lhe chama *nobre senhor* e lhe diz que *o não conhece*, o que não é presumivel que se dissesse ao Rei.

Por todos estes motivos inclino-me a pensar, que este Auto não seria representado a El-Rei D. João III.

<sup>1</sup> *Obras*, II, pag. 294.

<sup>2</sup> No prologo que acompanha as edições avulsas de *D. Duardos* emprega *Alteza*, e mais tambem no vol. I, pag. 306, no vol. II, pag. 294 e 295, e no vol. III, pag. 110 e 111.

## IX

Quem seja o *dono da casa*. Conjecturo ser o Conde de Vimioso. Motivos d'esta supposição.

Está afastada portanto a hypothese de ter sido este Auto composto por encommenda de D. João III, ou representado na sua presença, embora fosse isso presumível pois, durante trinta annos, o poeta quasi exclusivamente trabalhou para as festas da Côrte.

Pomos tambem de parte a supposição de que o *dono da casa*, a que os actores se dirigem, seja uma figura da peça, como no *Auto da Natural Invenção*, de Chiado, pois nem a rubrica o menciona entre as personagens, nem o auctor nos dá qualquer indicação da sua presença em scena durante a peça. E sendo alem d'isso um processo habitual no poeta fazer com que um dos actores, ou o *representador* do prologo, se dirija directamente aos principaes espectadores, reis, rainhas, infantes e cortesãos, como se vê em muitissimas das suas peças, é pois muito verosimil que o *dono da casa* a quem as figuras d'este Auto fallam seja um fidalgo em cujo solar elle se representaria.

E ainda mais. Quando as duas ciganas, Lucinda e Graciana, combinam entre si dirigir-se aos assistentes para obterem um obulo, diz Lucinda :

No hermana, no, no, no ;  
va-te tu a *los varones*  
y loa-los de loçanos  
y *como son corteçanos*  
ellos te daran mil dones.

Vê-se, pois, que o *dono da casa* e os demais a quem a cigana lê a *buena dicha* são cortesãos, mas não o Rei ou os infantes, o que indica não estarem no paço.

As scenas dramaticas fora dos Paços, posto que não frequentes, encontram-se por vezes mencionadas. E sem falarmos nos momos das procissões, nem nas representações das igrejas e dos conventos, entre as quaes se nota uma do proprio Gil Vicente em Odivellas com o *Auto da Cananea* — para abrilhantar as festas da investidura da abbadesa D. Violante —, é certo que os senhores e fidalgos, não só cá mas lá fora, como em Bruxellas na casa do Embaixador portuguez D. Pedro de Marcarenhas <sup>1</sup>, imitavam na vida apparatusa dos seus palacios os espectaculos a que assistiam nos serões do Paço. E nos solares da nobreza, ou na Côrte, ou longe d'ella, repetiam-se por vezes as representações dos autos e *ensaladas* das noites manoelinas e joaninas. Em casa de Manoel Machado de Azevedo <sup>2</sup>, cunhado do poeta Sá de Miranda e elle proprio trovador, houve em varias epocas representações scenicas.

De uma se conta, celebrada por occasião das festas de Santa Margarida, em que se fez e representou expressamente uma *comedia*, com o fim de obter o perdão para um rapaz, que se achava preso por um crime de amor.

E conta-se mais, na vida d'este Manoel Machado, que quando depois do seu casamento, deixando a Côrte, foi viver para o seu solar, o receberam em Cavado e Crasto com: Fuegos, Toros, Cañas, *Comedias*, Mascaras, Musi-

<sup>1</sup> O Sr. Sousa Viterbo chega a apresentar a hypothese (cotejando a *Historia da Reforma* do Dr. Frederico Bezold com o poema de André de Resende) de ter sido o proprio Gil Vicente quem com a sua companhia representou nas salas do embaixador portuguez em Bruxellas. André de Resende que assistiu á representação exalta as qualidades de Gil Vicente não só como auctor mas como *actor*. É n'esta passagem que se estriba o Sr. Sousa Viterbo para aventar a sua supposição que de resto formula com toda a reserva e discernimento. *Archivo Historico Portuguez*, vol. 1, n.º 7, pag. 226.

<sup>2</sup> É parente da illustre escriptora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

cas, Dansas, Folias, y todo genero de festejo y regosijo que entre Duero y Minho se usa...

Teve elle n'este solar a visita dos Infantes D. Luiz e D. Henrique, e as festas com que os recebeu foram principalmente dramaticas.

E tambem certo é que, apenas quatorze annos depois do *Auto da Festa*, se representava em Lisboa em casa de Estacio da Fonseca, enteado de Duarte Rodrigues reposteiro de El-Rei D. João III, o *Auto de El-Rei Seleuco*, em que se suppõe ter representado o proprio Camões, que se teria referido a alguns dos assistentes, entre os quaes D. Catharina de Athayde<sup>1</sup>.

Era pois usual, se não vulgar, que já na epoca em que Gil Vicente compoz o *Auto da Festa* as representações se realizassem em casas particulares. É por isso plausivel que este tivesse esse destino.

Como sabemos que o poeta acompanhou El-Rei a Evora nos annos de 1523, 1525, 1534 e 1536, é provavel que ali estivesse tambem em 1535 quando suppomos representado o *Auto*, sendo portanto ali que elle o compoz e representou. Essa cidade, na qual o poeta representara já a *Farça das Ciganas*, o *Auto Pastoril Portuguez*, *O Amadis de Gaula*, e onde ia representar no anno seguinte a *Floresta dos Enganos* com que havia de acabar a sua carreira artistica, era n'esse tempo um centro elegante, politico e intellectual.

Era a cidade da erudição por excellencia, era ali que se celebravam as festas opulentas da Côrte, era ali que poetas palacianos rimavam os seus mais apurados versos, era ali que, alem do Paço fundado junto ao Convento de S. Francisco, havia palacios e casas nobres onde se vivia com luxo e ostentação.

Era uma d'ellas a do *Conde de Vimioso*<sup>2</sup>, e n'essa ma-

<sup>1</sup> Vide *Vida e Obras de Luis de Camões*, de Wilhelm Storck, versão annotada por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, pag. 383.

<sup>2</sup> «Palacio dos Condes de Vimioso proximo da cathedral, que é hoje propriedade do abastado proprietario e um dos primeiros lavradores»

gnífica vivenda conjecturo que se tivesse representado este Auto, em honra d'elle.

D. Francisco de Portugal, que em 1515 recebeu de El-Rei D. Manoel o titulo de Conde de Vimioso, era filho natural de D. Affonso, que obrigado por D. João II (para não succeder no ducado de Bragança, visto ser filho do Marquez de Valença) tomou ordens e foi em 1485 Bispo de Evora. Este bispo foi uma figura notavel. Herdara de seus antepassados D. João I e D. Nuno Alvares Pereira as tradições cavalleirosas.

Foi espirito cultivado, e grande edificador. Forçado a ordenar-se depois de ter filhos, viveu com elles no seu palacio episcopal, dando-lhes educação propria da sua elevada gerarchia.

Um dos *filhos do Bispo de Evora* foi este D. Francisco de Portugal que, legitimado em 1505, passou depois a Africa como fronteiro-mor. Ali esteve por duas vezes com o Conde de Borba, e com o Duque D. Jayme de Bragança.

Voltando a Portugal, foi nomeado Vedor da Fazenda. A sua figura prestigiosa destacava-se com valor entre a aristocracia brilhante d'essa epoca, e foi, a par de um dos espiritos mais illustres e das intellectualidades mais proeminentes do seu tempo, um dos mais nobres caracteres da fidalguia do seculo xvi.

D. Manoel comparava-o á joia mais preciosa das que lhe adornavam a coroa de Rei.

Militar, distinguiu-se em Africa. Estadista, administrou a Fazenda Publica, e teve singular influencia no conselho. Foi um dos fidalgos que acompanharam El-Rei D. Manoel a Hespanha, quando este foi jurado herdeiro da Coroa de Castella; e ali voltou em 1526 para acompanhar a Infanta

---

do districto, José Antonio de Oliveira Soares. Tem um lindo portado de marmore branco na entrada principal do palacio. Foi construido pelo Bispo Affonso, 3.º do nome, que foi pae do Conde de Vimioso. Camara Manoel, *Atravez da cidade de Evora*, pag. 50.

As cantarias antigas d'este palacio foram empregadas, segundo me informam, nas ruinas fingidas do jardim de Evora!!!

D. Isabel que ia casar com Carlos V. Era estimadissimo na Côrte, e pelas suas reflexões e são juizo foi chamado o *Catão portuguez*. Foi amigo e protector de Damião de Goes. Os seus ditos estão compilados n'um opusculo que seu neto, D. Henrique de Portugal, publicou em 1605 com o titulo de: *Sentenças que D. Francisco de Portugal, primeiro Conde de Vimioso, dirigiu á nobreza d'estes reinos* <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Sentenças de Don Francisco de Portugal, primeiro Conde de Vimioso. Impressa por orden de D. Anrique de Portugal, seu Netto. Dirigidos á nobreza do Reino. Com privilegio. Impressa por Jorge Rodrigues, 1605. Esta obra é extremamente rara. Innocencio dá noticia de trez exemplares unicos. Dois foram vendidos n'um leilão. O terceiro existe na Bibliotheca Nacional. É um pequeno volume in 16.º, encadernado em pergaminho branco. Contém sonetos em louvor do auctor, um prologo de Don Anrique, e uma carta prologo de Don Antonio de Ataíde a Don Anrique de Portugal datada de Alcobça aos 10 de janeiro de 1605, e da qual destacamos os seguintes periodos:

«Quando morreu este conde Vosso Avô dizia o Conde de Castanheira meu avô (ambos contemporaneos, ambos do Conselho de Estado, ambos da estimação do Rey e da veneração dos homens) que não ficava já com quem ficar mal nem bem. No Conselho d'Estado do Emperador Carlos quinto se conhecia pela sustancia e termo das Cartas de Portugal se assistia ao voto e nota d'ellas o Cõde de Vimioso, em Africa se venceu muitas vezes com seu valor e pessoa a vantagem da gente com que os nossos pelejavam. E assim rendeu na guerra os inimigos cõ esforço, na paz os competidores com entendimento. Na côrte os galantes com estilo, emfim naceo com pouca fazenda sendo por linha masculina tresneto del Rey D. Joam o primeiro. E pola feminina do condestabre Dom Nuno Alvarez por cujo valor o mesmo Rey alcançou o Reyno e o titulo de gloriosa memoria, mas de modo servio os Reys Dõ Manoel, Dom Joam o terceiro, seus Reis, e seus Tios que mereceo igualassem o estado com o sangue instituindo esta grande casa do Condado de Vimioso q̄ durará assim grande para sempre pois a deixou cheia de vassallos com muitos contos de renda, e a faz rodeada de soccessores, e fundada sobre merecimentos pessoases que são mais seguros alicerces que os da valia...». Foi recentemente publicado pelo Sr. Mendes dos Remedios na serie da sua utilissima obra *Subsidios para o estudo da Historia da Litteratura Portuguesa*, um volume, que é o 7.º da collecção, em que as sentenças do Conde de Vimioso e as suas poesias publicadas no *Cancioneiro Geral* são precedidas por um

É um dos poetas do *Cancioneiro* de Resende. E as suas trovas, cantigas e villancetes são numerosas <sup>1</sup>, e notaveis pela sua superioridade a muitos dos poetas palacianos.

interessante prefacio, em que o distincto professor dá noticia da vida do Conde de Vimioso e da sua obra. Alem das notas biographicas informa da existencia de um exemplar das *Sentenças* na livraria do Sr. Anibal Fernandes Thomás, volume pelo qual fez a sua reimpressão e que é provavelmente um dos dois de que falla Innocencio.

<sup>1</sup> Na excellente *Tauoada do Cancioneiro Geral e dos Aytos* ordenada e emêdada pelos *Novos Obsequiosos de Sacavem*, isto é, Julio de Castilho e Anselmo Braamcamp Freire, de que foi tirado um numero muito diminuto de exemplares que nunca entraram no mercado, e dos quaes possuo um, por favor especial do segundo, que assim se despojou do ultimo exemplar que possuia d'esta joia bibliographica, é mencionada a extensa lista de composições do Conde de Vimioso que veem no *Cancioneiro* de Resende, a qual julgo curioso transcrever para se ajuizar da sua fecundidade: — Ajuda a uma cantiga de Ayres Telles, III, 441 — Cantigas, II, 117, 118, 119, 123, 124, 125, 126, 127, 136, 141, 146, 147, 148, 154 — Cantiga a Ayres Telles ao apartar-se d'elle, II, 121 — Cantiga a uma confissão, II, 125 — Cantiga que fez a uma moça da sua dama que se chamava Esperança, II, 142 — Cantiga a uma mulher a quem quizera bem, II, 143 — Cantiga a uns bocaes do Barão forrados de pano, e muito estreitos, II, 120 — Cantiga ao Barão e a Jorge da Silveira, e a Luiz da Silveira, porque todos tres fizeram uma cantiga a D. Pedro de Sousa sobre uma capa franceza que fez, II, 122 — Cantiga a uma partida, II, 143 — Cantiga epigrammatica ao porteiro das Damas por nome Guerra, II, 124 — Cantiga porque passando sua dama do côro, lhe fecharam uma porta d'onde a via, II, 123 — Esparsa, II, 119, 153 — Fala que fez n'um momo de sua invenção, e cantiga, II, 157 — Glosa a uma cantiga de Pedro Secutor, II, 134 — Glosa sua a um moto, II, 126 — Pergunta a Garcia de Resende. Responde o Resende pelos consoantes, II, 156 — Resposta a Luiz da Silveira e João Rodrigues de Sá que lhe dirigiram trovas por trazer no barrete um coração de oiro, III, 300 — Resposta a uma trova de Ayres Telles, III, 442 — Trova, II, 109 — Trova a D. Beatriz de Sá, III, 55 — Trova a D. Beatriz de Vilhena, III, 63 — Trova a D. Guiomar de Menezes, III, 67 — Trova a Jorge de Oliveira, III, 277 — Trova a Luiz da Silveira sobre umas mangas que fez de setim com o avesso para fóra. Responde Luiz da Silveira, III, 297 — Trova a D. Margarida Freire, III, 44 — Trova a D. Margarida de Sousa, II, 111, 113 — Trova a um moto dado por uma senhora, II, 118 — Trova a um moto de D. Pedro, II, 119 — Trova em louvor de D. Leonor Henriques, II, 586 — Trovas a D. Joanna de Mendoça, III, 38 — Trovas a Manoel de Goyos não querendo sua dama que

Era julgada tão indispensavel á vida da sociedade em Evora, centro das elegancias n'essa epoca, a individualidade do Conde de Vimioso, homem da Côrte, trovador, opulento amphytrião, caçador notavel, que tendo elle de se ausentar de uma vez para vir a Lisboa tratar de negocios de seu pae, Garcia de Resende, o moço da escrevaninha de El-Rei, escreveu as seguintes trovas <sup>1</sup>:

*Ryfam*

Meu senhor, dêz que partistes  
 não vivo nem vivem cá  
 nem creio que viveis lá

Nós com vossa saudade  
 temos vida sem prazer  
 e vós lá com requerer  
 mil negocios da trindade  
 não podeis ledo viver,  
 assim andamos mui tristes  
 nós por não vos vermos cá  
 e vós, por andardes lá.

.....

---

a elle servisse. Responde o Goyos, II, 150 e 152—Trovas a Simão de Sousa da maneira que havia de chegar á Côrte vindo de Arzilla, II, 129—Trovas a tres damas que se foram uma noite do serão, II, 591—Trovas a um fidalgo que no serão d'El-Rei se mettu em uma chaminé e fez seus feitos n'um brazeiro, e diziam que era um dos capitães que iam á Turquia com o Conde de Tarouca. Ao mesmo assumpto fizeram trovas varios outros, III, 243—Trovas a uma mulher que elle servia, II, 137, 139—Trovas a uma mulher que se partiu d'onde elle estava, II, 142—Trovas a uma senhora que em um serão poz os olhos n'um homem, II, 593—Trovas a uma senhora que servia, II, 109—Trovas ao Barão porque vindo com El-Rei de Aimeirim para Lisboa em um batel se lhe destemperou o estomago, e sahiu em uma cirvilha a fazer seus feitos em uma lizira, II, 121, 122—Trovas moraes, II, 131—Trova que mandou de Santos a D. Rodrigo de Castro, que estava na Beira, por D. João Lobo, seu genro, em que lhe mandou novas de tres damas a que elle chamava as tres Guiomares, II, 127—Trovas saphicas, II, 155—Villancete, II, 153.

<sup>1</sup> *Cancioneiro Geral*, III, pag. 597.

e accrescenta que já em Evora não se sente vida na Praça, que á sexta feira não ha *curral*, ou não *se correm as cru-  
zes*<sup>1</sup>, e que nem mesmo ha animo de obrigar a fazer gra-  
ças ao Mendes da cabelleira (provavelmente algum *caturrea*  
com que a sociedade debicava), e que já não ha com quem  
conversar nem *novas para contar*.

Vê-se d'estas trovas, embora compostas com o exagero  
proprio do genero, transparecer o prestigio da complicada  
e magnificente figura do Conde de Vimioso.

As suas relações com Gil Vicente são conhecidas pelas  
referencias que este faz em varios pontos das suas obras.  
E de muitos trechos resalta a consideração que o poeta lhe  
tributava.

---

<sup>1</sup> É assim que talvez se possa interpretar o seguinte verso que na  
primeira edição do *Cancioneiro* se lê:

Nem curral ha sesta feyra.

e na segunda edição:

Nem curra-lh'a sesta feyra.

Havia em algumas praças, e talvez uma d'ellas se chamasse *o curral*,  
uma serie de cruces, algumas de azulejos, que serviam para se fazer  
uma especie de *via sacra*. *Correr as cruces* era para alguns uma pra-  
tica religiosa, para outros seria um passatempo mundano. E assistir a  
elle seria para os elegantes d'essa epoca tão apeteçivel tafularia, como  
no tempo de Camões esperar no adro das Chagas em sexta feira santa  
as senhoras que assistiam aos officios; em tempo de D. João V ver as  
fidalgas que iam beijar o pé ao Senhor dos Passos; e ainda em nossos  
dias esperar as formosas raparigas que, de mantilha negra, saem a  
portaria de Santos-o-Novo em tarde de procissão ou que em Quinta-  
feira Maior visitam as Igrejas do Chiado e da Baixa. Talvez, porem, o  
verso citado signifique apenas que a praça chamada *o curral* fosse ás  
sextas feiras o prazo-dado da sociedade elegante, e que pela ausencia  
do Conde de Vimioso perdesse a sua animação. *Curral* poderá tambem  
porventura ter aqui algum dos significados que veem no *Diccionario*  
de Moraes: — «Na Igreja, espaço cercado de bancos para pessoas de  
distincção; palacio, castello, alcaçar ou cêrca murada e forte. *Nobilia-  
rio*, 114 e 115 e *Provas da Hist. Geneal.*, 1, 213» — tomando-se o nome  
do logar pela affluencia de pessoas que a elle concorriam.

Na *Romagem dos Aggravados* <sup>1</sup>, diz Branca do Rego:

O alvalá que nos mostrou  
 Com tanto de filhamento  
 Tanto d'acrecentamento,  
 Não sei quem lh'o despachou  
 Damião Dias, ou alguém  
 Lhe houve elle o negro alvalá,  
 Christovam Esteves tambem,  
 Ou quiçais sabe Deus quem,  
 André Pires não será,  
*Nem o Conde do Vimioso.*

No romance á aclamação de D. João III <sup>2</sup>, entre as palavras que cada um dos nobres dirige ao Rei, diz:

O Conde de Vimioso,  
 Como quem sabe de açor  
 Diria com grande amor  
 Assi como sois fermoso  
 Tal será vosso lavor  
 Conselho-vos, Rei, meu senhor  
 Per vossa honra e proveito  
 Que deis ao bom servidor  
 Antes renda que favor  
 Muito estreito.

Nas trovas ao Conde de Vimioso, a quem El-Rei remetteu o auctor sobre um despacho seu, ha referencias que podem favorecer a conjectura que avanço.

Em primeiro logar as palavras seguintes, em que Gil Vicente se dirige ao Conde de Vimioso, teem analogia com o modo como a *Verdade* se dirige no *Auto da Festa* ao Senhor a quem falla:

Certo e nobre Senhor  
 Que quiz Deus ou a Fortuna  
 Que quem serve com amor  
 Quanto maior servidor  
 Tanto menos importuna.

<sup>1</sup> *Obras*, II, pag. 510.

<sup>2</sup> *Obras*, III, pag. 362.

Depois, o que é mais frisante e convincente, as palavras com que Gil Vicente, tendo a consciencia de quanto ha de ser agradável ao Conde de Vimioso o saber que elle projecta fazer uma nova comedia, e sabedor de que os productos do seu talento são tão apreciados, diz :

Agora trago antre os dedos  
Hũa farça mui fermosa ;  
Chamo-a a *caça dos segredos*  
*De que ficareis mui ledos*  
E a minha dita ouciosa <sup>1</sup>.

São tambem indicativos de que o auctor trabalhava por encomenda ou com destino ao Conde os seguintes versos :

Porque a minha fantasia  
Occupa o mais do estudo  
Todo em vossa Senhoria <sup>2</sup>.

É tambem de notar que Gil Vicente n'este *Auto da Festa* tende a exaltar os raros caracteres que respeitam a *Verdade*, a verdade que elle diz *filha de Deus*. Ora o Conde de Vimioso, o *Catão Censorino das Sentenças* que punha a verdade acima de tudo, e que tão subido culto lhe prestou n'essas sentenças que dirigiu á nobreza, decerto estimaria ver n'uma peça exaltada a verdade, e tida em deslouvor a mentira <sup>3</sup>.

Alem d'isto o dito do Vilão a respeito do terreno sagrado

<sup>1</sup> *Obras*, III, pag. 382.

<sup>2</sup> *Obras*, III, pag. 383.

<sup>3</sup> Das sentenças do Conde de Vimioso transcrevemos algumas que confirmam a these :

«O Bem se deve crer de todos e de ninguem o mal sem prova.— Quem perder honra por negocio perde o negocio e a honra.— Sem sam tenção não se pode ter amigo.— Culpa fea he mentir, mas muyto mais mentindo ao verdadeyro.— Mais se mente aos Reys calando-lhe verdades que dizendo-lhe mentiras.— O verdadeyro a si mais do que a todos deseja satisfazer.— A verdade dá a estima, e a mentira a privança.— A quem não cré verdades dizem mentiras.— Não se guarda verdade ao mentiroso», etc., etc.

e do *moesteiro ladrilhado*, em que pretendia entrar, suscita a ideia de que o palacio em que estava representando communicaria com os claustros de convento annexo, ou de capella contigua, o que se dava effectivamente com os paços dos Condes de Vimioso.

São poucos, bem sei, os indicios para firmar a minha supposição. Mas dando como assentado que era a um nobre *Senhor muy honrado, e a quem Gil Vicente pela bocca da verdade diz que vem beijar as mãos, como a meu senhor pelo verdadeiro amor que sempre vos tive pela vossa bondade* (o que se harmoniza com as relações que o poeta teve com o Vedor da Fazenda), e referindo-se todos os personagens á *nobre pousada*, não é muito atrevido suppor que o dono d'essa pousada fosse um fidalgo poderoso e influente, querido na Côrte e dado ás cousas do pensamento, em correspondencia de espirito com Gil Vicente, grande apreciador das suas peças, e elle proprio trovador e, o que é mais, dramaturgo.

E, effectivamente, n'estes inicios do theatro portuguez o *mômo que fez da sua invenção* é uma manifestação de talento dramatico, que o punha decerto em estreito parentesco espirital com o que fazia os *aitos* a El-Rei <sup>1</sup>.

D'ahi a conjecturar que o poeta que dizia no seu *mômo* pela bocca de um anjo á sua Dama :

Senhora, no quiere Dios  
que seays vos omecyda,  
en ser el alma perdida,  
de quien se perdió por vós

---

<sup>1</sup> O Sr. Lopes de Mendonça, no voto que apresentou á Academia Real das Sciencias, em sessão de 24 de abril de 1902, diz : «Que os mômos não eram exclusivamente exhibições mimicas prova-se entre outros documentos, pela lettra que o Conde de Vimioso escreveu para um d'elles e que se acha incluída no *Cancioneiro* de Resende ; por signal que n'essa lettra se pode porventura perscrutar a ideia geratriz do *Auto da Alma*». O Sr. Sousa Monteiro contestou esta opinião na sessão seguinte. Academia Real das Sciencias, *Boletim* da 2.ª classe, vol. 1, pag. 255.

teria por uma affinidade de sentimento litterario em grande estimacão o talento de Gil Vicente, e que portanto o quere-ria ter a representar em sua casa, não vae grande distancia, nem é uma supposiçãõ extremamente arrojada.

Se, porem, a outros investigadores mais sagazes, mais afortunados e com mais conhecimentos occorrer diversa hypothese para fixar a epoca da representacão, o sitio e a pessoa em honra de quem foi feita, que digam da sua justiça.

Emquanto tal não succeder fico-me convencido de que foi no Natal de 1535, na cidade de Evora, em casa do Conde de Vimioso D. Francisco de Portugal.

## X

Motivo do titulo d'este Auto. A sua importancia nas obras do poeta. A natureza da sua linguagem. Duvidas sobre alguns vocabulos.

Porque se intitula este Auto — *Auto da Festa*?

Por ter sido representado por occasião do Natal, que era a festa por excellencia.

Nove ou dez vezes celebrou o poeta em suas peças o Natal de Christo, e a sua imaginação é tão fecunda que sempre variou a forma de tratar o assumpto. Ás vezes, como n'este *Auto da Festa*, o Natal é só um pretexto de representação e no texto apenas se fazem allusões ao facto <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Vem aqui a talho de foice fazer notar que um trecho d'este *Auto da Festa* é a repetição de outro do *Templo de Apollo*. E porque é curioso ver como o Auctor se copiou a si proprio, introduzindo comtudo algumas variantes, que julgou necessarias, visto este *Auto da Festa* ser composto, como é evidente, para o Natal, e o *Templo de Apollo* o ter sido para celebrar a partida da Infanta, filha de El-Rei D. Manoel, que foi casar com Carlos V, transcrevo parallelamente os dois trechos sublinhando as variantes dos textos. O do *Templo de Apollo* vae copiado da primeira edição. Embora composto e representado perto de 20 annos antes do *Auto da Festa* a sua impressão é muito posterior, o que explica algumas das variantes que não são intencionaes. Outras vê-se que são expressamente feitas para metter n'este Auto algumas

Assim, por exemplo, o villão Janafonso refere-se ao Natal ali festejado, dizendo:

Samicas Deos nasce elle aqui?

VERDADE. Dize-me como assi?

Disserão-me que era nado.

referencias ao Natal. Outras ainda ha que nasceram do capricho do Poeta, como se verá pelo confronto seguinte:

TEMPLO D'APPOLLO

*Chega um vilam Portugues em traje de romeiro e diz.*

Aa corpo de mi coa Virgem  
avia eu ca de chegar,  
crede certo que he errar  
Prometer ninguem romagem  
nega mesma no logar.  
Porque nenhum sancto bento  
nam deve de ter por bem.  
a canseira de ninguem,  
nega see santo de vento  
que nam he, nem val nem tem.  
Quero ora cuspir primeyro  
antes que entre no sagrado  
porque deve ser peccado  
cuspir ninguem no mosteyro  
quanto mais see ladrilhado (*cospe*)  
Aramá comeu estou seco  
cuiday que o caminho, he demo  
aqui trago eu hum leva remo:  
nega se meu embeleco  
este he da pedra do extremo

*Bebe, e depois de beber diz:*

nam ha hi tal oraçam  
como depois de beber  
que Deos nam he senam prazer;  
e quantos sanctos lá estão  
o diram se for mister.  
E tambem quero tirar,  
ante que entre na orada  
Hũa cochina pellada  
que trago pera offertar  
este Deos logo aa entra.

PORTEYRO

VILÁ. Si, luego acá entrareis  
mirad que negras quejadas  
Andam secas das geadas.  
errém si, vós leyxareis  
entrar pessoas honrradas.

AUTO DA FESTA

*Entra hum vilão per nome Janafonso a maneyra de Romeyro e diz.*

Corpo de *mim* com a *viagem*  
avia eu ca de chegar  
crede certo que he errar  
*promete ningué* romagem  
*nego* mesma do lugar  
Porque nenhum sancto bento  
não deve de ter por bem  
a canseira de ninguem  
*nego* se he *sancto* de vento  
que não he nem *vay né ve*,  
quero ora *cospir* primeiro,  
antes que entre no sagrado  
porque deue ser peccado  
*Cospir ningué* no *moesteiro*  
*onde* mais se he ladrilhado (*cospe*)  
*Erema* como estou *seco*  
*Cuidar q o demo* he o demo  
aqui trago hum *leuaremo*  
nego se meu *en baleco*  
este he da pedra do extremo (*bebe*)

Não *ahy* tal *coração*  
como depois de beber  
q Deos não he senão prazer  
e quantos sanctos la estão  
o dirão se for mister,  
e tambem quero tirar  
*antes* que entre na *alhada*  
*hũa cebolla assada*  
que trago pera offertar  
*logo de boa entrada*

PARVO.

Jo.

Si *logo* ca *entrais*  
*ay depura* que *quixadas*  
andão secas das geadas  
porem si vos *deixais*  
entrar pessoas honrradas

e um pouco antes:

E tambem vós fareis mal  
de tomar birra comigo  
e mais dias de o Natal.

POR. Quem sois Vi. Janafonso.

PAR. Quem sois *vo.*

Jo. *Eu sam Janafonso*

POR. Teneis vos algum señor  
ó señora de valor?

PAR. Tendes vos algum senhor  
ou senhora de valor

VILÁ. La ajudo eu ao responso  
aas vezes o nosso priol.  
E trago-lhe dous novilhos  
E húa porca, e assi

Jo. La ajudo eu ao responso  
ás vezes *ao* nosso Priol,  
e trago-lhe dous *nouilhos*  
e húa porca, e assi  
*que sempre o eu serui*  
e crieilhe ja dous filhos  
soma que he chegado a mi  
e bem *inda* vos digo  
ora elle he homem que val  
e tambem vos fareis mal  
*de* tomar birra comigo  
e *mais dias de o Natal.*

que lhe criei ja dous filhos:  
soma que he chegado a mi.  
E bem ainda vos digo,  
ora elle he homem que val  
er tambem vos fareis mal  
em tomar birra comigo,  
que nam sam agoa nem sal

PORTEYRO

Pues aun que fueses criado  
del papa, que es gran señor,  
y no del Emperador  
eneste templo sagrado  
no entraraas, labrador.

VILÁ. Achais la que he consciencia  
ir homem dalem de Braga,  
do concelho de Cornaga  
gastando o que nam alcança  
depois estar n'esta praga

PARVO

*Olhay ca home honrado  
vos não aveis ca dentrar  
hide embora folgar  
que eu estou já enfadado  
e não quero senão fallar.  
Achareis lá tal andança  
vir homem dalem de Bragáça  
do conselho de Cornaga  
gastando o que não alcança  
depois estar nesta praga*

PORTEYRO

VILÁ. Que quieres a Dios aora  
Mas que me quer elle a mi  
Dizei-lhe erama que está aqui  
Janafonso, ou embora  
e quiçais diraa que si.

PAR. Que quereis a Deos agora  
mas que me quer elle a mi,  
Jo. dizeilhe erama questá aqui  
Janafonso, ou embora,  
*Sicais* que dirá que si.  
*Ca se Deos fosse occupado  
como homem diz a respeito  
mas elle tem tuão feito  
dantes que elle fosse nado  
e meu visano desfeito.*

POR. Que le has de pedir veamos

PAR. Que *lheis de dizer* vejamos

*cãta o VILAM*

Rogare a Dios del celo  
que era padre de mesura,  
que ou me case ou me mate,  
ou me tire de tristura.  
amor no puedo dormir.

JANAFONSO cantando

*Rogarey a Deos del celo  
quera padre de mesura  
que me case, ou me mate  
e me tire de tristura  
amor não posso dormir.*

e Caterina, a pastora, no fim da peça, dirigindo-se á Verdade diz :

Senhora, pois vos achais  
em *esta festa* presente,  
peço-vos que nos queirais  
ajudar pera que mais  
se faça perfeitamente.

POR.	Y eso le has de pedir véte noramala di.	PAR.	<i>Assi lhe as tu de dizer vayte, vayte erama dhy.</i>
VILÃ.	Quereis conhecer o roim day lhe officio a seruir Pois nam ha casa na ládeyra nem em todo Ribatejo, em que eu nam entre sem pejo ; y ja estive na Pedreneyra, e nam vi o que aqui vejo Vam aqui poor por porteyro hum demo pastel de pego e tem cenreira começo, pois nergueyja do Barreyro entrey sem este trasfego E na see da Cortiçada e da Chamusca e do Cartaxo e da Alhandra, e mais abayxo entro eu sem pejo e sem nada. E aqui estou nesta canceyra.	Jo.	Quereis conhecer o roim <i>da</i> lhe officio a <i>seruir</i> . Pois não ha casa na Landeira nem em todo Ribatejo <i>Que me ponha nenhum pejo e jeu estiue na pederneira mas não vi o que aqui vejo.</i> E vão <i>poer</i> o porteyro aquelle pastel de pego e tem cenreyra começo Pois <i>na igreja</i> do Barreiro entrei sem este <i>trafego</i> . <i>E na Sé cortiçada da Chamusca e do Cartaxo e dalhandra e mais abaixo entro sem pejo e sem nada.</i>
APO.	Entre, entre, que cosa es esta	PAR.	<i>Entra vejamos que espera</i>
VILÃ.	Pardeos tal roupa comesta nunca a vi vender em feyra mas ver e nam ter, que presta	VERDADE.	<i>Entra, e veras a feira.</i>
		Jo.	<i>Tão boa roupa como esta inda eu não vi na feira, mas ver, e no mais, q̄ presta nego pera ter canseira</i>

APOLO

	A qué vienes di grossero piensas que estás em aldeia.	VER.	<i>De q̄ te espantas, grosseiro, cuydas que isto he aldeia.</i>
VILÃ.	E nam ve vossa mercea que sam eu tambem romeyro ou aveis mister candea E mais acho-me enganado porque Deos nam he Castelhana nem viera eu ca este anno se disto fora enformado. mas nam he nada hum engano Nunca vos eu darey bolos ; porque como a noz he noz Deos naceo em Estremoz, e sa mãy em Arrayolos e esta he minha voz. e sam Pedro no Barreiro e sam Paulo em Alcochete sam Francisco em Alegrete e Santisprito em Pombeyro e sam Fernando em Punhete	Jo.	E não ve vossa mercea que são eu tambem romeiro ou aveis mister candea E mais achome enganado <i>Samicas Deos nase elle aqui dizeme como assi dixerão me que era nado e que si a nego daqui Porem não vos darey bolos,</i> porque como a noz he noz Deos naceo em estremoz, e sua mãy em Arrayolos e esta he minha voz. E são Pedro no Barreiro e são Paulo em Alcochete, e são Frãçisco em <i>Punhete</i> e <i>santo Spiritu</i> em Pôbeiro e são Bras em Alegrete
		VER.	

Estes autos do Natal não eram obrigados a tratar exclusivamente do assumpto do nascimento de Christo. Eram compostos para a Côrte, e para os nobres folgarem n'aquella noite de festa. A esse proposito diz D. João da Annunciada:

«Não se presume que as peças de Gil Vicente se representavão nas Igrejas, de mistura com os officios divinos, como se tem dito expressamente pelos estrangeiros e muitos nacionaes, e se dá a entender, sem que d'isto se falla pela circumstancia do tempo que de ordinario lhes designa a *noute de Natal*. Muitos annos houve que a Côrte passava a noute de Natal n'este entretenimento por ser de Vigílias, e grande concorrência nos Paços ás consoadas de passas, frutas, coscoroens, ou coscoreis e outras *Lambugens* da festa que os senhores da Familia Real repartião com largueza a seus creados e afilhados. Para occupar tanta gente *dava-se-lhe espectaculo no intervallo das Matinas*, acabadas estas seguia-se a Missa do Gallo a que a Côrte vinha assistir, e depois a representação ou continuava ou acabava. Nos dois reinados do Senhor D. Manoel e do Senhor D. João III, Gil Vicente era a alegria da Côrte em qualquer parte que andasse. Especial acolhedor de vivas e applausos da Rainha a Senhora D. Maria, mais dos Principes, Princesas e cortesãos, etc., etc., etc.»<sup>1</sup>.

O Ceo e a Terra e o maar  
nacêrão na Golegaam  
e o sol na Lourinhaam  
e as febres em Tomar  
e as moças na Louzam

Todo o bem e a verdade  
Neste Portugal naceram

E o ceo, e a terra, e o mar  
naserão na Golegã  
e o sol na Lourinhã  
e as estrellas em Tomar  
e as moças na Lousã  
E são Vicente verdadeiro  
em Almeirim naceo tambem  
são Fernando em Santarem  
e são João em Aveiro  
isto sey em muyto bem.  
Todo o bem e a verdade  
neste Portugal naserão.

Só até aqui ha homogeneidade nos textos dos dois Autos.

<sup>1</sup> *Historia da litteratura poetica portugueza*, de D. João da Annunciada; ms. existente na Bibliotheca de Evora, trecho publicado na *Revista Lusitana*, vol. VII, n.º 1, pag. 62.

Seria, portanto, este Auto uma distracção no intervallo das matinas do Natal em casa dos Condes de Vimioso, que eram muito devotos ao sabor d'aquelles tempos.

Este Conde foi mais tarde acolher-se, para morrer, ao mosteiro de Belem <sup>1</sup>.

Deixou, porem, da sua passagem pelo mundo o rasto luminoso do seu brilhante engenho; e se porventura, como supponho, este Auto foi composto em sua honra, e por seu impulso, é um accrescentamento na sua gloria, por ter contribuido para o apparecimento de mais esta joia da nossa litteratura.

Tem esta peça effectivamente um real valor, e é grande a sua importancia entre as outras obras do poeta. Pela concepção, pelo estylo, pela agudeza no conhecimento dos defeitos humanos, e desenho de caracteres, é mais um documento do prodigioso talento do fundador do theatro portuguez. Fornece-nos alem d'isso alguns elementos para a biographia do poeta que são inestimaveis: a fixação approximada da data do seu nascimento; a declaração da sua obesidade (mui barregudo); o ser tido por homem de siso, visto que o rascão o defende dizendo *pois elle é bem sisudo*; e saber-se que n'esta data se achava apto para casar, o que é demonstrado pela phrase da velha, gabando-se de que já muitas vezes *Gil Vicente a mandou rogar*. Se portanto casou em segundas nupcias com Melicia Rodrigues, como alguns affirmam, foi depois da representação d'este Auto.

Estes dados biographicos não se prestam a intepretações diversas, como os dois versos do Doutor Justiça Maior na *Floresta dos Enganos*, que forneceram a Barreto Feio

---

<sup>1</sup> No *Cancioneiro de Evora*, publicado por V. Harding, ha uma trova do Conde de Vimioso estando em Belem, enfermo do tempo e das cousas d'elle.

Um seu neto entrou no convento de S. Domingos de Bemfica e sua mulher no do Sacramento em Alcantara, precedendo com o seu procedimento a resolução de D. Manoel de Sousa Coutinho e D. Magdalena de Vilhena.

a hypothese de, sendo o auctor quem representava esse papel, e dizendo :

Ya hize sessenta e seis  
Ya mi tiempo es passado

ficar assim fixada a data do seu nascimento em 1470. O Sr. Brito Rebello diz, porem, que se este processo fosse conducente, teriamos de o applicar á farça *O Velho da Horta*, em que com toda a probabilidade era Gil Vicente quem representava o papel do Velho, que é reprehendido pela mulher na maneira seguinte :

Havei má hora vergonha  
A cabo de settenta annos  
Que sonde já carantonha.

Ora como a farça foi representada em 1512 viria esta indicação afastar a data do nascimento do poeta para 1452, o que seria quasi impossivel.

No nosso Auto, porem, não é um personagem da peça que temos de confundir com Gil Vicente, mas elle proprio que confessa ter mais de sessenta annos.

Se pelos motivos que temos apontado este Auto é digno da admiração de todos, e da attenção dos estudiosos, não o é menos o seu valor sob o ponto de vista da linguagem. E assim é de notar como já disse a que é empregada pelas diversas personagens. A Verdade falla sempre em estylo elevado, e, se a metrica não é com relação á medida de hoje de um rigor escrupuloso, escolhe de preferencia o verso *de arte maior* para se expressar, e por vezes esse verso tem grande belleza e harmonia.

Os outros personagens fallam, ou a lingua plebeia, ou a linguagem intencionalmente descuidada e falta de senso do Parvo, ou o hespanhol dos ciganos, que n'esta peça é o castelhano, sem as particularidades de linguagem que apresentam as ciganas no auto d'este nome. Apenas ás vezes nos ditos d'essas ciganas ha um  $\zeta$  em vez d'um s.

Com respeito a esta particularidade do emprego da lingua castelhana é notavel este Auto.

Sabe-se que a obra de Gil Vicente é *bilingue*. Muitas das suas peças foram exclusivamente escriptas em hespanhol outras em portuguez, outras simultaneamente nas duas linguas, portugueza e castelhana.

Nas peças bilingues predomina em geral o portuguez, e é quasi de regra que os personagens de mais humilde condição se expressem n'este idioma e as mais nobres no castelhano <sup>1</sup>.

Mais tarde as suas intenções mudaram e começou a usar do processo contrario, por forma que nos auctores que se lhe succederam, como Camões no *Auto de El-Rei Seleuco*, já ha o emprego intencional do castelhano para os typos rudes ou comicos. N'este *Auto da Festa*, fallam todos o portuguez, excepto os ciganos, personagens que na peça teem menos nobreza. Nunca a sua musa deixou de ser intensamente patriotica. Mas no decorrer da vida parece que ainda mais se arreigou n'elle este sentimento.

E é n'um arrebatamento de patriotismo que põe na bocca da Verdade os seguintes versos:

Todo bem e a verdade  
neste Portugal nasceram,  
e se ha y algũa ruindade  
de Castella a trouxeram  
que não são nego maldade.

He a mais ruim relé  
esta gente de Castella,  
que juro pela bofé  
que melhor he a de Guiné  
setecentas vezes que ella.

No seu folheto intitulado a *Linguagem popular de Gil Vicente*, diz o Sr. Leite de Vasconcellos: «Gil Vicente, á semelhança d'esses dramaturgos, entre os quaes tinha continuamente a estimularem-no os hespanhoes Encina e Lucas Fernandez, que tanto se serviram do fallar sayaguês e salamanquino, pôs muitas vezes na boca das suas persona-

<sup>1</sup> Gonçalves Vianna, «Lusismos no castelhano de Gil Vicente», in *Revista do Conservatorio Real de Lisboa*, n.º 2, pag. 2.

gens plebeias linguagem popular que importa não confundir com a linguagem litteraria da epoca que elle tambem emprega — ainda que ás vezes a distincção se torne difficil porque expressões que hoje nos parecem só do vulgo como *polo*, *frol*, *fermoso*, *nó mais*, *pera*, eram cultas no seculo xvi e porque havia como agora innumeros termos populares que tinham entrado na lingua culta, e outros cultos que estavam a popularizar-se.

Exemplificarei com alguns autos esses dois aspectos da linguagem de Gil Vicente.

No da *Mofina Mendes* principia fallando um frade, a Virgem, varias virtudes e um Anjo, e a linguagem d'estas personagens não destoa nada em geral da que se usava na litteratura quinhentista; quando porem entram os pastores logo começa a apparecer linguagem plebeia, que se revela ora no vocabulario, ora na grammatica, ora nas phrases e ditos, como *atás*, *samicas*<sup>1</sup>, *entonces*, *bofá*, *por caso*, *magreira*, *dá ó Demo*, *deu olho mau por ella*, *a maleita a toma*, *quiçaes*, *nego e nega*<sup>2</sup>, *aramá* (que alterna com *earamá*), *Andrel* mas nos titulos *André*, pois ahi não é o povo quem falla.

*Catalina* (mas nos titulos onde falla o auctor *Catherina*) *som*, *fige*, e *quige*, *caiço*, *omagem* (n'outras partes em lingua culta *imagem*), o que tudo contrasta bem com a linguagem polida de que se servem os clerigos no hymno do fim da peça».

Não podemos alongar citações, e a que fazemos do folheto do illustre philologo já nos serve para vermos as suas observações confirmadas no *Auto da Festa*.

<sup>1</sup> *Samicas* = «se, por ventura». Gil Vicente põe muitas vezes esta palavra na bocca do povo, o que corrobora as palavras de Oliveira e lhes serve de commentario. Adolpho Coelho, *Questões da lingua portugueza*, pag. 26. Fernão de Oliveira, na sua *Grammatica da lingua portugueza*, de 1536, diz: «As dições velhas são as que foram usadas; mas agora são esquecidas... *acarão* que quer dizer junto ou a par, e *samicas* que significa por ventura».

<sup>2</sup> *Nego e nega* significa «senão».

O nome da pastora *Caterina* é assim escripto quando o auctor o escreve nas rubricas, mas *Catalina* quando é o villão que diz:

e pera nossa alegria  
quero hir chamar Fernando,  
*Catalina*, e Mecia.

A palavra *samicas* tambem é empregada na linguagem plebeia do villão Janafonso, e *bofás* na do outro villão.

Muitos vocabulos ha n'esta peça, de sentido obscuro ou duvidoso, que não se encontram nos dictionarios nem nos glossarios, e vocabularios, nem em Viterbo no seu *Elucidario*.

De alguns ter-se-ha perdido a significação, outros terão sido adulterados pela incuria dos typographos. Dois ha mesmo que, tendo uma significação litteral obscena, não o são pelo sentido que teem na oração em que entram. Um significa por ventura um dos jogos populares ainda hoje usado na provincia, ou o *pego-chuna* ou a *cunca* citada no *Cancioneiro* de Resende; outro é de certo uma parte da *bésta*, arma usada na idade media e que seria composta de varios fragmentos de que hoje tenham desaparecido os nomes.

Estes vocabulos, e as passagens obscuras que n'este Auto se encontram, como em tantos de Gil Vicente, serão decerto assumpto interessante de curiosas observações e estudos por parte dos que cultivam as sciencias philologicas, que dia a dia mais se especializam e se desdobram.

A esses entregamos o Auto na sua lição *fac-similada*, que afasta duvidas de interpretação, ou embaraços nascidos da imperfeição da copia e evita aquelle escolho de que já se queixou um illustre philologo — o arbitrio dos interpretes eruditos que, a pretexto de modernizarem a linguagem de antigos textos, alteram a phonetica, as flexões, os accentos, etc.

E assim o leitor curioso estimará encontrar o *Auto* tal como elle foi impresso na vida do auctor.

Como, porem, no Auto assim dado á estampa são numerosos os trechos em que ha difficuldades de leitura —

tão gasto estava, ou tão ordinario era o typo que serviu para a impressão primitiva — resolvi, cedendo a instancias auctorizadas, incluir no presente volume uma copia, em typo moderno, que facilite o conhecimento rapido do texto.

Hesitei em o fazer por ser sempre perigosa a tarefa de modernizar um texto antigo.

Até que ponto, quando se transcreve, se deverá conservar ou alterar, para o tornar legivel, esse texto, é, como se sabe, materia de disputas; opinando uns porque absolutamente nada se modifique nem mesmo os erros typographicos mais evidentes; querendo outros que haja direito até de modernizar a orthographia e a syntaxe para tornar mais claro, e ao alcance de todos, o pensamento do auctor. É profanação esta ultima que não commetterei.

Apenas, tendo resolvido transcrever o *Auto*, e encontrando por vezes trechos obscuros que por um simples signal grammatical, dos que ao tempo ainda não se usavam, poderiam ser mais facilmente lidos, empreguei esses signaes ou ligeiras variantes orthographicas, e ainda assim moderadamente.

No resto adoptei o criterio de que usou Barreto Feio para coordenar a edição de Hamburgo. Diz elle na advertencia que precede o primeiro volume: «Em quanto ao plano que seguimos na presente edição, depois da devida reflexão, adoptámos o seguinte. . . Corrigimos todo o logar onde nos pareceu manifesto o erro typographico sem nos deixarmos acanhar pela cega predilecção que tanto voga entre nós pelas antigas edições. . . Emquanto á orthographia, assentámos aproximar-nos da moderna, nunca porem de maneira que a pronuncia soffresse alteração, dando uma voz moderna pela antiga, conservamos pois *sam* e *som* (e ainda *são*, accrescentarei eu) por *sou*, *devação* por *devoção*, *concrusão* por *conclusão*, e outras semelhantes».

N'esta edição do *Auto da Festa* os erros, que porventura a copia tenha, são de somenos importancia porque quem quizer corrigil-os tem a lição *fac-simile* a que se pode socorrer.

Não apresento uma edição critica á moda allemã, trabalho que seria muito util para os estudiosos mas que demanda conhecimentos especiaes, e que n'este caso só poderia ser feita juntamente com as outras obras do poeta. Está promettida a edição das obras completas por parte do Sr. Leite de Vasconcellos. Com a presente publicação terá o sabio philologo mais um elemento de estudo.

E D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, que sabemos ter preciosas notas e schemas metricos com observações minuciosas sobre o vocabulario e as rimas dos Autos, e que dentro em pouco vae publicar na *Bibliotheca Romanica* (Strassburg) um estudo sobre as *Treç Barcas* e *D. Duardos*, como amostra da edição critica das obras completas já de ha muito promettida, com certeza contribuirá tambem para a continuação do culto que o paiz deve a Gil Vicente.

Pela minha parte a missão de que me incumbi está cumprida, embora com insufficiencia.

Tendo em minha casa a visita do *Plauto portuguez*, representado por este seu Auto ignorado, não me permittia o animo acompanhal-o até a porta da publicidade sem a homenagem devida á sua alta categoria.

TRANSCRIÇÃO  
DO  
AUTO DA FESTA



## AUTO DA FESTA

Auto novamente feito por Gil Vicente, e representado, em o qual entram as *Figuras* seguintes, a saber primeira-mente :

A VERDADE.  
UM VILLÃO.  
LUCINDA. } duas ciganas.  
GRACIANA. }  
UM PARVO.  
IANAFONSO, villão.  
UMA VELHA.  
UM RASCÃO, que quer casar com a velha.  
FERNANDO, pastor.  
MECIA. }  
CATERINA. } tres moças pastoras.  
FILIPA. }

*Entra logo a Verdade e diŕ:*

VERDADE

Esteis muito embora, senhor, mui honrado,  
esteis muito embora assi como estais,  
e Deos vos faça tão prosperado <sup>1</sup>  
quanto eu sei que vós desejais.

5 Eu sam a Verdade  
que venho, senhor, com grande vontade  
beijar-vos as mãos como a meu senhor,  
pelo verdadeiro e antigo amor  
que sempre vos tive por vossa bondade.

---

<sup>1</sup> No original: «prosperados».

Que eu tenho corrido grão parte de Espanha  
principalmente neste Portugal,  
e posso dizer que nunca achei tal,  
que me fizesse hũa honra tamanha.

5 Oh grande mal!

quem nunca cuidou que em Portugal  
a Verdade andasse tão abatida,  
e a mentira honrada, e com todas cabida  
por muito melhor e mais principal.

10 Por isso Deos, que he verdade acabada,  
dá pelo mundo tanta oppressão,  
porque lá a verdade anda pelo chão,  
e a falsa mentira está levantada.

E pois assi he,

15 que donde eu estou não pode haver fé  
per donde esperem ser perdoados  
permite o senhor, que os seus peccados  
os tragam sogeitos debaixo do pé.

Vim-me á corte cuidando achar

20 quem me fizesse algum gasalhado  
sem achar nunca ninguém, mal peccado,  
quem <sup>1</sup> me quisesse somente olhar.

Oh grão crueldade

que os tempos de agora tem tal calidade,

25 que todos no paço já trazem por lei  
que todo aquelle que fallar verdade  
he logo botado da graça del Rei.

Nunca foi tempo em que o engano  
tanto valesse com lisonjeria

30 e a verdade tivesse tão pouca valia,  
nem menos temessem a Deos soberano.

Oh males mundanos,

mentiras, embolas, e falsos enganãos,  
quem lhes outorgou tam grande poder

35 que podessem ainda fazer  
todos os grandes senhores oufanos.

<sup>1</sup> Talvez: «que me».

E tendo <sup>1</sup> sabido que vós, meu senhor,  
me tendes amizade e fé verdadeira,  
e por isso venho d'aquesta maneira  
dar-vos as graças por tão grande amor.

5 E com pensamento  
de em vossa pousada fazer aposento,  
pois me amais com tanta firmeza,  
da vossa bocca farei fortaleza  
para estar nella sempre de assento.

*Assenta-se a Verdade em hũa cadeira com hũa almofada aos pés, e  
entra um villão que vem em hũa demanda e diz:*

#### VILLÃO

10 Digo que Deos vos mantenha,  
nego todos como estais  
como creio que desejais.

Eu são de cima da Beira,  
lá de junto do Fundão;  
15 venho com hũa appelação,  
bofas com farta canseira.

Qu'o <sup>2</sup> juiz da minha aldeia  
sendo grande meu amigo,  
foi tomar birra comigo  
20 por me chimpár na cadea.

Então diz que anda dizendo  
a todo o que ouvir lhe quer  
que me vio estar jazendo  
com sua mesma molher.

25 Mas eu, má morte me mate,  
e pela benção sagrada  
de minha mãe que he finada  
se eu sei parte nem arte  
de tão grão balcarriada.

<sup>1</sup> Talvez: «tenho».

<sup>2</sup> «Co» no original.

Verdade he que hum domingo  
 fui eu e peguei nella,  
 ella foi pegou comigo,  
 e assi como vos digo,  
 5 tomei grã prazer com ella.

Mas perol <sup>1</sup> d'aquella feita  
 nenhum desprazer lhe fiz,  
 e ella mesma assi o diz,  
 por tanto não aproveita  
 10 o que ella <sup>2</sup> contra mi diz.

Porque ella nunca bradou  
 nem dixei-me «tirai-vos d'i»,  
 mas antes muito folgou  
 e grande prazer tomou  
 15 segundo nella senti.

Ora pois que assi he  
 nego isto foi d'este geito,  
 elle quer comigo preito,  
 dizei-me por vossa fé  
 20 qual de nós tem o direito.

Em fim a concrusão he esta:  
 pois cuida que sabe muito,  
 ella <sup>3</sup> ficará por besta  
 e sua mulher por aquesta  
 25 e eu livre e absoluto.

Ora pois vos hei contado  
 tudo o que venho fazer,  
 queria de vós saber  
 para ser bem despachado  
 30 que remedio hei de ter.

<sup>1</sup> Será talvez «pero».

<sup>2</sup> Deve ser «elle».

<sup>3</sup> Deve ser «elle».

## VERDADE

Se tu diante lhe deitas  
 duas duzias de perdizes  
 e outras semelhantes penitas <sup>1</sup>  
 farás que as varas direitas  
 5 se tornem em cousas fritas.

Porque he tanta a cobiça  
 nos que agora tem mando  
 que em al não andam cuidando,  
 e a coitada da justiça  
 10 anda da sorte que eu ando.

VILLÃO. Ora bem e quem sois vós?  
 assi estais tão prosperada.

VERDADE. Eu são a filha de Deos,  
 que ando cá entre vós  
 15 muito pouco estimada.

VILLÃO. E bem, como vos chamais?  
 VERDADE. A mim chamam-me a Verdade.  
 VILLÃO. Vae-me dando na vontade  
 que isso que vós fallais  
 20 que he tudo falsidade.

VERDADE. O que eu te digo é assi,  
 não duvides nemigalha.

VILLÃO. Ora bem, que Deos vos valha,  
 encaminhai-me a mi,  
 25 como vença esta demanda.

---

<sup>1</sup> Será talvez «peitas». Poderá tambem porventura ser *penitas* um deminutivo de *pennas*, querendo assim o auctor indicar — outras *aves* semelhantes a perdizes.



VERDADE. Não te quero aconselhar,  
 porque teu mal não tem cura,  
 pois que não tens que peitar;  
 porem deitar a nadar,  
 5 e encomenda-te á ventura,  
 que ella te há de guiar.

VILLÃO. Segundo meu parecer  
 eu vou de mal em peor;  
 não me quero mais deter;  
 10 ficai com nosso senhor.

*Vai-se e entram duas ciganas cantando e logo diŕ Graciana a Lucinda:*

GRACIANA. Dexemos aora el cantar,  
 hablemos en nuestro hecho  
 porque el mucho holgar  
 no trae mucho provecho.

15 Hablemos de que feicion  
 hemos algo de hurtar,  
 que se nos isto no val  
 nuestras rentas pocas son.

LUCINDA. Tu piensas que andas en sierra?  
 20 mucho poco medraras,  
 que la gente d'esta tierra  
 sabe mas que Satanas.

Yo tome <sup>1</sup>, hermana mia,  
 si nos toman en tal trato,  
 25 que paguemos nos bien el pato  
 y aun muy mas de la contia.

---

<sup>1</sup> Talvez: «Yo temo».

GRACIANA. Pues hermana que haremos?

LUCINDA. Balaremos tu y yo.

GRACIANA. De hurtar no curaremos.

LUCINDA. No hermana, no, no, no;

5 va-te tu a los varones  
y loa-los de loçanos  
y como son cortezanos  
ellos te daran mil dones.

Yo hiré a las mugeres  
10 com palabras de mesura  
dezir-les-he la ventura  
y dar-me-han sus averes.

GRACIANA. Pues antes que allá entremoz,  
para mas las agradar

15 comecemos de cantar.

LUCINDA. Graciana bien haremos.

*Cantão esta cantiga :*

«San Iu verde <sup>1</sup> passó por aqui;  
Quan garridico lo vi venir».

*Ao dono da casa :*

GRACIANA. Da-me, señor generoso,

20 muy virtuoso,  
dá por Dios a esta criatura;  
dezir-te-he la buena ventura,  
c'as <sup>2</sup> de ser muy poderoso;

mucho, mucho me contenta  
25 tu planeta;  
as de ser muy venerado,  
mucho, mucho prosperado,  
y señor de mucha renta.

<sup>1</sup> Deve ser: «San Juan verde». Cfr. *Obras*, II, 491.

<sup>2</sup> «Que has».

Y tambien tienes la vida  
 muy comprida ;  
 mucho bien as de tener,  
 lengua vida as de tener.  
 5 Dios te la tiene prometida,  
 tienes presencia <sup>1</sup> honrada ;  
 ea pues que estás mirando,  
 haz, que vaya consolada  
 d'esta tu noble pozada,  
 10 y mira, señor, qual ando.

*A outro :*

Tu tienes un pensamiento  
 que te dá grande cuidado,  
 haz tu coraçon contento,  
 que está muy desconsolado ;  
 15 porque quieres que te diga  
 no te lo quiero encobrir,  
 tu tienes una amiga  
 que no te dexa vivir.

Mas si tu hablas conmigo  
 20 y me tienes poridad,  
 mira bien lo que te digo :  
 tu la abraz cedo contigo  
 mucho a tua voluntad ;  
 mira quanto deprendi  
 25 que con palabras que sé,  
 que delante te diré  
 yo la haré venir aqui  
 aunque muy lexos esté.

*A outro :*

Tu, galan muy mesurado  
 30 ypreciado,  
 oh que cosa te diré ?  
 tu andas muy namorado  
 de una dama que yo sé,

<sup>1</sup> No original: «presenciada».

gran dolor passas por ella,  
 pero sabe en verdad  
 que no tiene lealtad  
 mas de quanto estás con ella,  
 5 que otro tien su voluntad.

*A outro:*

Tu si fueres namorado  
 o casado,  
 a que contigo casar  
 un fraile la ha de llevar,  
 10 y d'esto perde cuidado  
 que no se pode <sup>1</sup> escusar  
 lo que está ya ordenado.

*A todos:*

Dad, señores,  
 pues que sois possuidores  
 15 de gracia tan infinita,  
 por vida de vuestros amores  
 que me des <sup>2</sup> qualquer cozita.

Mira aqui que namorados!  
 guayaz d'ellos y sus famas!  
 20 que estiman mas dos cornados  
 que las vidas de sus damas,  
 y quieren ser amados.

*Falla Lucinda com as molheres:*

LUCINDA. Oh linda flor de las flores,  
 mis amores,  
 25 no seas desconocida,  
 da-me alguna cosa, por vida  
 d'essos ojos robadores.

<sup>1</sup> Deve ser: «puede».

<sup>2</sup> Talvez «den».

Tres maridos as de tener,  
y de todos muy amada  
y de uno has de ser  
mucho mucho desseada,  
5 mas pero no te ha de aver.

*A outra :*

Tu señora casadica,  
namoradica,  
descansa tu coraçon;  
si me das un camizon  
10 hare que seas mas rica <sup>1</sup>  
que aya en tu generacion.

Vivirás muy descansada,  
y si me das prata, o oro,  
descobrir-te-he un thesoro  
15 qu'está dentro en tu posada  
que quedó de un rey Moro.

*A outra :*

Dad <sup>2</sup> señora bonitica,  
garridica;  
ea da-me alguna cosa,  
20 hermosa como una rosa,  
como te huelgas, perrica.

Ravia mala que te mate  
loçana, da-me esta mano;  
tu pensamiento es vano,  
25 habla conmigo de parte  
y daré-te el desengaño.

---

<sup>1</sup> Talvez : «la mas rica».

<sup>2</sup> Certamente : «Dá».

*A todas :*

Dad <sup>1</sup> señoraspreciadas  
y enamoradas;  
pues que nada no me dais  
plega a Dios que os veais  
5 mucho, mucho desamadas  
de los que vos mas amais.

*A Verdade:*

Tu, señora m'as de dar  
qu'estotros no me dan nada,  
que yo te veo luego estar  
10 mucho mejor assombrada ;

ea da-me alguna cosa,  
cara de rosa,  
una saya desechada,  
una camisa rasgada  
15 por vida d'esta persona,  
que te veas bien lograda.

Yo estoy muy espantada  
ver cosa tan esmerada,  
y de tanta galania ;  
20 dezid-me por cortezia  
como es vuestra nombradia ?

#### VERDADE

Eu são a verdade,  
filha legitima da Santa Trindade,  
e curo mui pouco de lisongeria ;  
25 creo em Deos por todas as vias,  
e o que tu dizes he grão vaidade.  
e sai-vos logo d'aquesta pousada,  
não esteis aqui ora nem momento,  
em outro lugar fareis aposento  
30 que agora d'aqui não levareis nada.

<sup>1</sup> No original: «Dadme».

## LUCINDA

Mira aquel donare!  
 como es desgraçada,  
 pues mando-te yo raviar  
 que as de andar arrastrada  
 5 mientras la vida durar.

*Vão-se as ciganas e entra hũ Parvo cantando.*

## PARVO

«De so la giesta  
 dormire la sesta».

*Falla :*

Ou de la gente honrada!  
 vistas ca pela ventura  
 10 hũa bacarota cilhada  
 se passou por esta rua?

VERDADE. Que rezão tão acertada!  
 vai, que ninguem não na vio.

PARVO. Ella he de minha dona;  
 15 eu pus-me a jugar a cona,  
 entonces ella fugio;  
 sabeis como ella he andona.

Pois por Deos, se a não achar,  
 que não m'ei d'ir d'aqui  
 20 por me ella não açoutar;  
 aqui hei sempre de estar  
 até que venha por mim.

VERDADE. Mas que estés toda tua vida  
 e hum mes mais adiante.

PARVO. 25 Vós, mana, sois garrida,  
 bofelhas, que estais galante.

Quereis casar comigo?  
pois polas oras de Deos  
que seja vosso amigo.

VERDADE. D'este he o reino dos ceos!  
5 tu que saberás fazer, filho?

PARVO. O que vos saberei fazer?  
esquece-me que vos farei;  
dizei que lhe farei eu, dizei,  
quando com ella jouver.

VERDADE. 10 Embora este naceo  
porque eu tenho por fé  
pois aquelle rei jocundo  
o privou dos bens do mundo,  
que lhe dará o do céo.

PARVO. 15 Mette-se-me esterpe no pé;  
manas, achei hum alfinete,  
tomai aquesta,  
olhai eu tenho hũa bésta,  
mas não presta o caralhete.

*Entra um villão per nome Ianafonso á maneira de Romeiro, e diz:*

#### VILLÃO

20 Corpo de mim com a viagem,  
avia eu ca de chegar;  
crede certo que he errar  
promette <sup>1</sup> ninguem romagem  
nego mesma do lugar.

---

<sup>1</sup> Talvez: «prometer».

Porque nenhum sancto bento  
 não deve de ter por bem  
 a canseira de ninguem,  
 nego se he sancto de vento,  
 5 que não he, nem vae, nem vem.  
 Quero ora conspir primeiro  
 antes que entre no sagrado,  
 porque deve ser peccado  
 conspir ninguem no moesteiro,  
 10 onde mais se he ladrilhado.

*Cospe.*

Eremá como estou seco!  
 cuidai que o demo he o demo;  
 aqui trago um levaremo,  
 nego se m'eu embaleco  
 15 este he da pedra do extremo <sup>1</sup>.

*Bebe.*

Não a hi tal coração  
 como depois de beber,  
 que Deos não he senão prazer,  
 e quantos sanctos lá estão  
 20 o dirão se for mister;  
 e tambem quero tirar  
 antes que entre na alhada  
 hũa cebolla assada  
 que trago pera offertar  
 25 logo de boa entrada.

PARVO. Si, logo ca entráis <sup>2</sup>  
 ay depura <sup>3</sup> que quixadas!

IANAFONSO. Andão secas das geadas  
 porem, si, vos deixais <sup>4</sup>  
 30 entrar pessoas honradas.

<sup>1</sup> Deve ser: «Pedra do Extremo», nome de alguma vinha.

<sup>2</sup> Provavelmente: «acá entrareis».

<sup>3</sup> «Hi-de-puta»? No trecho correspondente no *Templo d'Apollon* lê-se: «mirad».

<sup>4</sup> Provavelmente: «deixareis».

- PARVO. Quem sois vós?
- IANAFONSO. Eu sam Ianafonso.
- PARVO. Tendes vós algum senhor  
ou senhora de valor?
- IANAFONSO. Lá ajudo eu ao responso  
às vezes ao nosso Priol,  
e trago-lhe dous novilhos,  
e hũa porca, e assi,  
que sempre o eu servi  
10 e criei-lhe já dous filhos:  
soma que he chegado a mi  
e bem inda <sup>1</sup> vos digo,  
ora elle he homem que val  
e tambem vós fareis mal  
15 de tomar birra comigo  
e mais dias de o Natal.
- PARVO. Olhai cá, home honrado,  
vós não haveis cá d'entrar;  
hide embora folgar,  
20 que eu estou já enfadado  
e não quero senão fallar.
- IANAFONSO <sup>2</sup>. Achareis lá tal andança  
vir home d'alem de Bragança  
do conselho <sup>3</sup> de Cornaga,  
25 gastando o que não alcança,  
depois estar nesta praga?
- PARVO. Que quereis a Deos agora?
- IANAFONSO. Mas que me quer elle a mi?  
Dizei-lhe erama que está aqui  
30 Ianafonso, ou embora,  
sicais <sup>4</sup> que dirá que si.

<sup>1</sup> Antes será: «ainda».

<sup>2</sup> Deve ser Ianafonso que falla, embora falte a indicação no original.

<sup>3</sup> Isto é: «concelho».

<sup>4</sup> *Sicais*, ou antes *çicais*, forma metathetica de *quiçais* por *qui sa*, *quisá* = *qui sab* = lat. *qui sapit* = «quem sabe? = talvez».

Ca se Deos fosse occupado  
 como homem diz a respeito,  
 mas elle tem tudo feito  
 d'antes que elle fosse nado  
 5 e meu visavô desfeito.

PARVO. Que lh'eis de dizer? Vejamos.

IANAFONSO. *Rogarey a Deos del celo*  
*(Cantando) qu'era padre de mesura*  
*que me case, ou me mate*  
 10 *e me tire de tristura:*  
*amor não posso dormir.*

PARVO. Assi lhe has tu de dizer?  
 vai-te, vai-te erama d'hi.

IANAFONSO. Quereis <sup>1</sup> conhecer o ruim  
 15 dá lhe officio a servir.

Pois não ha casa na Landeira  
 nem em todo Ribatejo  
 que me ponha ninhum pejo,  
 e j'eu estive na Pederneira,  
 20 mas não vi o que aqui vejo.

E vão poer o porteyro <sup>2</sup>  
 aquelle pastel de pego  
 e tem cenreira <sup>3</sup> começo,  
 pois na igreja do Barreiro  
 25 entrei sem este trafego.

E na sé cortiçada <sup>4</sup>,  
 da Chamusca e do Cartaxo  
 e d'Alhandra e mais abaixo  
 entro sem pejo, e sem nada.

<sup>1</sup> «Quereis» e «dai», ou então «queres» e «da».

<sup>2</sup> Provavelmente: «a porteyro».

<sup>3</sup> «Cenreira» por «senreira» = «singularia» no sentido de birra.

<sup>4</sup> Evidentemente: «da Cortiçada».

PARVO. Entra, vejamos que espera.

VERDADE. Entra e verá a feira.

IANAFONSO. Tão boa roupa como esta  
inda eu não vi na feira;  
5 mas ver, e no mais, que presta?  
nego pera ter canseira.

VERDADE. De que te espantas, grosseiro:  
cuidas que isto he aldeia?

IANAFONSO. E não vê vossa mercea  
10 que são eu tambem romeiro?  
ou haveis mister candeia?

E mais, acho me enganado  
samicas Deos nasce elle aqui?

VERDADE. Dize-me como assi?

IANAFONSO. Disserão-me que era nado  
e que sia nego d'aqui<sup>1</sup>.

Porem não vos darei bolos,  
porque como a noz he noz  
Deos nasceo em Estremoz  
20 e sua mãi em Arrayolos,  
e esta he minha voz.

E são Pedro no Barreiro  
e são Paulo em Alcochete  
e são Francisco em Punhete  
25 e Sanctepiritu em Pombeiro  
e são Bras em Alegrete.

E o ceo, e a terra, e o mar  
nasceram na Gollegã,  
e o Sol na Lourinhã,  
30 e as estrellas em Tomar,  
e as moças na Lousã.

<sup>1</sup> Talvez: «e que não sia nego aqui».

E são Vicente verdadeiro  
 em Almeirim naceo tambem,  
 são Fernando em Santarem,  
 e são João em Aveiro,  
 5 isto sei eu muito bem.

Todo bem e a verdade  
 neste Portugal nasceram,  
 e se ha y algũa ruindade  
 de Castella a trouxeram  
 10 que não são nego maldade.

He a mais ruim relé  
 esta gente de Castella,  
 que juro pela bofé  
 que melhor he a de Guiné  
 15 setecentas vezes que ella.

Porem quero-me tornar  
 e seguir minha romagem,  
 mas porem por não errar  
 ensinai-me vós a viagem  
 20 que agora ei de levar.

PARVO. Hi-vos sempre pelo chão,  
 então logo acertareis.

IANAFONSO. Oh Senhor, não me zombeis  
 nem falleis d'essa feição  
 25 com que vos não conheceis.

Porque hum homem honrado  
 como vossa mercê he,  
 discreto, e avisado,  
 será-lhe mui mal contado  
 30 enganar-me sem porque.

PARVO. Hide logo pelo ar,  
pois que não me quereis crer.

IANAFONSO. Não quereis senão zombar.

PARVO. Olhai cá, quereis saber?  
5 hireis logo pelo mar.

IANAFONSO. Isto deve ser rascão  
ou eu sei pouco da feira,  
porque tem tão má nação;  
que nunca fazem senão  
10 zombar da gente da Beira;

PARVO. Mas eu quero-me acolher.  
Minha mãe vem escolá  
e eu quero-me esconder  
porque ella sempre me dá  
15 que me faz tanto doer.

*Entra hũa Velha que he a mãe do Parvo e diç:*

VELHA

Jesu, que me encomendo,  
má morte te nunca mate!  
dize que estás hi fazendo?  
PARVO. Eu estou aqui jazendo.

VELHA. 20 Não comeste tu que farte?  
Jesu! Jesu! que farei?  
nas más horas te eu vi  
nas más horas te pari,  
nas más horas te criei,  
25 e nellas te conheci.

PARVO. Mao pesar veja eu de ti;  
que recado dás dos porcos?  
Eu jogava c'os cachopos  
elles foram-se por hi  
30 e faziam-me biocos.

VELHA. Mao pesar veja eu de mi  
se te eu a ti não mato ;  
não ei de sofrer tal pena.

PARVO. Oulá, dai-me vos piquena  
5 o ' renego de sam pato.

E vos dais dessa maneira,  
e cada sempre não fazeis  
senão dar-me com a cana ;  
hirei morar com minha dama,  
10 entonces vos raivareis.

VELHA. Tornai cá, meu namorado,  
não vos vades assi hindo.

PARVO. Si, eu estou escalavrado,  
com este aqeste quebrado,  
15 e então vós estais-vos rindo.

*Vai-se o Parvo e diç a Velha:*

VELHA. Oh quanto mal me causou  
este filho que pari  
nas más horas pera mim  
porque elle me envelhentou  
20 e me tem posto em fim.

Porque, a fallar verdade,  
inda eu tão velha não são,  
porque com boa rezão  
não requeria minha idade  
25 andar d'aquesta feição.

*Entra um Rascão e diç:*

RASCÃO. Esta velha quer-se casar  
e senão que me esfolem !  
porem quero apostar  
que sem d'aqui me mudar  
30 adivinhe <sup>2</sup> onde lhe come.

<sup>1</sup> Talvez: «ou».

<sup>2</sup> Talvez: «adivinho».

Ora me deixai fazer,  
 e começai de ouvir,  
 porque lhe farei tecer  
 hũa tea sem ordir,  
 5 nem na saber entender.

As mãos de vossa mercê  
 oitocentas vezes beijo  
 a quem peço que me dê  
 tal licença pera que  
 10 a sirva como eu desejo.

VELHA. Já isso a mim não convem.

RASCÃO. Não sejais desconfiada ;  
 em fim pera que ? he nada !  
 pareceis-me muito bem  
 15 pela hostia consagrada.

VELHA. A benção de Deos vos cubra,  
 e a vós faça muito honrado.

RASCÃO. Olhai-me esta boa sombra,  
 este lirio esmaltado ;  
 20 que vos parece, senhora ?  
 pois sou vosso namorado  
 doei-vos de minhas dores  
 fazendo-me alguns favores ;  
 senão dai-me por mamado.

VELHA. 25 Já, filho, esses enganos  
 pera mim são muito velhos.

RASCÃO. Tirai vós aquestos panos,  
 parecereis de quinze annos  
 pelos sanctos Evangelhos.

VELHA. 30 Huy filho, dizeis verdade  
 por este dia de Deos.

RASCÃO. Pois que vos parece a vos ?  
 sei-vos bem a calidade.

- VELHA. Pois inda não vedes nada  
 porque eu ando hoje de forno;  
 se me visseis demudada <sup>1</sup>,  
 são mais alva que a geadá,  
 5 pareço feita em torno.
- Eu me enfeitarei um dia,  
 veremos quem a mi vence.
- RASCÃO. Sabeis vos que me parece?  
 deveis de ser muito fria.
- VELHA. 10 Huy! mais quente que a brasa;  
 antes vos faço saber  
 que, se não fosse o comer,  
 não faria lume em casa  
 nem me faria mister.
- RASCÃO. 15 Deveis-vos de casar.
- VELHA. Olhai, filho, eu vos direi:  
 já me a mim mandou rogar  
 muitas vezes Gil Vicente  
 que faz os autos a el Rei,  
 20 porem eu não sou contente,  
 antes me assi estarei.
- RASCÃO. Porque?
- VELHA. Não me contenta.
- RASCÃO. Pois he elle bem sesudo!
- VELHA. He logo mui barregudo,  
 25 e mais passa dos sessenta.
- RASCÃO. Segundo minha tenção,  
 vos sois má de contentar.
- VELHA. Bofelhas filho, não são,  
 porem não me vem á mão  
 30 cousa pera eu apanhar.

---

<sup>1</sup> Talvez deva ser: «desnudada» = «núa».

RASCÃO. Pois, a vós fallar verdade,  
eu vos queria rogar  
se quereis comigo casar.

VELHA. Filho, de boa vontade;  
5 casemos sem mais tardar.

RASCÃO. Ora bem, de que feição  
quereis vos que isto seja?

VELHA. Que me deis logo a mão.

RASCÃO. Não me parece rezão  
10 sem hir primeiro á igreja.

VELHA. Não sois vós n'isso sabido.

RASCÃO. E pois como ha de ser?

VELHA. Receber-me por molher,  
e eu a vós por marido,  
15 que isso depois ha de ser.

RASCÃO. E quem nos receberá?  
que as palavras não sei.

VELHA. Calai-vos, que eu as direi;  
chegai-vos pera cá,  
20 que eu vo-las ensinarei.

Como haveis nome?

RASCÃO. Gil Tibabo.

VELHA. E eu Filippa Pimenta.  
Recebo.

RASCÃO. Ta! não vades ao cabo!  
esperai, dou-me ao diabo,  
25 e vós sois minha parenta.

VELHA. Hir-nos-hia o olho mao  
agora emparentar?

RASCÃO. Não tendes que duvidar,  
somo-lo no quarto grao  
30 escusado é porfiar.

- VELHA. Jesu, não m'ò digais  
que me fino em ouvir isso <sup>1</sup>.
- RASCÃO. A mim me pesa muito mais,  
pola fé de Jesu Christo.
- VELHA. <sup>5</sup> E pois que determinais?
- RASCÃO. Como que? que o deixemos.
- VELHA. Estamos bem aviados!  
depois de estar concertados,  
quer elle que o deixemos.
- RASCÃO. <sup>10</sup> E pois quereis que casemos  
pera andar escomungados?
- VELHA. Que não são vossa parenta.
- RASCÃO. Sois vós Filippa Pimenta?
- VELHA. São o demo que vos tome,  
<sup>15</sup> não sou, que errei o nome.
- RASCÃO. Como m'isso a mim contenta!

olhai cá minha senhora,  
crede hũa cousa de mi,  
que o que digo he assi,  
<sup>20</sup> senão ficai-vos embora  
que eu não quero estar aqui.

- VELHA. Huy filho, tornade cá,  
ouvi-me hũa rezão;  
o Nuncio que aqui está,  
<sup>25</sup> tem-me mui grande affeição;  
nessas horas me dará  
hũa boa absolvição;

- Filho, se aqui me esperais  
eu vo-la trarei aqui.
- RASCÃO. <sup>30</sup> Hi, que eu o farei assi  
se vós muito não tardais.

<sup>1</sup> Talvez: «isto».

*Vai-se a Velha a buscar absolvição e fica o Rascão dizendo só:*

RASCÃO. Não he de maravilhar  
moças fermosas e bellas  
desejarem de casar,  
pois que velhas sem arnelas  
5 se querem inda encachouçar.

Senhoras! que vos parece  
d'estas velhas engelhadas?  
estão meas entrevadas  
e tão sois não se conhecem;

10 Se estas com todos seus danos  
andam da sorte que vedes  
sendo de tanta idade,  
que farão as de quinze annos  
senão romperem paredes  
15 por cumprir sua vontade?

Mas porem quem isto entende  
achará clara rezão  
que quanto mais velhas são  
tanto mais nellas se acende  
20 este fogo d'alcatrão.

Olhai por quam poucochinho  
me tinha já enliado;  
se eu não fôra avisado  
que lh'atalhara o caminho,  
25 como ficara aviado.

Pera que he fallar mais nisso?  
olhai como lançou mão!  
nunca vi tamanho riso,  
e agora em todo seu siso  
30 vai buscar absolvição.

Mas não ha de ser assi,  
 porque eu quero-me acolher,  
 que quando ella vier  
 que me não ache aqui.

*Vai-se o Rascão e torna o Villão da demanda.*

VILLÃO. 5 Trago grande menencoria  
 do que lá me aconteeço;  
 contar-vos-hei a historia  
 mas tenho tão má memoria  
 que já tudo me esqueceo.

10 Andei de cá pera lá  
 tornei de lá pera aqui,  
 d'aqui tornar <sup>1</sup> pera cá  
 e de cá pera acolá;  
 emfim nunca houve fim.

VERDADE. 15 Acabai já de contar  
 como passou vosso feito.

VILLÃO. Trago tamanho despeito,  
 que estou pera me enforçar  
 e deitar por hi a eito.

20 A justiça não parece,  
 a verdade he desterrada,  
 e a mentira honrada,  
 o que agora mais merece  
 esse ha menos soldada.

25 A meu pae ouvi dizer  
 (nego hũa autoridade,  
 nunca me ha de esquecer):  
 quem quiser ter de comer  
 que nunca falle verdade,  
 30 se não sempre á vontade  
 do senhor com quem viver.

---

<sup>1</sup> Provavelmente: «tornei».

VERDADE. Nos outros tempos passados  
 era muito honrada <sup>1</sup>,  
 do povo muito adorada;  
 e agora por seus peccados  
 5 ando assi desterrada.

VILLÃO. Os homens hão de seguir  
 a openião geral,  
 porque já em Portugal  
 quem não costuma mentir,  
 10 não alcança hum só real.

Que os homens verdadeiros  
 não são tidos nũa palha;  
 os que são mexeriqueiros  
 mentirosos lisongeiros,  
 15 esses vencem a batalha.

Hi não haja <sup>2</sup> merecer  
 nem servir com diligencia:  
 quem quiser ter que comer  
 trabalhe por aderencia,  
 20 haverá quanto quiser.

Vós outros que andais no paço  
 nunca vos falta desgosto,  
 e eu assi como são tosko  
 segundo a vida que faço  
 25 não trocaria comvosco.

Porque com duas sardinhas  
 fico eu mais satisfeito  
 que vós com vosso desfeito,  
 nem com capões, nem galinhas;  
 30 não vos fazem mais proveito.

<sup>1</sup> Talvez: «era eu».

<sup>2</sup> Talvez: «ha já».

*Torna a Velha com a bula do Nuncio na mão, com hũa coifa lavrada na cabeça, e vestida como noiva, e diŝ :*

VELHA. Trago o spiritu tão cansado  
que não sei parte de mi ;  
depois que parti d'aqui  
nunca mais comi bocado  
5 e creio que pão não vi.

Huy filho, onde estais?  
estareis já agastado?

VILLÃO. Dona! por quem perguntais?

VELHA. Por hum mancebo dourado  
10 mais bello que os corais.

Como não sé elle aqui?  
VILLÃO. Olhai, dona, eu vos direi  
tudo quanto d'elle sei:  
bofelhas, que o não vi.

VELHA. 15 Pois eu aqui o deixei.

VILLÃO. Alguem o faria hir.

VELHA. Boa concrusão he essa! <sup>1</sup>  
como se havia elle d'hir?

VILLÃO. Como se havia elle d'hir?  
20 pera nunca mais cá vir.

VELHA. E eu ficarei por besta.

VILLÃO. Pois assi he de presumir.

Era elle vosso irmão  
ou outrem que vos pertem?

VELHA. 25 Era, filho, um cortesão.

VILLÃO. Vós fiái-vos de rascão?  
levar-vos hia algorem?

---

<sup>1</sup> Leia-se: «esta».

VELHA. Não levou má ora, não,  
 mas estavamos concertados  
 ou quasi quasi casados,  
 e deixou-me agora em vão  
 5 com meu dinheiro gastado.

Assi vós hajais benção  
 de vossos antepassados  
 qu'esta minha absolvição  
 me custou cinco cruzados  
 10 logo contados na mão.

VILLÃO. E elle joga cá d'essa arte?  
 faz gastar o mialheiro?  
 então deixa-vos de parte?

VELHA. Não me dá a mi do dinheiro  
 15 que inda me ficou que farte.

Porem dá-me da canseira  
 que levei de cá pera lá.

VILLÃO. Eu vos direi que será:  
 pois já não tendes maneira,  
 20 achegai-vos pera cá;

pois já ess'outro vai na vela,  
 quero-vos dizer quem são.

Meu pae naceo no Fundão,  
 minha mãe em Margerela,  
 25 e a mi chamam Iam Antão.

Se marido heis de tomar,  
 eu era o verdadeiro.

VELHA. Tomar-vos hei por parceiro,  
 mas não he pera fiar  
 30 de nenhum homem solteiro.

VILLÃO. Comego não eis de ter  
 senão nego boa ventura:  
 dormir, folgar, e comer;  
 em mim não entra tristura,  
 5 eu são o mesmo prazer.

Vós o sancto nem domingo  
 não aveis de trabalhar;  
 e por tanto eu vos digo  
 que caseis ora comigo,  
 10 não cureis de recusar.

VELHA. Si, mas eis me de jurar  
 que depois de ser casado  
 que aveis comigo de estar.

VILLÃO. Digo que se vos negar  
 15 que eu moura enforcado.

VELHA. Filho, pela minha benção,  
 que eu não tenho vontade,  
 porem dai-me cá essa mão.

VILLÃO. O casamento de verdade  
 20 ha de ser pelo abbade  
 e namja d'essa feição.

Hulo trigo que aqui está?  
 nem tão somente avea!  
 vamo-nos ora á aldea  
 25 que lá nos receberá  
 inda que seja á candeia.

E pera nossa alegria  
 quero hir chamar Fernando,  
 Catalina, e Mecia;  
 30 entoncos com hũa folia  
 hiremos todos cantando.

*Vai-se.*

VELHA. Huy! e eu deixei-o hir,  
 fui la mui-era-má  
 eu, dentro na alma me dá  
 que não ha cá mais de vir!  
 5 porque não fui eu ora lá?

Vede porque eu lá não fora  
 não são pera nenhum bem;  
 todo quanto mal me vem,  
 são d'elle merecedora  
 10 pois me fio de ninguem.

*Aqui entra Fernando pastor e tres moças pastoras, e hũa per nome Mecia, e outra Caterina, e outra Filipa, e acabando de cantar, diz Fernando ao senhor de casa.*

FERNANDO. Esteis muito na boa hora  
 e tenhais muita saude  
 porque dizem lá por fora,  
 que em vossa mercê mora  
 15 grande soma de virtude.

E faço-vos a saber  
 que estou muito aparelhado  
 a fazer vosso mandado  
 como bem podereis ver  
 20 quando por vós for chamado.

MECIA. Tambem eu, senhor, desejo  
 com mui limpia e sãa vontade  
 dar-vos minha liberdade  
 e servir sem nenhum pejo  
 25 a vossa muita bondade.

CATERINA. Eu tambem, nobre senhor,  
 posto que vos não conheça,  
 por respeito do autor  
 vos servirei com amor  
 30 até que a vida faleça.

- FILIPA. Pois se eu tanto valesse  
ter-m'ia por muito <sup>1</sup> ditosa  
se me a mim parecesse  
que de servir merecesse  
5 pessoa tão virtuosa.
- FERNANDO. Ora pois eu sam chamado  
pera esta refestela,  
dizei-me qual he a donzella  
com que embora sois casado.
- MECIA. <sup>10</sup> Samicas será aquella?
- VILLÃO. Não muito mal adevinha.
- CATERINA. Pois qual será a bem lograda?
- VELHA. Buscades a desposada?  
Vedes-me aqui onde estou.
- FERNANDO. Deos vos faça descansada!
- mana, levantai-vos ora.
- FILIPA. Bofas! já eu vi outro dia  
noiva ser mais desenvolta.
- VELHA. Como sou per cá per fora,  
<sup>20</sup> logo são de todo morta.
- MECIA. Como casastes tão cedo?
- CATERINA. Sei que <sup>2</sup> tem a mãi ciosa  
e a menina he fermosa,  
e sicais havia <sup>3</sup> medo  
<sup>25</sup> de lhe aquecer <sup>4</sup> alguma cousa.
- FERNANDO. Isso o deve de causar  
porque he cousa perigosa  
estar moça tão fermosa  
muito tempo de casar.

---

<sup>1</sup> Leia-se: «mui».

<sup>2</sup> «Sei-que», «seica», modismo gallego que significa «por ventura».

<sup>3</sup> No original: «auia».

<sup>4</sup> «Aquecer» por «acaecer» = «acontecer».

E pois já todos viemos  
 e deixamos nossos gados,  
 hũa chacota ordenemos  
 e com ella nos hiremos  
 5 de prazer agasalhados.

*Diŕ Caterina á Verdade:*

Senhora, pois vos achais  
 em esta festa presente,  
 peço-vos que nos queirais  
 ajudar pera que mais  
 10 se faça perfeitamente.

VERDADE. Digo que sam mui contente  
 pois me vós, mana, rogais.

*Saem-se todos cantando, e dão fim ao presente Auto.*

FIM



FAC-SIMILE

DO

AUTO DA FESTA



AVTO DA FESTA. *524*



Auto nouamente feito por Gil Vicente, & representado, em o qual entrão as figuras seguintes, s. p. imeiramête a Verdade, hum Vilão, duas Ciganas, hũa per nome Lucinda, & outra Graciana, & hum Paruo, & outro Vilão per nome Ianafonso, & hũa Velha, & hum Rascão, q̃ quer casar com a Velha, hum Pastor per nome Fernando, & tres moças Pastoras, hũa per nome Mecia, & outra Caterina, & outra Filipa.

¶ Entra logo a Verdade, & diz.

**E**steys muyto embora, senhor muy honrado,  
 esteys muyto embora, assi como estays,  
 & Deus vos faça tao prosperados,  
 quanto eu sey que vos deseja.s.

Eu sam a Verdade

que venho senhor com grande vontade  
beijarvos as mãos como a meu senhor  
pello verdadeyro, & antigo amor,  
que sempre vos tiue por vossa bondade.

¶ Que eu tenho corrido grão parte de Espanha,  
principalmente neste Portugal,  
& posso dizer que nunca achei tal,  
que me fizesse hũa honra tamarha.

Oo grande mal,  
quem nunca cuydou que em Portugal,  
a Verdade andasse tão abatida,  
& a mentira honrada, & com todos cabida  
por muyto melhor, & mais principal.

¶ Por isso Deos, que he verdade acabada  
dá pello mundo tanta opressão,  
porque la a verdade anda pello chão,  
& a falsa mentira está leuantada.

E pois assi he,  
que donde eu estou não pôde áuer fê,  
per donde esperem ser perdoados  
permite o senhor, que os seus peccados  
os tragão sogeytos debayxo do pé,

¶ Vim me á corte cuidando achar  
quem me nizesse algum gasalhado  
sem aehar nunca ninguem mal peccado  
quem me quizesse sómente olhar,  
Oo grão crueldade

que os tempos de agora tem tal calidade,  
que todos no paço ja trazem por ley,  
que todo aquelle que fallar verdade  
he logo botado da graça delRey.

¶ Nunca foy tempo em que o enganô  
tanto vallesse com lisenjeria,  
& a verdade tiuesse tão pouca valia,  
nem menos temessem a Deos soberano.

524

Os males mundanos  
mentiras, embolas, & falsos enganos,  
quem lhes outorgou tam grande poder  
que podessem ainda fazer  
todos os grandes senhores oufanos.  
¶ E tendo sabido que vos meu senhor  
me tendes amizade, & fé verdadeira,  
& por isso venho de aquesta maneyra  
daruos as graças por tão grande amor.  
E com pensamento  
de em vossa pousada fazer aposento,  
pois me amais com tanta firmeza  
da vossa boca farey fortaleza  
pera estar nella sempre de assento.

Assentase a Verdade em hũa cadeira com hũa  
almofada aos pés, & entra hum villão que  
vem em hũa demanda, & diz.

¶ Villão.

Digo que Deos vos mantenha  
nego todos como estais,  
como creio que desejaes.  
Eu fao de cima da beyra  
la de junto do fundão,  
venho com hũa appellação  
bofas com farta canseira.  
Co juyz da nossa aldeia  
sendo grande meu amigo,  
foy tomar birra comigo  
por me chinapan na cadea.  
Eptão diz que anda dizendo  
a todo o quoouir lhe quer  
que me via estar jazendo,  
com sua mesma mulher.

Mas eu má morte me mate,  
& pella benção sagrada  
de miãa mãy q̄ he finada  
se eu sey parte, nem arte  
de tão grão balcanhada.  
Verdade he q̄ hũ domingo  
fuy eu, & peguey nella,  
ella foy pegou comigo,  
& assi como vos digo  
tomey grã prazer cõ ella.  
Mas perol daquella feita  
nenhũ desprazer lhe fiz,  
& ella mesma assi o diz  
por tanto não apraueita  
o que ella contra mi diz.  
Porque ella nunca bradou  
nem dixeme tirayuos di,

A ij

mas antes muyto folgou  
& grande prazer tomou  
segundo nella senti.  
Ora pois que assi he  
nego isto foy deste geito  
elle quer comigo preito,  
dizeyme por vossa fé  
qual de nós tem o direito.  
Em fim a conculção he esta  
pois cuyda que sabe muito,  
ella ficara por besta,  
& sua mulher por aquesta,  
& eu liure & absoluto.  
Ora pois vos ey contado  
tudo o que venho fazer,  
queria de vós saber  
pera ser bem despachado,  
que remedio ey de ter.  
ver. Se tu diante lhe deitas  
duas duzias de perdizes,  
& outras semelhâtes penitas  
farás que as varas dereitas  
se tornem em coufas fritas.  
Porque he tanta a cobiça  
nos que agora tem mando,  
q̃ em al nao andá cuidado,  
& a coyrada da justiça  
anda da sorte que eu ando.  
vil. Ora bem, & quem sois vos,  
assi estais tão prosperada.  
ver. Eu são a filha de l'cos,  
que ando ca entre vos,  
muito pouco estimada.  
vil. E bem, como vos chamais.  
ver. A mi chamãme a verdade.  
vil. Vyme dando na vontade

que isso que vos fallais  
que l'e tudo falsidade.  
ver. O que te eu digo l'e assi,  
nac duuides nimgaiha,  
vil. Ora bem q̃ E eos vos valha  
encaminhain e a mi,  
como vença esta deitanda.  
ver. Não te quero aconselhar,  
porq̃ teu mal não rem cura,  
pois que não rés que peitar  
porem deitar a nadar,  
& encmendate á ventura,  
que ella te ha de guar.  
vil. Segundo meu parecer  
eu vou de mal em peor,  
não me quero mais deter,  
ficy com nollo senhor.  
¶ Vaise, & entrão duas Ciganas  
cantando, & ligo diz Gracia-  
ria a Lucinda.  
gia Dexemos aora el cantar  
hablemos en nuestro hécho  
porque el mucho holgar  
ne trae mucho prove ho.  
Hablemos de que seicion  
hemes algo de hutar,  
que se nos isto no val  
nuestras rentas pocas son.  
Lu. Tu piésas q̃ andas en tierra  
mucho poco medraras  
que la gente desta tierra,  
sabe nas que Satanas.  
Yo tome hermaná mia,  
si nos te man en tal trato,  
q̃ paguemos nos bie el paro  
& aun nuy mas dela cota.

**Gra.** Pues hermana q̄ haremos.  
**lu.** Balaremos tu, & yo.

**gra.** de hurtar no curare mos.

**lu.** No hermana, no no no  
vate tu á los varones,  
y loa os de loçanos,  
y como son cortezanos  
ellos te daran mil dones.

**Yo** hire a las mugeres  
con palab. as de mesura  
dezirles he la ventura,  
y darne han sus aueres.

**gra.** Pues antes q̄ alla entremoz  
para mas las agradar,  
comecemos de cantar.

**lu.** Graciana bien haremos.

¶ Cantáo esta cantiga.

**San lu.** ve de passo por aqui,  
quan garridico lo vi venir.

Ao dono da casa.

**gra.** Dame señor generoso  
muy virtuoso  
dá por Dios a esta criatura,  
dezirte he la buena ventura,  
cas de fer muy poderoso,  
mucho, mucho me contenta  
tu planera,  
as de er muy venerado  
mucho, mucho prosperado,  
y señor de mucha renta.

**Y** tambien tienes la vida  
muy comprada.  
mucho bjen. as de tener  
buenga vida as de tener  
Dios te a tiene prometida  
sienes presen. cia la honrada

es pues que estás mirando,  
haz que vayá consolada  
desta tu noble pozada,  
y mira señor qual ando.

A outro.

¶ Tu tienes vn pensamiento  
que te dá grande cuydado,  
haz tu coraçon contento,  
que está muy desconsolado,  
porque quieres que te diga  
no te lo quiero encobrir,  
tu tienes vna amiga  
que no te dexa viuir.

**Mas** si tu hablas conmigo,  
y me tienes poridad,  
mira bien lo que te digo,  
tu la abraz cedo contigo,  
mucho a tu voluntad,  
mira quanto deprendi  
que con palabras que se,  
que delante te dire,  
yo la harç venir aqui,  
aunque muy lexos esté.

A outro.

**Tu** galan muy mesurado  
y pre iado,  
ó que cosa te dire,  
tu andas muy namorado  
de vna dama que yo se,  
gran dolor passas por ella,  
pero sabe en yerdad,  
que no tiene lealtad  
mas de quanto estás con ella  
q̄o otro tien su voluntad.

**A** outr, Tu si fueres namorado  
o casado

A iij

a que contigo casar  
vn frayle la ha de llevar,  
y desto perde cuydado,  
que no se pode escusar  
lo que está ya ordenado.

A todos.

Dad señores,  
pues que loís possuidores  
de gracia tan infinita,  
por vida de vuestros amores  
que me dei qualquier cizita  
Mira aqui que namorados  
guayaz dellos, & sus famas,  
q estiman mas descomades  
que las vidas de los damas,  
y quiet n lei amados.

¶ Pala Lucinda como  
as moll eres.

O linda flor de las flores  
mis amores  
no seas desconocida  
dame alguna cosa por vida  
deslos ojos rebadoies.

Tres maridos as de tener;  
y de todos nuy amada  
y de vno as de ser  
mucho mucho desleada,  
mas pero no te ha de auer.

A outra. Tu senhora caladica,  
namoradica  
descansa tu coraçon  
si me das vn camizon  
hare que seas mas rica,  
que aya en tu generacion.  
Viuiras muy descantada,  
y si me das prata, o oro

descobrirte he vn thesoro  
questá dentro en tu posada  
que quedo de vn rey Moro.

A outra.

Dad señora bonit ca  
garridica  
ca dame alguna cosa  
he. mefa como vna rosa,  
con: o te huelgas peritica.

Raua mala que te mate  
logana dame essa mano  
tu pensamiento es vano,  
habla conmigo de parte,  
y darette el desengaño.

A todas.

Dadme señoras preciadas  
y enamoradas  
pues que nada no me days  
plega a Dios que os veays  
mucho mucho desamadas  
de los que voi mas amays.

Aa verdade

Tu señora mas de dar,  
questorra no me dan nada,  
que yo te veo luego estar  
mucho mejor assombrada,  
ez dame alguna cosa  
cara de rosa,  
vna saya detechada,  
vna camisa rasgada  
por vida dessa persona,  
que te veas bien legrada.

Yo estoy muy espantada  
ver cola tan esmerada,  
y de tanta galana,  
dezidme por certezia

como es vcestra nombradia  
Verdade.

¶ Eu são a verdade  
filha legitima da sãta Teindade  
& curo mai pouco de lisôgeria  
creo é Deos por todas as vias,  
& o q tu dizes he grao vaidade  
e sauis logo di questa pouxada  
nã estis aqui ora nã momento  
em outro lugar fareis aposento  
q agora daqui nã leuare sn vida.

Lucinda.

¶ Mira aquel donare  
como es desgraciada,  
paes mandore yo ruuar,  
que as de andar arrastrada  
mientras la vida durar.

¶ Vã-se as Ciganas, & entra hũ  
paruo cantando.  
Paruo.

¶ De so la giesta  
dormire la festa.  
Falla.

¶ Ou de la genre honrada  
vistes ca pella ventura  
hũa bacarota cihada  
se passou por esta rua.

ver. que rezão tao acertada,  
vai que ninguem nã na vio.

par. Ella he de m nha dona,  
eu pus me a jugar a cona  
entonces ell t fug o,  
sabeis como ella he andona.

Pois por Deos se a nao achar,  
que não mey dir daqui  
por me ella não aoutar

aqui ey sempre de estar  
ate que venha por mim

ver. Mas que estes toda tu vida  
& hum mes mais a diante.  
par. vos mana sois garr da  
bofelhas que estas galante.

¶ Queris casar conmigo,  
pois pollas oras de Deos,  
que se a ve sto amigo.

ver. Deite he o reyno dos ceos,  
tu que faberas fazer filho.

par. o que vos sabe ey fazer  
esqueceme que vos saey  
d zey que lhe farey eu dicei  
quando com ella jouuer.

ver. Embora este naceo,  
porque eu renho por se  
pois aquelle rey jocundo  
o priuou dos bês do mundo  
que lhe dara o do ceo.

par. Mete eme esterpo no pé,  
manas achey hum alienete,  
tomay aquesta  
olhay eu tenho hũa bêsta,  
mas não presta o caralhero.

¶ Entra hum vilão per nome  
Lanafonso a maneyra de  
Romeiro, & d z.  
Vilão.

Corpo de mim com a viagem,  
auia eu a de chegar,  
crede certo que he errar  
promete ninguê romagem  
nsgo mesma do lugar.

Porque nenhum sancto beato  
não deue de ter p r bem

A iij

a canfeira de ninguem  
nego se he sancto de vento,  
que não he, nem vay, nê ve,  
quero ora colpir primeiro,  
antes que entre no sagrado,  
porque deue ser peccado  
colpir ninguê no moeste ro  
onde mais se he ladrilhado.

Colpe.

Erema como estou seco,  
cuidai q̃ o demo he o demo,  
aqui trago hum leuaremoj;  
nego se meu en baleco  
este he da pedra do estremo.

Bebe.

Não ahy tal coraçãõ  
como depois de beber,  
q̃ Deos não he senão prazer  
& quantos lanetos la estão  
o dião se for misier,  
& tambem quero tirar  
antes que entre na alhada  
hũa cebolla assada  
que trago pera offertar  
logo de boa entrada.

Paruo. Si logo ca entras  
ay depura que quixadas.  
jo. andao secas das geadas,  
porem si vos deixais  
entrar pessoas honradas.

par. Quem sois vo.

jo. Eu sam Ianafonso.

par. Teneos vos algum senhor,  
ou senhora de valor.

jo. La ajudo eu ao responso  
às vezes ao nosso Priõl,

& tragoll e dous nouilhos,  
& hũa porca, & así,  
que sen. pre o eu ferui,  
& criei he ja deus filhos  
foma que he chegado a miõ  
& beni in da vos digo  
ora elle he homem que val,  
& tambem vos fareis mal  
de tomar birra comigo  
& mais dias de o Natal.

Paruo.

Olhay ca home honrado  
vos não aueis ca dentrar,  
hide embora tolgar,  
que eu. estou ja entadado  
& não quero senao tallar.

Achareis la tal andança  
vir homẽ dalem de Bragãça  
do conselho de Cornaga,  
gastando o que in o alcança  
depois estai nesta piaga.

par. Que quereis a Leos agora,  
jo. mas que me quer elle a mi,  
dizeilhe erama quella aqui  
Ianafonso, ou en boia,  
ficais que d ra que si.

Ca se Deos fosse occupado  
como homem diz a respeito  
mas elle tem tudo feito  
dantes que elle fosse nado,  
& meu visauo desfeito.

par. Que lheis de d zervejamos  
Ianafonso cantando.

Rogarey a l eos del ceio,  
quera pad. e de mesura,  
que me case, ou me mate,

& me tire de tristura,  
amcr não posso dormir.  
par. Así lhe as tu de dizer  
vayte, vayte erama dhy.  
jo. Quereis cenhecer o roim  
da lhe officio a servir.  
Pois não ha casa na Landeira,  
nem em todo R batejo  
que me ponhaninhum pejo  
& jeu estue na pederneira,  
it as não vi o que aqui vejo.  
E vão pcer o porteyro  
aquelle pastel de pego,  
& tem cenreira comego,  
pois na igreja do Barreiro  
entrei sem este trafego.  
E na se cortigada  
da Chamusca & do Cartaxo  
& dalhandra, & mais abaixo  
entro sem pejo, & sem nada  
par. Entra vejamos que espera.  
ver. Entra, & veras a tetra.  
jo. Tão boa roupa como esta  
inda eu não vi na feira,  
mas ver, & no mais, q presta  
nego pera ter canseira.  
ver. De q te espantas grosseiro,  
cuydas que isto he' aldea.  
jo. & não ve vossa mercea,  
que são eu tambem romeiro  
ou aueis mister candeia.  
E mais achome enganado  
famicas Deos na se elle aqui  
ver. dizeme como así  
differão me que era nado  
& que si a nego daqui.

560  
Parem itão vos daiey bolos,  
porque como a noz he noz  
Deos nacço em estremo,  
& sua mãy em Arayolos,  
& esta he minha voz.  
E são Pedro no Barreiro,  
& são Paulo em Alcochete,  
& são Frâncisco em Puihete  
& sancte Spiritu em Pôbeiro  
& são Bras em Alegrete.  
E, o ceo, & a terra, & o mar  
nas erão na Golegã,  
& o Sel na Lourinhaã  
& as enellas em Tomar,  
& as moças na Loufaã.  
E são Vicente verdadeiro  
em Almeirim naceo també,  
são Fernando em Santarem,  
& são João em Aueiro  
isto sey eu muyto bem.  
Todo bem, & a verdade  
neste Portugal nascerão  
& se ha y a gúa ruindade  
de Castella a trouxerão  
que não são nego maldade  
He a mais ruim rele  
esta gente de Castella  
que juro pella bot,  
que milher he a de Guine,  
setecentas vezes que ella.  
Porem quero me tornar,  
& seguir minha romagem,  
mas porem por não erras  
ensinaimevos a viagem  
que agora ey de levar.  
par. Hi vos sempre pello chão

então logo a certeiros  
jo. O senno: não me zombeis  
nem fálleis dessa feição  
com que vos não conheceis  
Porque hum ho nem honra lo  
como vossa merce he  
descreto, & auísado  
fcalhe muy mal conuido  
enganarme sem porque.

par. Hide logo pello ar,  
pous que ná me quere s' crer.

jo. não quereis senão zombar.

par. o' hay ca quereis saber  
hreis logo pello mar.

Ioanafonso.

Isto de ie fer rafeio,  
ou eu sey pouco da feira,  
porque teni tão má nação,  
que nuãca fazem senão  
zombar da gente da beyra,  
mas eu queroma acolher.

par. minha máy vem escola,  
& eu q' iero me esconder,  
porque ella sempre me dá,  
que me faz tanto doer.

Entra hũa velha que he a máy  
do paruo, & diz.

ve. Iesu que me encomendo,  
má morte te nunca mite,  
dize questás hi faz m' lo

par. eu estou aqui fazendo

ve. não comeste tu quefarte.

Iesu Iesu que farey  
nas más oras te eu vi  
nas más oras te pari  
nas más oras te crei,

& nellas te conheci.

Mao peiar veja eu de ti,  
que recado das dos porcos

par. eu juguaa cos cachopos

elles foraose por hi,

& faziãome biocos.

ve. mau pefar veja eu de mi,

se te eu a ti não mato,

não ey de sofrer tal pena,

par. oula daime vos piquena,

o reneg' de sam pato.

E vos das dessa maneira,

& cada sempre não fazeyz

senão d'ume com a cana,

hurei morar cõ minha dama

entonces; vos rayuatis.

ve. tornay ca meu pavorado;

não vos vades assi hundo.

par. si eu estou escalaurado

com esto a queste quebrado

& então vos esta suosrindo.

¶ Va se o paruo, & diz a velha.

ve. Oo quanto mal me causou

este filho que pari

nas más oras para mim

porque elle me enuelhentou

& me tem posto em fin.

Porque a falar verdade

inda eu tão velha não faõ,

porque com boa rezão

não req'eria minha yda de

andar da questa feyção.

¶ Entra hum Rascão,

& diz.

ras. Esta velha querse casar

& senão que me estojem

perem quero apoflar,  
que sem daqui me mudar  
adevinhe onde lhe come.  
Oia me deyxai fazer,  
& começay de ouvir,  
porque lhe farey tecer  
húa tea sem ordir,  
nem na saber entender.  
As mãos de vossa merce  
oyto centas vezes beijõ  
a quem peço que me de  
tal licença pera que  
a firua como eu defejo.  
ve. a isso a mim não conuem,  
raf. não sejais desconfiada  
em fim pera que he nada  
pareceis me muito bem  
pella hostia confagrada.  
Velha.  
A benção de Deos vos cubra,  
& avos faça muito honrado  
raf. Olhaimo esta boa sombra,  
este liuo esmaltado  
que vos parece tenhora.  
pois sou vosso namorado  
doeyuos de minhas doies  
fazendome algüs fauces  
senão daimo por mar ado.  
ve. ja fillto esses enganõs  
pera mim são muito velhos  
raf. tirai vós aquellos panos  
parecereis de quinze annos  
pellos sanctos Euangelhes.  
ve. Huy filho dizeis verdade  
por este dia de Deos,  
raf. pois que vos parece a vos

seytiõs bem á calidade.  
ve. Pois inda não vedes nada,  
porque eu ádo oje de forte  
le me visseis demudada  
são mais alua que a geada  
pareço feita em torno  
eu me enfeitarey hum dia,  
veremos quem a mi vence.  
raf. sabeis vos que me parece,  
deueis de ser muyto fria.  
Velha.

Huy, mais quente que a brasa,  
antes vos faço a saber,  
que se não fcsse o comer  
não faria lume em casa,  
nem me faria mister.  
raf. Deueis vos de casar,  
ve. olhay filho eu vos direy,  
ja me a mim mandou rogar  
muitas vezes Gil Vicente,  
que taz os autos a elRey,  
por em eu não sou contente  
antes me assi estarey.  
raf. porq. ve. não me contenta  
raf. pois he elle bem fcsudo,  
ve. he logo muy barregudo,  
& mais passa dos sessenta  
raf. segundo minha tenção,  
vos sois ma de contentar,  
ve. bofelhas filho não são,  
por em não me vem á mão  
coulta pera eu apanhar.  
Rascão.  
Pois a vos fallar verdade,  
eu vos queria rogar  
se quereis comigo casar

**ve.** Filho de boa vontade  
casem is se n mais tardar.  
**ra.** Ora bom de que te são  
quereis vos que isto seja.  
**ve.** que me deis logo a mio.  
**ra.** Não me parece rezão  
sem hir primeiro à ygreia.  
**ve.** Não sois vos nisso tab do.  
**ra.** E pois como ha de ser.  
**ve.** Receberme por molher,  
& eu a vós por marido  
que sso depois ha de ser.  
**ra.** E quem nos recebera,  
que as pilauras não tey.  
**ve.** Calamos que eu as direy,  
chegamos pera ca,  
que eu voas eninarey.  
Como auéis nome  
**ra.** Gil Tibabo.  
**ve.** E e Filippa Pimenta  
recebo  
**ra.** Tanto vades ao cabo  
esperay, doume ao dizoo,  
& vos sois minha parenta.  
**ve.** Hinos hia o olho mao  
agora empiantar.  
**ra.** Não reudes que dauidar  
somolo no quarto grao  
escufado he porffrar.  
**ve.** esu não mo diguis  
que me fino em ouir isso.  
A mi me oísa muit mays,  
polla se de lefu Cirillo.  
**ve.** & pois que determinais  
**ra.** Como que que o deixemos  
**ve.** Eltamos hom auados

depois de estar concertados  
quer elle que o deixemos.  
**ra.** E pois quereis que casemos  
pera andar escomungados  
**ve.** Que não são vossa pa enta.  
**ra.** Sois vos Filippa Pimenta.  
**ve.** saõ o deino que vos tome,  
não sou, que errey o nome.  
**ra.** Como nullo a mi contenta  
olhay ca minha senhora,  
crede húa cousa de mi,  
que o que digo he aíst,  
senão ficaiuos embora  
que eu não quero esta aqui.  
**ve.** Huy filho tornade ca,  
ouuime húa rezão,  
o Nuncio que aqui está  
te me muy grande affeyção,  
nessas horas me dará  
húa boa absoluição  
filho se aqui me esperais,  
eu volla trarey aqui.  
**ra.** Hy que eu o farey aísti  
se vosmuíro não tardais.  
**v.** Vai se a velha a buscar absol-  
uição, & fica o rascão di-  
zendo soo.  
**ra.** Não he de maranilhar  
moças fermotas, & ollas  
de se arem de casar,  
p as que velhas iem arnelas  
te q ierem inda encachouçar  
senhoras que vosparece  
destas velhas engeihadas,  
est o meas entreurdas,  
& tao sois não se conhecem

fê estas com todos seus danos  
andão da forte que vedes  
ser do de tanta ydade,  
que farão as de quinze annos,  
tenão romperem paredes  
por cumprir sua vontade

Mas porem quem isto entêde  
achara clara rezão,  
que quanto mais velhas são  
tanto mais nellas se acende  
este fogo d'alcatrão.

O hai por quam pouco chinho  
me tinha ja enliado,  
se eu não fora auitado  
que lhatalhara o caminho,  
como ficara auitado.

Pera que he fallar mais nisso,  
olhay como lançoh a mão,  
nunca vi tamanho riso,  
& agora em todo seu fiso  
vay buscar absoluição.

Mas não ha de ser assi,  
porque eu quero me acolher  
que quando ella vier,  
que me não achê aqui.

¶ Vay sé o rascão, & torna o  
vilão da demanda.

Vilão.

Trago grandê menencer a  
do que la me accnteceo,  
contai vos ey a hystoria,  
mastenho tao má memoria  
que ja tudo me esqueceo.

Andey de ca pera la  
roiuey de la pera aqui,  
daqui roscar pera ca,

& de ca pera a cola,  
em fim nunca ouue fim.

Ver. Acabay ja de contar  
como passou vosso feito.

vil. Trago tamanho despeito,  
que chlou pera me enscarar,  
& deitar por hi a eyto.

A justiça não parece,  
a verdade he desterrada,  
& a mentira honrada  
o que agora mais merece  
esse ha menos toldada.

A meu pay ouui d zer  
nego húa autoridade,  
nunca me ha de esquecer  
quem quiter ter de cor. ex,  
que nunca fãlle verdade,  
tenão sempre á vontade  
do sentor com quem viuer.

ver. Nos outros tépes passados  
era n uito homiada  
do poue muito adorada  
& agora por seus peccados  
ande assi cefurada.

vil. Os homês hao de seguir  
a o peniãõ geral.  
porque ja em Portugal  
quem nao custuma mentir,  
nao alcança hi mo reall

Que os homês verdaderos,  
nao são tidos nua pa ha,  
os que são mexeriqueiros,  
mentirosos, licoagevies  
elles vencem a batalha.

Hi nao haja meceres,  
nem seruis em diligencia

quem quizer ter que comer,  
trabalhe por aderencia  
auera quanto quizer.  
Vós outros que andais no paço  
nunca vos falta de goſto  
& eu aſſi como ſão roſco  
ſegundo a vida que faço,  
não trocaria com voſco.  
Porq̃ com duas ſardinhas  
fico eu mais ſatisfeito,  
que vós com voſſo deſfeito,  
né com capoés, né galinhas,  
não vos fazê mais proueito.  
q̃ Torna a velha com a bula do  
Nuncio na mão com hũa coifa  
laurada na cabeça, & veſtida co  
mo noyua, & diz.  
ve Trago o ſpiritu tão canſado  
que não ſey parte de mi,  
depois que parti daqui,  
nunca mais comi boçado,  
& creio que pão não vi.  
Huy filho onde eſtays,  
eſ areis ja agiſtado.  
vil. Dona por quem perguntays,  
ve. Por hũ mancebo dourado  
mais bello que os corais.  
Como não ſe elle aqui.  
vil. Olhay dona eu vos direi  
tudo quanto delle ſey,  
hoſelhas que o não vi.  
ve. pois eu aqui o deixey.  
vil. Alguem o faria hir.  
ve. Boa conruſão he eſſa  
como ſe auia elle d'hir.  
vil. Como ſe auia elle d'hir,

278  
pera nunca ca mais vir.  
ve. E eu ficarey por beſta.  
vil. pois aſſi ha de prêtumir.  
Era elle voſſo irmao,  
ou outrem que vos pertem.  
ve. Era filho hum cortefam.  
vil. Vos ſiaſuos de rascam  
leuaruos hia algorem.  
ve. Não leuou ma ora não  
mas eſtauamos concertados  
ou quali quali caſados,  
& deixoume agora em vão  
com meu dinheiro gaſtado.  
Aſſi vós ajais bençãõ  
de voſſos antepallados  
qu'eſta minha abſoluiação  
me couſto cinco cruzados  
logo contados na mão.  
vil. E elle joga ca deſſa arte  
faz gaſtar o mialheito  
então deyxauos de parte.  
ve. Nã me dá a mi do dinheiro  
que inda me ficou queſarto  
Pcrem dan e da canſeira  
que leuey de ca pera la.  
vil. Eu vos direy que ſerá  
pois ja não tendes maneira  
achogaiuos pera ca  
pois ja eſſe outro vai na vela  
quero vos dizer quem ſão.  
Meu pay naceo no Fundão,  
minha mãy em Margereta,  
& a mi chamão Iam Antão.  
Se marido eys de tomar,  
eu era o verdadeyro.  
ve. Tomar vos ey por parceyro

mas não he pera flar  
de nenhū homem folteyro.  
vil. Começo não eys de ter  
senão nego boa ventura,  
dormir, folgar, & comer,  
em mim não entra tristura,  
eu faõ o mesino prazer.

Vos o sancto, nem domingõ  
não aueis de trabalhar,  
& por tanto eu vos digo  
que caseys ora comigo  
não çfrais de refusar.

ve. Si, mas eis me de jurar,  
que depois de ser casado,  
que aueis comigo de estar.

vil. Digo que se vos negar  
que eu moura enforcado.

ve. Filho pella minha benção,  
que eu não tenho vontade,  
porem dayme ca essa mão.

vil. O calamento de verdadeira  
ha de ser pello abbade,  
& namja dessa feição.

Hulo trigo que aqui esta,  
nem tao fõmente auea,  
vamonos ora a aldea,  
que lá nos receberá  
inda que seja á candea.

E pera nossa alegria  
quero hir chamar Fernando  
Catalina, & Mecia,  
entonces com hũa folia  
hirentos todos cantando.

¶ Vayse.

ve. Huy, & eu deixeyo hir,  
fuy lá muita era ma

eu dentro na alma me da  
que não ha ca mays de vir  
porque não fuy eu ora lá.

Vede porque eu lá não fora  
não são pera nenhum bem,  
todo quanto mal me vem  
saõ delle merecedora,  
pois me fio de ninguem.

¶ Aqui entra Fernando Pastor,  
& tres moças pastoras, & hũa  
per nome Mecia, & outra Ca-  
terina, & outra Filipa, & acabi-  
do de cantar, diz Fernando ao  
senhor de casa.

¶ Fernando.

Esteis muyto na boa hora,  
& tendais muyta saude  
porque dizem lá por fora,  
que em vossa merce mora  
grande soma de virtude.

E taçouos a saber,  
que estou muito aparelhado  
a fazer vosso mandado  
com bem podereis ver  
quãdo por vos for chamado

¶ Mecia.

Tambem eu senhor desejo  
cõ muy limpia, & saãvõtade  
daruos minha liberdade,  
& feruir sem nenhum pejo  
a vossa muita bondade.

ca. Eu tambem nobre senhor  
posto que vos não conheça  
por respe to do autor  
vos feruirey com amor  
atè que a vida faleça.

Filipa.  
Pois se eu tanto valeſſe,  
term a por muyto ditosa  
se me a mim pareſſe  
que de ſeru r mereceſſe  
peſſoa tão virtuosa.

Fernando.

Ora pois eu ſam chamado  
pera eſta reſeſtella,  
dizeime qual he a donzella,  
com q̄ embora ſois caſado.

me. Samicaſa ſerá aquella.

Vilão.

Não muyto mal adeuinha.  
ca. Pois qual ſerá a hõ lograda.  
ve. Buſcades a deſpoſada  
vedas me aqui onde eſtou.

ſer Deos vos faça deſcanſada  
mana leuantayuos ora.

ſili. Boſas ja eu vi outro dia  
noyua ſer mais deſenuolta.

ve. Como ſou per ca per fora,  
logo ſão de todo morta.

Mécia.

Como caſaſtes tão cedo.

ca. Sey que tem a mãy cioſa,  
& a men na he fermosa,  
& ſicais aua medo

de lhe aquecer algũa couſa.

Fernando.

Iſſo o deue de cauſar,  
porque he couſa perigosa  
eſtar meç a tão fermosa  
muito tempo de caſar.

E pois ja todos viemos,  
& deixamos noſſos gados,  
hũa chacota ordenemos,  
& com ella nos hiremos  
de prazer agañados.

Diz Caterina á verdade.

Senhora pois vos achais  
em eſta feſta preſente,  
peçouos que nos queyrã  
a udar pera que ma s.  
ſe faça perfeitamente

Verdade.

q̄ Digo que ſam muy contents  
pois me vós mana rogais

q̄ Saem ſe rodos cantando, &  
dão fim ao preſen-  
te Auto.

F I M.





---

Preço 500 réis

---

